



ESMERALDA

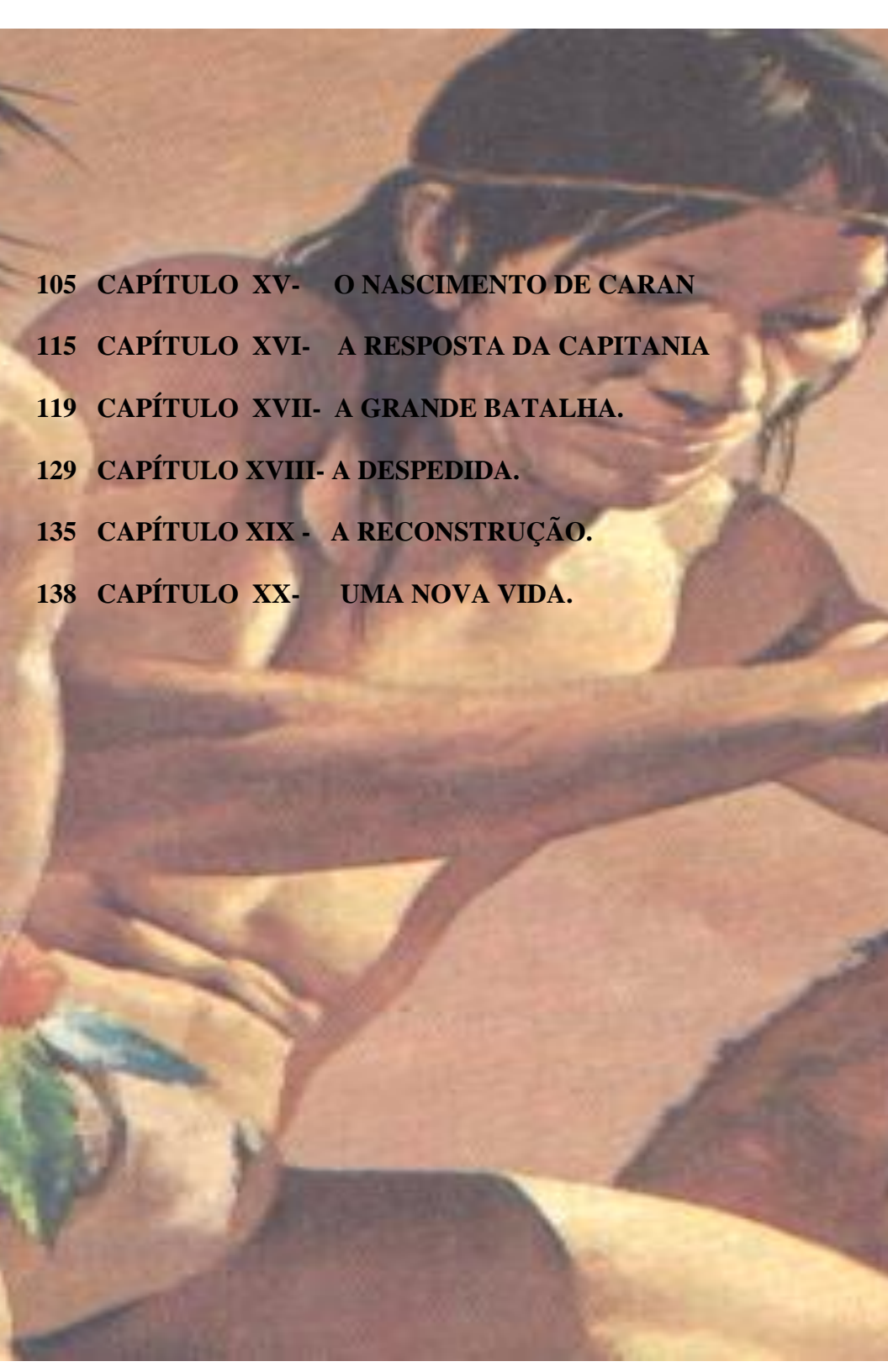
**A ESCRAVA
DO
CARRASCO**

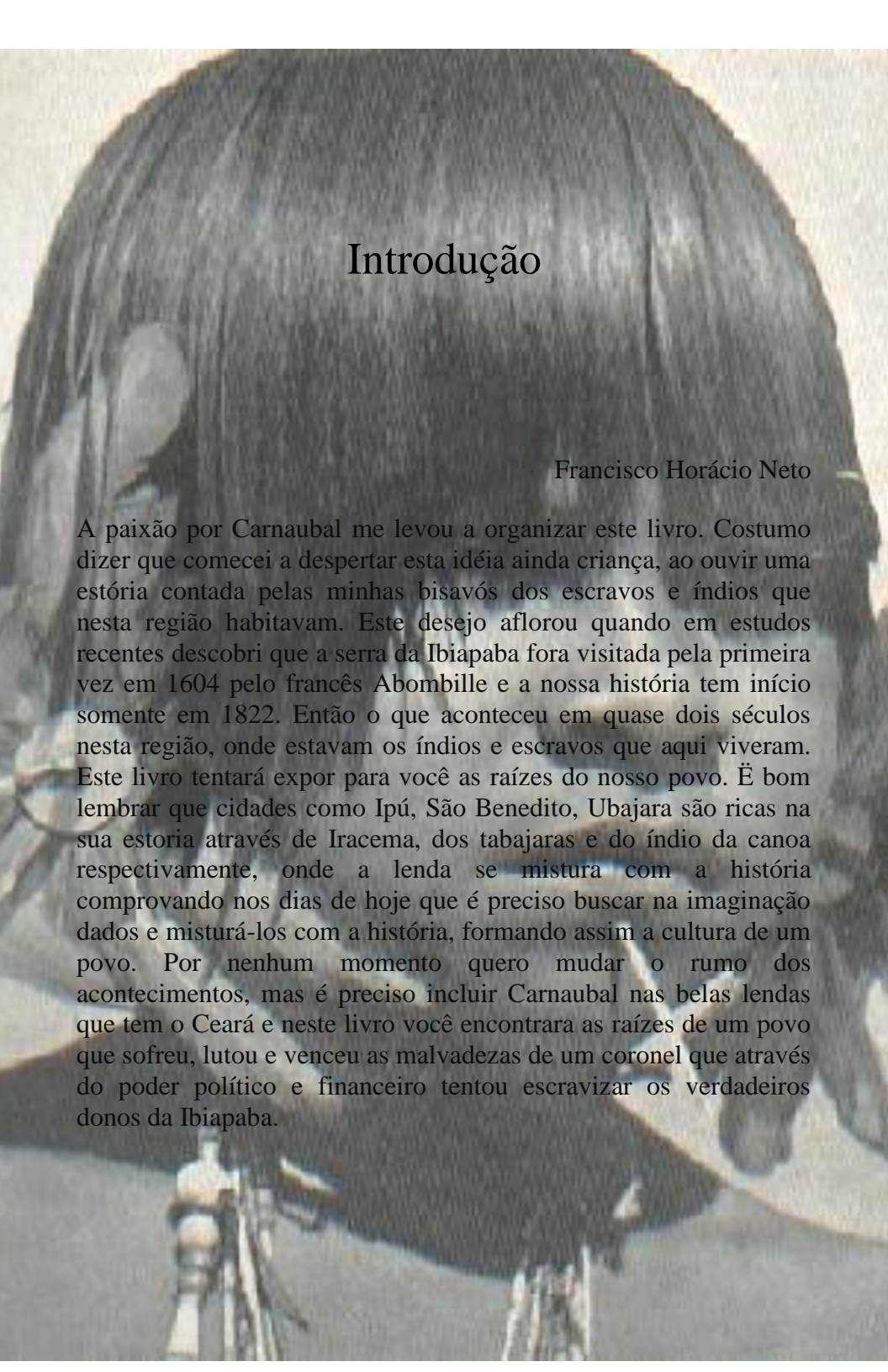


Sumário

Apresentação.

- 6 CAPÍTULO I - OS ÍNDIOS POTIGUARES**
- 13 CAPÍTULO II - CORONEL FREDERICO FEITOSA**
- 18 CAPÍTULO III- EM BUSCA DE NOVOS ESCRAVOS**
- 26 CAPÍTULO IV- O EREMITA**
- 31 CAPÍTULO V A EXPULSAO DOS IMIGRANTES**
- 37 CAPÍTULO VI- A CHEGADA DE ESMERALDA**
- 46 CAPÍTULO VII- O ENCONTRO DE ESMERALDA E IACORUMA**
- 55 CAPÍTULO VIII- A EMBOSCADA.**
- 67 CAPÍTULO IX- O ATAQUE DAS ONÇAS.**
- 77 CAPÍTULO X - A RESPOSTA DE IACORUMA.**
- 86 CAPÍTULO XI - FUGA PARA O PINGA.**
- 91 CAPÍTULO XII – O RETORNO À FAZENDA.**
- 97 CAPÍTULO XIII- O JUNCO.**
- 101 CAPÍTULO XIV – A MORTE DO GRANDE CHEFE**

- 
- 105** CAPÍTULO XV- O NASCIMENTO DE CARAN
- 115** CAPÍTULO XVI- A RESPOSTA DA CAPITANIA
- 119** CAPÍTULO XVII- A GRANDE BATALHA.
- 129** CAPÍTULO XVIII- A DESPEDIDA.
- 135** CAPÍTULO XIX - A RECONSTRUÇÃO.
- 138** CAPÍTULO XX- UMA NOVA VIDA.



Introdução

Francisco Horácio Neto

A paixão por Carnaubal me levou a organizar este livro. Costumo dizer que comecei a despertar esta idéia ainda criança, ao ouvir uma estória contada pelas minhas bisavós dos escravos e índios que nesta região habitavam. Este desejo aflorou quando em estudos recentes descobri que a serra da Ibiapaba fora visitada pela primeira vez em 1604 pelo francês Abombille e a nossa história tem início somente em 1822. Então o que aconteceu em quase dois séculos nesta região, onde estavam os índios e escravos que aqui viveram. Este livro tentará expor para você as raízes do nosso povo. É bom lembrar que cidades como Ipú, São Benedito, Ubajara são ricas na sua estoria através de Iracema, dos tabajaras e do índio da canoa respectivamente, onde a lenda se mistura com a história comprovando nos dias de hoje que é preciso buscar na imaginação dados e misturá-los com a história, formando assim a cultura de um povo. Por nenhum momento quero mudar o rumo dos acontecimentos, mas é preciso incluir Carnaubal nas belas lendas que tem o Ceará e neste livro você encontrara as raízes de um povo que sofreu, lutou e venceu as malvadezas de um coronel que através do poder político e financeiro tentou escravizar os verdadeiros donos da Ibiapaba.



OFERECIMETO

AO SAUDOSO

FRANCISCO RODRIGUES MARTINS
(Meu Pai)

AO GRANDE CARNAUBALENSE

FRANCISCO HORÁCIO DE BRITO
(Meu avo)

CAPÍTULO I

OS ÍNDIOS POTIGUARAS

Manhã de domingo, o sol consome as gotas de orvalho da madrugada, um vento tímido esparrela areia pelo mato verde das margens do rio. A água cristalina vagueia em forma de pequenas ondas rio abaixo, pássaros com seus cânticos dão vida àquelas terras lesas pelo tempo, é fácil ouvir o som dos cupidos, galos de campina, canários e pintassilgos. É uma região inóspita, poucas árvores dão conotação à paisagem modelada na maioria por carnaúbas, coqueiros, sabiás e plantas rasteiras onde se percebe dezenas de jaçanãs e jacutingas. O curso dagua natural formado por curvas invade os carnaubais facultando vida às palmeiras é uma verdadeira mesopotâmia. De uma visão ampla se percebe um cinturão de morros circulando o vale como se o defendesse da fúria da natureza, uma névoa extensa cobre aquele campo confundindo o verde com o branco encobrendo as belezas das palmeiras.

No mais, apenas algumas ocas diferenciando a paisagem das matas ainda virgens. Ao longe se percebem

moleques
rendilhando com cachorros
esqueléticos, numa
brincadeira de vai e vem
despreocupados com o
transpor do tempo, são
apenas meninos, lá
estavam,



Acanga,
Tatugaçú, Baru e um jovem que se destaca dos demais, é Iacoruma. Este jovem de bela feição, já homem formado considerado agalhudo, é o filho do

chefe dos potiguaras. Mais adiante outros dois moleques aparentando apenas nove anos treinavam na pescaria utilizando os puçás e o timbó, era um tipo de brincadeira onde acabavam apanhando peixes que dava para alimentar muitos da tribo, de tudo pescavam, o bodó, a traíra, a piaba, o acará, mas o que mais gostavam de pescar era a curimatã principalmente se tivesse com ovas. Os potiguaras eram hábeis nadadores, e passavam por um processo de aprendizado com essa finalidade.

Todos eles usavam botoques, pequenos pedaços de madeira nos lábios e se sentiam ufanos como se já fossem grandes aguerridos.

Todos os pequenos guerreiros demonstravam grande admiração por Iacoruma que trazia consigo o dom da liderança. Nas brincadeiras da pesca e caça, riam quando capturavam pássaros vivos através de flechas com algodão



nas pontas, os passarinhos rodopiavam e caíam bêbedos devido à traquinagem dos moleques. Veneravam a época da visita das avoantes vindas da África onde apreendiam centenas vivas e matavam outras dezenas não se preocupando com o abandono dos ovos ou filhotes que ficavam a deriva dos predadores ou do destino. Naquele momento Acanga corre em direção a Iacoruma para lhe mostrar um grande feito.

- Iacoruma olhe!

Trazia consigo dois grandes muçus, sabia que o filho do grande chefe se deliciava com a carne daqueles petiscos, mas no momento Iacoruma fazia arcos e

flechas, pois em sua mente predominava a libertação do seu povo, mas agradeceu ao irmão e comentou.

-Você tem o coração muito bom Acanga, obrigado por lembrar-se de mim, depois de completar os dez arcos iremos preparar um bom jantar. Acanga com seus olhos brilhante e sorriso maroto pergunta.

- Porque você faz tantos arcos irmão se não temos os guerreiros para usá-los? Acanga questionava seu irmão porque todos os dias Iacoruma fazia dezenas de arcos e na aldeia só existiam crianças, mulheres e anciãos. Ao responder Iacoruma olhou para o céu, viu dois cupidos seguindo em direção desconhecida olhou para os muçus e falou.

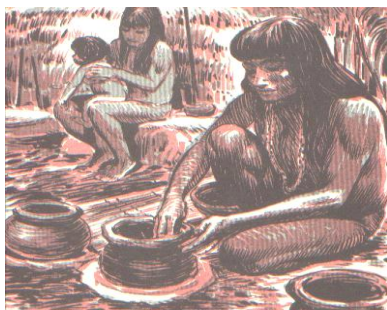
- Veja no céu irmão, os pássaros vão e vem sem se preocuparem com o dia de amanhã e ninguém sabe para onde iram, pois têm sua liberdade dada pela natureza. Um povo sem liberdade é como esses dois muçus Acanga, eles estão mortos, a única diferença é que esses animais não têm mais como reagir e nós temos, o melhor presente do homem é sua liberdade para seguir onde manda o seu coração.

Dizendo isso Iacoruma chama seus irmãos para voltarem à aldeia.

-Vamos embora cambada, já basta por hoje. Todos pegam suas prendas, juntam suas coisas e retornam a tribo.

A TRIBO

A tribo composta por pequenas tendas em forma de um círculo com uma grande ao centro parecia ao ermo, somente algumas mulheres lavando roupas, outras fazendo caisuma bebida afermentada de milho cozido e mocororó, uma bebida feita de caju



dava indício de vida humana, próximo às índias tem um ajuruapara papagaio verde de frente amarela e bico preto que imitava as gargalhadas dos meninos e mais adiante tinha um caburé – do - sol que observava as traquinagens dos moleques, do outro lado se percebia algumas mulas num curral mal feito, e uma fumaça desaparecendo no céu completando o ambiente. É a tribo dos potiguaras, índios que a muito vivem nestas terras, desde a vinda dos missionários Francisco Pinto e Luiz Figueira em 1607 quando houve a segunda tentativa da colonização do Ceará. A causa da vinda dos potiguaras junto aos jesuítas á serra da Ibiapaba, era porque eles eram índios pacíficos e isto ajudaria os missionários a catequizar os filhos da terra considerados ainda selvagens. Os potiguaras não eram filhos da Ibiapaba, mas foram obrigados a se adaptarem nesta região quando em 10 de setembro de 1611 foi decretado que todos os índios colocados em cativeiro por Pêro Coelho deviam ser libertados, como também o objetivo dos potiguaras havia terminado já que os restantes das tribos da serra haviam sido doutrinadas. Sem aplauso, principalmente quando os índios tucurijus

matam o padre Francisco Pinto e expulsam Luiz Figueira, desbaratando a missão chamada de Ararenda, os índios potiguaras voltam às suas terras, só uma tribo restou e se localizou na região *sul da Ibiapaba para não entrarem em conflitos com as tribos já instaladas na zona **norte, aonde ali habitavam antes do descobrimento do Brasil. Quando aqui se alojaram os potiguaras encontraram apenas a mãe terra para o trabalho, os tabajaras permitiram sua presença por já terem as terras necessárias para caçar e pescar e por já serem catequizados pelos missionários com a ajuda dos próprios potiguaras. Os novos filhos da terra se amoldaram aos trabalhos com as palhas de carnaúbas, mas predominantemente viviam da pesca, da caca e das plantações de mandioca e feijão.

O CREDO

Cultuavam espíritos cósmicos, como o sol, a lua e o vento, apesar de já conhecerem o catolicismo ensinado pelos jesuítas quando os trouxeram as estas terras, mas nunca desamparariam os seus credos. Um dos seus rituais mais comuns acontecia no * Morro dos ventos fortes, onde se praticava o torém uma dança de tradição praticada por todas as nações que habitavam o nordeste do Brasil. Quando se dirigiam ao morro levavam toda a tribo inclusive as crianças para avaliarem a importância do torém, lá confeccionavam um boneco de madeira de dois metros de altura, enrolavam com palhas de bananeira dando forma ao corpo, sua cabeça era uma cabaça cheia de buracos sendo o maior a boca, os cabelos eram feitos de palhas de carnaúbas em forma de tranças, os olhos e o nariz eram pintados com carvão e urucu. A razão de a cabaça ser furada dava-se a

crença dos potiguaras de que o som que saía da cabaça pela passagem do vento nos buracos, são as mensagens dos deuses que eram interpretadas pelo feiticeiro. Se o feiticeiro transmitisse a mensagem dos deuses como ruins, os índios queimavam o boneco, mas se a mensagem fosse boa o boneco era saudado por uma semana inteira e depois enterrado como se fosse um grande guerreiro. Na festa utilizavam o membi, flauta de osso humano feita na maioria das vezes das crianças que morriam precocemente, também tinha o Uaí que é um tipo de tambor usado nesta dança. Na dança do torem nenhum negro ou branco poderia tomar parte, nem mesmo o coronel Frederico Feitosa, os índios preferiam morrer a mostrar sua tradição a um povo desconhecido, mas o coronel sabia e não se importava, pois considerava coisas de um povo maluco e sem cultura. O chefe dos potiguaras Ubaúna falava sobre um ditado da tribo da época dos seus avós.

- *“Virá um dia um homem branco, em pano brilhoso vestido, montado em um animal ignoto dir-se-á que será dono de todas estas terras e tentará levar todos vocês a escravidão. Tal homem beberá do vinho dos seus avós, entoará as músicas que embalam as suas crianças e fingirá louvar os espíritos cósmicos que originaram vocês e que puseram vocês na terra. Não lhe mostrem a dança da tradição, o torém, pois será um dos poucos sinais, no futuro de reconhecimento dos filhos da terra”.*

NOTA. Quando o autor se refere à zona sul da Ibiapaba é onde se localiza hoje o município de Carnaubal e a zona norte é relativo ao município de São Benedito

NOTA. O Morro dos ventos fortes conhecidos pelos potiguares é hoje o Morro dos Firmino.

NOTA. A aldeia dos potiguares se localizava próxima ao rio inhucu, mas precisamente no local hoje conhecido como passagem, sendo nas terras que hoje pertencem aos herdeiros do saudoso Antonio Lindolfo Gomes.

CAPÍTULO II

CORONEL FREDERICO FEITOSA

É o ano de 1729. Em meados de Junho chegou à serra da Ibiapaba o Coronel Frederico da Costa Feitosa proveniente do Alto Jaguaribe, mas suas raízes são de Pernambuco de uma localidade chamada de Serinhaém. Os Feitosa saíram de Pernambuco e se internaram no Alto Jaguaribe por ocasião da guerra com os holandeses, somente Frederico Feitosa rumou para as bandas do norte do Ceará. O coronel é conhecido pelos poucos habitantes da região pela sua iniquidade e dominação, se apossou de todas as terras que o rio corta do nascente ao poente reprimindo índios e ribeirinhos. Antes dos potiguaras serem conquistados, houve muitas batalhas, nas lutas os índios perderam grande quantidade de arcos. Enquanto lutavam suas mulheres e crianças eram traiçoeiramente seqüestradas o que os obrigou a se redirem após meses de lutas. Frederico da Costa é um sujeito de feições ríspidas, com um metro e oitenta de altura, pesando noventa e dois quilos de pura massa muscular, barba bem feita, olhos azuis, cabelos brancos que combinam com seus setenta e seis anos. Usa roupas de linho provenientes da capitania. Chapéu de coró, botas de cano longo, sempre trazendo no cós uma pistola adquirida em Portugal e um punhal de prata ganho de presente na Vila do Rio de Janeiro. Frederico conhecido no império por diversos poderosos que lhe davam direitos de abranger esta região. É um homem sem temor a Deus, sem brandura no coração visando apenas riquezas e poder. Todas as manhãs se

senta em uma cadeira de balançar feita de cedro com palhas de carnaúbas, bem acabada que fica a olhos vistos na varanda da casa grande. Frederico Feitosa venera visualizar as terras que lhe pertencem. As plantações vão desde a cana de açúcar, feijão, milho e mandioca, da varanda da casa grande dá pra ver o rio suprimindo o mundo verde que lhe pertence.

A CASA GRANDE

A casa grande prédio maior da fazenda do coronel possui uma arquitetura portuguesa com toques indígenas dos Potiguaras, a entrada é uma varanda com quinze metros

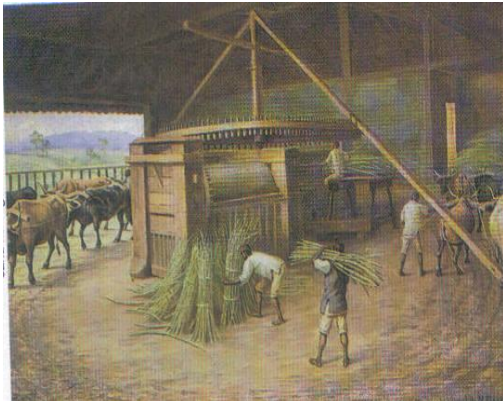


de comprimento por cinco de largura, feita de madeira proveniente do Maranhão, fazendo um belo pacto com as carnaúbas trabalhadas pelos escravos, na casa existe uma sala grande, doze quartos e uma cozinha, logo após a sala de entrada tem uma escada que dá para os cômodos de cima. As portas e janelas têm modelo em forma retangular, sendo nas arestas de cima oval, todas pintadas na cor azul e ornamentadas com bambinelas. Por todos os cômodos existem trabalhos feitos pelos índios com a palha da carnaúba.

Ao lado esquerdo da casa há um curral com cavalos, vacas e algumas mulas. Próximos ao engenho localizam-se as casas dos escravos diferenciando pouco

do curral do gado, apenas um quarto grande de adobro coberto de palha de carnaúba, tinha na média uns trinta quartos eram verdadeiros tugúrios, local feito para amparar cem negros e negras com seus filhos. Muitos destes pilhéricos eram filhos dos capangas do coronel e mesmo de Frederico Feitosa que tinha repulsão das escravas, mas não dispensava uma mulata de quinze anos, também existiam muitos zambos que eram filhos de negros com índias.

No lado direito da casa onde se faz a cachaça é um engenho quase artesiano que diretamente requeria o trabalho de quatro negros, passando a cana pelas moendas e o gado girando através de um braço grande



de madeira. Atrás da casa uma grande criação de aves, desde galinhas, capotes e perus, todos os dias era a terapia de dona Matilde por milho e pirão de farinha àqueles animais. A uns cinqüenta metros da casa ao norte existe uma ermida de pequeno porte feita a pedido de dona Matilde esposa do coronel, em frente á capela um vergel repleto de flores, dona Matilde tinha antomania e por isso em todos os locais da fazenda havia dezenas de espécies de rosas. A capela é apenas um cômodo com cinco metros de comprimento, por quatro de largura. Paredes sem reboco, teto de palha de carnaúba, com apenas uma entrada semi fechada com

uma esteira, dentro alguns tamboretos e ao centro da parede do fundo uma banca para sustentar uma imagem de nossa senhora Auxiliadora. Pelo lado de fora um sino presenteado a dona Matilde pelos jesuítas em Pernambuco.

DONA MATILDE

Coronel homem ímpio permitiu a construção da capela após anos de pedidos de dona Matilde, mulher esta, completamente devota da igreja católica através de Nossa Senhora e São Francisco de Assis. Desavinda do esposo, é bondosa, paciente e tranqüila. Sempre estava protegendo os índios e escravos das perversidades de seu marido. È uma mulher de porte médio com um e sessenta e seis de altura, magra, cabelos grandes que formam um belo cócô, olhos castanhos e um sorriso sempre aparente. Veste-se com simplicidade, sem uso de adornos como anéis, pulseiras ou colares, mesmo assim tinha catitice, conhecia a corte e tinha até freqüentado por ocasião da visita de seu pai a vila do Rio de Janeiro, lá presenciou varias damas com seus trajes imitando à moda de Portugal, mas não se importava com aparências mundanas. Todos admiram e amam aquela mulher. Sua única tristeza é nunca ter parido um filho, razão maior por aceitar as desavenças diárias do marido. Criava os filhos do esposo com índias e escravas, tratando a todos como seus filhos. Um destes se destaca dos demais, mesmo sem ter o sangue de dona Matilde, tinha todas as características de sua mãe de criação, é bondoso, calmo e competente com os afazeres caseiros. José Maria chamado pela sua mãe natural uma índia potiguar por Zulu é um jovem de aparente elegância, traz um corpo herdado de seu pai e

a beleza da índia Zulmira sua mãe, possui cabelos pretos como o carvão, olhos azuis como o céu, e uma pele parda. Aparentemente é um grande homem com estatura de quase dois metros de altura, corpo musculoso, mas seus gestos são bem afeminados como sempre o coronel criticava e odiava as maneiras de Jose Maria. Dona Matilde havia casado com o coronel por obrigação de seu pai e predestinada a obedecer e aceitar as desavenças de Frederico Feitosa. Tinha conhecimento e leitura, pois era filha de pais bastardos e passara muito tempo na vila do Rio de Janeiro se aprimorando nos estudos o que explicava a sua defesa dos negros, pois na época já havia um grande movimento abolicionista. Dona Matilde pode ser considerada a mãe dos escravos nesta região.

CAPÍTULO III

EM BUSCA DE NOVOS ESCRAVOS

Em uma manhã de janeiro do ano de 1735 o coronel chama seu primeiro capataz para lhe entregar uma tarefa.

- Capitão Manuel Teodoro. Venha cá homem.

Manuel Teodoro é um sujeito grosso e cruel, para expor escravos e índios na linha é capaz de aniquilar um como exemplo para os demais, surrar no tronco é uma simplicidade no dia a dia. Homem de pele clara, estatura média, odiava a tudo e a todos, sem mulher e filhos vivi apenas para servir o coronel na disciplina com os escravos, manca duma perna e passa o tempo todo cocando a cabeça quase sem cabelos devido a um jereré, doença pega no Alto Jaguaribe. Tem um segredo conhecido apenas pelo coronel, anda sempre cabisbaixo e desconfiando de todos. Ao ouvir o coronel, Manuel tira seu chapéu, ajeita sua carabina no ombro, coça o cabelo e prontamente lhe atende.

- Sim coronel o que vossimiçê ordena.

O coronel tem uma maneira esquisita de passar a mão no queixo alisando sua barba, dar uma pausa alisa as sobrancelhas e fala.

- Manuel, estive observando que neste ano o inverno será bom e nós iremos precisar de mais escravos, você mesmo sabe que esses índios são um bando de bundas moles, preguiçosos e infelizmente, poucos, já que a maioria dos índios da serra da Ibiapaba tem liberdade concedida por um conselho formado por homens bisonhos nos seus escritórios, sem conhecer o valor de uma terra bem trabalhada. Deu uma pausa depois continuou

-Valioso mesmo é sangue negro, animais que nasceram pra convir a nós senhores feudais. Depois de uma baforada em seu charuto, olha pro capitão Teodoro e continua.

-Pras bandas de Pernambuco tem venda desta negrada de preço módico, mas evite comprar os de valor de 18\$ réis, eles são baratos porque têm doenças, só servem pra dar trabalho, em vez de trabalhar. Junte doze homens vá até o coronel Eptácio Pessoa e me traga uns trintas negros sadios e sete mulatas bonitas.

O coronel ao falar nas mulatas deu uma gargalhada, balançou sua cadeira, franziu a testa e falou.

– Agora se você vexar ou matar algum, sem a minha ordem eu mesmo tiro o seu côro.

O capitão sem querer responder mal ao seu patrão, falou.

- Mas coronel eu só aboco esses desgraçados quando merecem!

- Eu não terminei, você por acaso vi eu terminar?

-Perdoe-me coronel.

- Traga-me todos de bom porte, sadios, musculosos, mesmo que tenha que pagar 60\$ réis por cada um, não importa, o indispensável é que trabalhem até eu ganhar isto por mil vezes. Parta amanhã na madrugada, deixe o Timóteu cuidando dos índios e negros do engenho, o resto é por minha conta, já que a Matilde transforma meus filhos num bando de afeminados.

Coronel se referia a José Maria.

-Coronel o senhor deseja escravas que tenham filhos afinal eles não são cobrados e logo ajudaram na lavoura.

- É vale apenas dá comida até ficarem no ponto de trabalho, mas observe se não são doentes, se trouxer eu expulso a todos ou deixo morrerem de fome.

- E as mulatas todas na faixa de quinze anos?
- Nem precisava perguntar né Manoel! Afinal de peito mole tem é a ruma por aqui!
- Quanto ao dinheiro coronel?
- Vou lhe dá 2\$000 reis antes da saída, agora vá cuidar da viagem.
- Sim coronel.

A VIAGEM A PERNAMBUCO

A viagem a Pernambuco é longa e difícil, mas compensatória pelas paisagens das matas e cachoeiras pela serra. Manuel precisará de no mínimo dois meses e quinze dias para completar a viagem e trazer os escravos. O capitão irá pelas principais vias de comunicação, tendo como principal ponto de referência, a vila do Icó e a estrada das boiadas que liga o Ceará ao Piauí, cortando a capitania no sentido Noroeste/Sudeste e passando pela região do Acaraú, cruzando com a estrada geral do entroncamento comercial e daí seguindo em direção a Parnaíba e Pernambuco.

O dia a dia da fazenda é movimentado, os índios, as plantações, o engenho, os negros, os animais e como sempre algum negro no tronco por teimosia.

À noite a fazenda é agraciada com um céu estrelado, tendo como foco principal a Lua na nas suas majestosas formas. Quando o coronel ficava a beber suas cachaças e tirar prosa com as mulatas na varanda, o restante procurava dormir cedo, mas quando o velho viajava dona Matilde ordenava aos capangas que permitissem maior liberdade aos escravos, assim os negros rendiam culto as suas danças provenientes da África tipo o cacumbu, como também os índios entoassem cânticos aos seus credos. Ao longe se ouvia a batucada dos

tambores numa mistura de macumba com danças indígenas. Dona Matilde não censurava, mas também não participava da fé dos cativos, ao contrário, constantemente conseguia trazer os negros para o catolicismo; só não concordava quando os negros dançavam o bangulê uma dança ao som da puíta, palmas e cantigas obscena.

O TOCADOR

Naquela noite no lugar do coronel estava dona Matilde junta com algumas escravas e seu filho José Maria a observar a lua ao som da viola de Antonio Albuquerque, que entoava canções de sua terra natal. Albuquerque é um homem tocador, um andarilho destes que vivem passando a vida de lugar em lugar com suas canções e anedotas, poderia ser considerado um homem conspícuo. Contava as histórias e acontecimentos de onde passava. Após várias canções Albuquerque relatou a rebelião dos annasés no ano de 1713. Estes selvagens que há muitos anos viviam aldeados nas proximidades de Aquiraz, animados pela resistência dos demais no interior e insofridos do mau-tratos que recebiam dos brancos, uniram-se com outras tribos e acometeram a vila. Os habitantes procuraram abrigar-se na Fortaleza; mas, em viagem, á vista de Paupina, foram alcançados pelos selvagens, que lhes mataram cerca de 200 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Albuquerque deu um suspiro e comentou.

- Nunca na minha vida eu corri tanto, aqueles brutos gritavam como loucos.

Observando a história Maricota pergunta.

-Cruz credo! E vossimiçê tava lá?

O tocador deu um suspiro e apenas falou.

-Preferia não está Dona Maricota!

A negra ficou feliz da vida, pois nunca ninguém havia lhe tratado assim. Maricota era a escrava preferida de Dona Matilde considerada da família.

Todos estavam quietos com as histórias do contador, então dona Matilde interrompeu.

- O que aconteceu depois homem, conte!

- O governador Duarte reuniu um conselho de oficiais da câmara e cabos de guerra, mandou hostilizar os índios, nomeou o cabo geral das guerras, João de Barros Braga, coronel de cavalaria do Jaguaribe, que tinha vindo dali em socorro de Fortaleza, com duzentos homens a cavalo e trinta índios a pé. Fizeram horrorosa matança. Tendo prendido cerca de 400 índios, matou destes 95 com medo de uma revolta, isto fora as vítimas anteriores. O resto cativou para servir de exemplo. Após a história do contador, todos continuaram em silêncio, somente o negro JB comentou.

– Eu que num durmo mais com os índios e se eles tentarem me capar! E se eles...

Dona Matilde intercedeu, pois próximo estavam alguns potiguaras.

- Tenha juízo JB, isso aconteceu longe daqui a muito tempo atrás e eram índios selvagens! Dona Matilde se dirigia a João Bosco um menino de uns treze anos que sempre ficava com o coronel pra fazer os mandados, era conhecido como cara chata devido quase não ter nariz, mas adorava quando dona Matilde o chamava de JB, pois achava que era nome de gente importante,

Depois de alguns minutos Jose Maria intercedeu pela alegria.

- Há, mas esta historia já faz muito tempo, senhor Albuquerque depois de tantas canções bonitas, o senhor vem contar um drama deste! Toque musica homem!

E assim foi, desta vez o contador não alegrou o pessoal ao contrario deixou todos cabisbaixos. Iniciou uma canção bem animada para melhorar os ânimos de todos, logo esqueceram a historia e passaram a cantar junto com o trovador. Mas naquele ínterim dona Matilde ficou a pensar que umas desgraças daquela poderia ocorrer ali devido às malvadezas do coronel, toda ação tem uma reação e os negros e índios da fazenda eram muito mal tratados. Naquele momento dona Matilde livrou-se dos pensamentos e falou a todos.

- O cheiro do mato após a chuva é deslumbrante, pena que é somente uma bruega, lembro do primeiro dia que aqui chegamos, era uma terra primitiva mais com o tempo se tornou melhor que as terras do Alto Jaguaribe. Todos ouviam com atenção, apenas o tocar da viola era acompanhado pelo som dos sapos e grilos complementando a música. José Maria num tom calmo perguntou sua mãe de criação.

- Mãe, porque o coronel deixou as terras do Alto Jaguaribe e veio pra estas bandas, já que outrora a senhora me disse que os Feitosa tem muita influência naquela região? José Maria não tratava o coronel como seu pai, primeiro por era interdito, segundo porque Frederico o tratava como afeminado e ele odiava apesar de confessar para as mulatas e admirar os negros reprodutores. Matilde num espanto pela pergunta, suspirou, mas com a ausência do coronel acabou respondendo.

- No ano de 1729 Frederico foi expulso pela sua própria família por ter negociado com a família dos Montes, os quais viviam em guerra com os Feitosa, nisso seus

outros irmãos o expulsaram das terras do Alto Jaguaribe, Frederico tinha muita autoridade, mas não foi o bastante para permanecer por lá, então nós fugimos para esta serra que era habitada apenas por índios. Depois o coronel se apossou destas terras onde se encontravam só os potiguaras, índios catequizados e de fácil domínio. As outras tribos sempre ficaram mais para o lado norte, onde a terra é mais rica e a caça mais abundante, não existindo ali homens carrascos como Frederico. Os jesuítas tentaram se impor à escravidão dos índios, mas o coronel amparado por autoridades da província e por ser os potiguaras filhos de outras terras, tal imposição foi em vão. Depois dos índios cativados ficou mais difícil a interferência de outras tribos e dos próprios jesuítas.

A noite continuava, mas o tempo parecia não passar, todos desejavam que aquela noite se tornasse eterna, tudo estava calmo pela ausência do coronel, mas de repente o tocador foi atrapalhado por o negro JB.

- Refresco e cacharolete! Refresco pra sinhazinha e cacharolete para o tocador! O restante se quiser...

- Se eu quiser o que acontece JB? Perguntou José Maria.

- Eu vou buscar!

- Pois vai cara chata!

- Cara chata é...

José Maria se levantou e o moleque saiu correndo, JB parecia abodegado, mas era só aparência. Todos gostavam do negro, dizia as coisas sem maldade, só com Maricota a escrava mais antiga e de confiança de dona Matilde ele não tinha muita liberdade, até com o coronel JB respondia. Quando voltou JB pergunta.

- Posso contar uma piada? Todos responderam de uma só vez. – Não!

Já era tarde dona Matilde agradece a atenção do tocador dá alguns trocados, pois o mesmo irá viajar na madrugada e chama os demais.

- Todos vão dormir amanhã teremos muito trabalho.

Ao longe se ouvia o som das águas do rio, a noite parecia interminável pela calma perturbada apenas pelos sons dos sapos e grilos.

CAPÍTULO IV

O EREMITA

No dia seguinte logo pela manha surgiu na casa grande o Frei Josué era conhecido por todos, mas só visitava a fazenda quando dona Matilde mandava JB avisar que o coronel estava de viagem. Frei Josué é um eremita que vive sozinho numa localidade do lado oposto ao campo das plantas das lauráceas que o próprio Frei tinha batizado de baixa do cedro. O local é pouco freqüentado pelo coronel e seus capangas, pois era julgada terra dos índios tabajaras. O Frei Josué homem considerado santo pelos que o visitavam, tem olhos pequenos e brilhantes, cabeça cumprida e cabelos imitando são Francisco de Assis, vivia rindo para tudo e para todos conversando com pedras, água e animais, dona Matilde dizia que o padre era a reencarnação do santo de Assis e apreciava muito quando o Frei visitava a fazenda. Nas suas caminhadas abençoava a tudo e sempre andava com um saco nas costas que o apelidaram de velho do saco. Construiu uma capela e vivia de donativos dos transientes, mas especificamente dona Matilde sem o conhecimento do coronel. A capela era feita de pedra e argila e foi feita somente pelo Frei, tinha quatro por cinco metros era simples como o padre, não tinha reboco nem pintura, mas era bem acabada com uma cobertura de telhas feita também pelo eremita, no interior da capela ganhou uma imagem de seus companheiros de convento do santo São Bernardo e foi assim que alguns brincalhões o apelidaram de o saco de São Bernardo.

O SACO DE SÃO BERNARDO

Naquela manhã quando chegou à fazenda aparentava fome o que foi comprovado com a solicitação de café com tapioca e caxirim uma espécie de alimento preparado com beiju diluído em água.

- Bom dia pra todos! Bom dia pra minha protetora dona Matilde vim comer uma tapioca se for do agrado de todos.

- Frei Josué mais que surpresa boa entre a casa é sua.

-Sinhá Matilde eu estava com muita saudade da senhora e de todos da fazenda. Dizendo assim Frei Josué tira um ramalhete de flores e entrega a sinhá.

-Aqui estão estas flores pra colocar no altar de Nossa Senhora Auxiliadora.

-Muito obrigada meu amigo, mas entre coloque o saco de São Bernardo na mesa.

Dizendo aquilo a senhora Matilde sem querer já estava brincando com o padre e pede desculpas.

-Me perdoe frei Josué é a mania desse povo de colocar apelido em tudo!

-Não se avexe sinhá já me acostumei com essa brincadeira e acho até divertida. O importante é sorrir!

O negro JB aproveitou para tirar uma casquinha.

- E o que tem dentro do saco de São Bernardo Frei?

Antes que o padre responda dona Matilde recrimina JB.

-Deixe de besteira JB vá fazer suas tarefas.

O negro saiu rindo, mas uma vez o Frei leva na brincadeira.

-É um saco bom, enorme, leva frutas que cato no mato, uma farinha ou feijão que me dão, o saco de São Bernardo é abençoado! E começou a rir da estória. Todos com a permissão de dona Matilde vinham pedir a

benção ao Frei principalmente os índios que o chamavam de abaré.

-Deus e Jesus Cristo te abençoe, te dê muitas graças, paz de espírito, saúde, um grande casamento e paciência para que este casamento dure pra sempre! Amem!

O padre após se refazer da fome, comenta com dona Matilde.

-E o coronel cadê?

-Não se preocupe Frei Josué, Frederico só ira aparecer depois de amanhã, foi pras bandas do junco tratar de umas vacas leiteiras que estão doentes.

-Pois se a senhora permitir eu adoraria rezar uma novena pra Nossa Senhora Auxiliadora.

-Com certeza! As suas orações sempre são bem vindas a esta fazenda. Depois olhou com uma feição triste e comentou.

-Estou muito anteocupada meu grande amigo, o coronel esta a cada dia mais cruel com esses pobres índios e negros exigindo deles quase o impossível no trabalho e limitando a alimentação, se torna abespinhado por qualquer motivo, o que se percebe é negros doentes e subnutridos. O que faço padre? Sei que com sua santidade os espíritos puros ouviram mais.

-O Frei deu um sorriso, observou a preocupação da sinhá e comentou.

-A vida é uma aprendizagem senhora Matilde, há 1735 anos atrás veio o maior de todos os homens, o mais glorificante de todos os espíritos, ele conseguiu transformar muita coisa até hoje, mas a mudança é lenta e penosa, pois a maioria dos homens não entendeu sua mensagem. O coronel é um espírito pobre e não ira mudar sua conjectura da noite para o dia, mas nem por isso nós vamos permitir que ele continue com suas

malvadezas, se a senhora quiser eu irei até a Vila de Aquiraz e conseguirei apoio pra finalizar este calvário, mas as conseqüências podem ser desastrosas para o coronel, afinal ele só desistirá de seu poder terreno se perder uma batalha através das armas.

Dona Matilde pensou um pouco e resolveu adiar.

-Vamos primeiro orar, depois tomaremos outra decisão. O padre parecia esta no céu, entretencia com os filhos das escravas, cuidava do ferimento dos doentes e instruía os índios a rezar. JB é que não queria saber de reza corria a língua quando o chamavam para participar de uma oração. Mas onde mais o padre se divertia era quando dona Matilde mandava ele pegar galinhas e capotes pra levar pra capela de São Bernardo, o Frei corria junto com os outros meninos e ficava a agarrar-se prazerosamente A visita do Frei alegrava a fazenda em todos os sentidos, pois ele acalmava os impacientes, apaziguava os violentos, consolava os aflitos e abençoava os ateus. Até os capangas do coronel gostavam quando o Frei Josué estava na fazenda e por esta razão nada diziam ao coronel, afinal nas viagens de Frederico da Costa o capitão Teodoro sempre o acompanhava. Depois das orações das seis o Frade solicita permissão à dona Matilde para ir embora.

-Mas Frei Josué já é quase noite, espere amanhecer, afinal num já lhe disse que Frederico só vem depois de amanhã.

-Eu sei sinhá, mas tenho que passar na aldeia dos potiguaras, o velho chefe precisa de atenção como também toda a tribo.

-Concordo Frei Josué, mas deixe eu lhe ajudar com mais algum alimento.

O frei rindo disse. – Não! Se assim for o saco de São Bernardo vai arrebentar!

Dona Matilde sorriu, deu um abraço no grande amigo e desejou boa sorte. O Frei pegou o saco de São Bernardo e partiu deixando saudades a todos.

CAPÍTULO V

A EXPULSAO DOS IMIGRANTES

Os dias se passavam, coronel Frederico tinha razão o inverno estava se tornando um dos melhores dos últimos tempos, a chuva vinha com uma intensidade medonha causando enchentes e destruição das lavouras. O rio transbordou obrigando os Potiguaras recuarem suas ocas por mais de cinquenta metros acima das margens do rio. Naquele momento o coronel observava as plantações que a enchente havia invadido.

- Diacho, essa terra quando chove se acaba tudo, quando não chove se acaba também e ainda tem uns abeatados que dizem que santo é quem manda chuva, se assim fosse mandava só na medida certa.

O coronel foi interrompido por uma voz fina e alta.

- Coronel! Coronel essas mandiocas num prestam mais não!Nenhuma! Tem muito taminguá!

- E eu to te perguntando negro filho de uma égua! Deixa de me acatruzar sai daqui se não mando te esfolar seu mequetrefe. O mundo ta perdido mesmo até em negros colocam nomes de santo, sai pra lá tição. JB se afastou um pouco do coronel resmungando.

– Ô véi rui do cão, um dia eu vou ser donos dessa terra e terei muitos homens trabalhando pra mim.

Enquanto o coronel reclamava de todos e de tudo ao ver as mandiocas perdidas, chega Josisberto seu terceiro homem na ordem de comando da fazenda, é leal ao coronel, mas não gostava de maltratar os escravos, perdeu um olho em corrida atrás de gado quando caiu do cavalo em cima dum mandacaru apesar de ser um grande amanonsiador. Tem jeito de cangaceiro, mas só jeito, porque trata os escravos como homens e não

como animais como os demais capangas Chega em um cavalo branco bem tratado e com porte de corredor, não se preocupava pela perda do olho, pois o outro valia pelos dois. Aperreado grita ao coronel.

- Coronel! Coronel Feitosa!

O coronel sem entender o aperreio do homem, reclama, em primeiro por já está com muitas preocupações e segundo por que odiava quem o chamava de coronel Feitosa.

- Olha seu cabra safado!

Dizendo isso o coronel levanta seu chicote.

- Tu nunca vai comandar diretamente meus homens. Tu sabes porque, seu besta, porque tu não prestas atenção nas coisas, quantas vezes eu já lhe disse pra não me chamar de Feitosa seu abestado!

Josisberto não deu atenção às reclamações do coronel, porque o assunto que trazia era de urgência. – Perdoei-me coronel Frederico, mas o assunto que lhe trago tem urgência.

-Desembucha homem!

No lado da cachoeira do véu das noivas chegou uma caravana com mais de trinta pessoas e pelo jeito é para ficarem, já estão armando barracas.

- Tu és besta cabra, num vê que todas estas terras pertencem ao coronel Frederico da Costa e não tem homem de tamanha ousadia para me enfrentar?

- Pois é coronel, na hora que eu percebi vim logo lhe contar para evitar que eles se apossassem das terras, trazem escravos, cavalos, gado, tudo!

O coronel pensativo murmurou

.- Josisberto reúna todos os homens da fazenda e vamos ver que mutretagem é essa.

A CARAVANA

O coronel reúne trinta e dois homens bem armados e se dirige à zona leste. A região que o capataz se refere é a região onde se localiza a cachoeira conhecida pelos índios por véu de noiva e era visitada pelos missionários para batizarem os silvícolas. A família que acabara de chegar é proveniente da recente criada Vila de Icó. Quando a tropa chega ao leste o coronel observa a distancia o povo recém chegado, eram nômades, povos a procura de terras a mando dos senhores da vila de Icó com objetivo de povoar toda a região da serra. Havia muitos escravos, homens armados, muito gado, mulas e oito carros de bois com as bagagens. O coronel e seu bando se aproximaram vagarosamente com armas em punhos e chegando próximo ao um senhor de aparente elegância o coronel pergunta.

-Bom dia, poderia me indicar o responsável por está caravana?

O Homem, rosto corado, voz suave, usando botas longas e chapéu de coroa respondeu calmamente.

- Sou eu mesmo mestre, em que posso lhe servir?

-Me explicar o que está ocorrendo aqui, esta terra são minhas e pelo que estou vendo o senhor pretende se apossar, se não percebeu já existe gado por estas bandas De fato aquela região fora escolhida pelo coronel para a criação de gado, havia dezenas de cabeças todas brancas a enfeitar o mato verde.

Antes de o coronel finalizar o homem entreve.

- Me perdoei cavaleiro, mas venho por ordem do conselho ultramarino, tenho em mãos documentos que me permitem habitar nesta região, pois as terras são dos índios, apenas venho ajudá-los. Sou Euclides da

Fonseca e não sabia que o senhor comandava essa região.

O coronel observava com paciência a explicação do visitante, pois sabia do valor do documento nas mãos de Euclides da Fonseca, percebia que ele tinha posses e valor na vila, mas de forma alguma poderia permitir a sua permanência, pois suas riquezas e poder seriam divididos o que traria grandes prejuízos. O coronel olhou os documentos, fez mogangas e disse.

- Meu caro Euclides da Fonseca, conheço a veracidade do seu documento e da autoridade da Vila de Icó, mas ele perde valor quando os meus forem apresentados, pois são da província e das autoridades de Aquiraz, já estou nesta região a mais de seis anos e o senhor terá que prosseguir, pois mais adiante a uns trinta quilômetros o senhor achará terras que ainda precisam de homens de seu porte.

Euclides da Fonseca não concordou com o coronel e foi firme na sua decisão.

- Coronel, o documento reza estas terras e não pretendo sair, o que me custa é que todas as terras da Ibiapaba pertencem aos índios por decreto do conselho Ultramarino há nove anos atrás, venho por ordem deste conselho não para tomar posse das terras e sim ajudar os jesuítas a terminarem os seus trabalhos de catequização, somente este lado da serra continuam os índios sendo escravizados, espero que não seja pelo o senhor, afinal venho aqui para evitar esta escravidão.

O clima esquentou o coronel e seu bando se armou e apontou para a caravana.

NOTA. A cachoeira citada como véu de noiva é hoje conhecida por cachoeira dos espanhóis ou parque das águas.

- Pois pode considerar um homem morto àquele que em quinze minutos não se retirar daqui, nenhum almofadinha de escritório vai tirar os direitos do coronel Frederico da Costa, este bando de moleques que vivem nestas terras dependem de mim e não será o senhor nem seu bando que vão decidir a vidas deles, pois eles me pertencem.

Antes que Euclides da Fonseca responda as ousadias do coronel, ele ordena a seus homens para atirarem na caravana, pois já tinha percebido os homens de Euclides da Fonseca se armando para atirar.

Cambada Fogo!

Alguns homens de Euclides caíram ao chão auferidos pelas balas e os outros responderam, fazendo daquele campo de criações um campo de batalha, mulheres e crianças corriam mata adentro. O coronel Euclides aos gritos solicitou que o massacre terminasse, mas já era tarde, muito sangue foi derramado, ele mesmo tinha sido ferido no ombro.

- Coronel pelo amor de Deus pare com isto tem mulheres e crianças.

- Cessar fogo! Cessar fogo! Ordenou o Coronel.

Quando tudo terminou, Euclides da Fonseca estava aos prantos e perguntou.

-Meu Deus Coronel, somos um povo pacífico, o Senhor nos concedeu um tempo para sairmos e foi logo atirando nos meus homens, porque?

-Sua aparência me confundiu Euclides, não sabia que era frouxo e antes de chegar aqui já tinha dado ordem aos homens para matar seus escravos e capangas se você ousasse me enfrentar, mas observe que todas as mulheres e crianças foram salvas, no entanto se você me enfrentar mais uma vez, não sobrá um filho seu para contar a história, levante a cabeça homem parta

com a sua família e os seus pertences, pois não sou ladrão, porém todos estes homens iram acompanhar sua caravana até os limites das minhas terras e agora lhe dou um conselho parta para bem longe e esqueça o que aconteceu, pois meus amigos na província são mais poderosos que os seus, não existe homem pra me tirar do que é meu, nem Domingos Simão Jordão que foi empossado capitão-mor do Ceará por patente régia no mês passado. Em pouco tempo a caravana reuniu seu povo e partiu rumo a outras terras, o coronel feliz retornou a seus afazeres. Dos capangas de Euclides da Fonseca apenas seis dos quinze ficaram vivos, dos escravos que eram vinte e dois somente doze sobreviveram.

CAPÍTULO VI

A CHEGADA DE ESMERALDA

O tempo passava era mês de Abril, o inverno continuava intenso, numa manhã comum as demais, quando todos se dirigiam aos trabalhos chega à fazenda o Capataz Manuel Teodoro trazendo os negros de Pernambuco, a maioria eram achantis. Os escravos usavam apenas um pano branco tampando seus órgãos genitais. As mãos eram amarradas com embiras e vinham de dois em dois separados por um pau com duas forquilhas colocadas no pescoço. São negros fogosos prontos para o trabalho, junto dez belas mulatas conforme a ordem do coronel, todas de idade aparentando quinze anos, também acompanhavam algumas crianças que na compra das escravas mães eram de graça e o coronel aceitava, pois logo estariam nos trabalhos do campo. No comboio vinham muitos cavalos e uma grandiosa bagagem com roupas e objetos de uso caseiro para dona Matilde. No momento chovia fino, mas o coronel parecia um menino a observar as mulatas.

- Manuel, meu grande amigo, mas que lavra de negros bons e que mulatas belíssimas, é por isso que cofio em você Manuel.

Sem observar os comentários do esposo dona Matilde percebeu entre os escravos um olhar brilhante, um sorriso meigo e uma feição quase angelical de uma garota que aparentava ter dezessete anos. Sem se preocupar com os objetos caseiros provindos de Pernambuco, dona Matilde se dirige à garota e pergunta graciosamente.

- Meninota bonita como é seu nome.

A mulata demonstrava cansaço pela caminhadas de meses, as embiras feriam seus punhos, mas com um sorriso inocente, respondeu cordialmente.

-Me chamam de Melissa

_ Melissa, um nome bonito.Combina com você.

- Obrigada minha senhora! É muita gentileza sua.

Dona Matilde continuou a observar aquela garota de uma beleza tão singela e percebeu que ela tinha estudos, que sua pele é morena clara, mas como se era uma escrava? Ao continuar observando notou que ela estava próxima de um lado a outra mulata da sua mesma idade e do outro de um jovem aparentando um pouco mais velho mais com uma beleza de se espantar. Desta vez ela deu razão ao coronel, Manuel tinha caprichado na compra dos novos escravos. Naquele momento Coronel Frederico ordena a todos para irem aos seus casebres.

- Manuel mande os seus homens descansarem, mande os outros levarem os escravos para o casebre, quanto a você venha comigo *matar o bicho.

Capitão Manuel Teodoro estava feliz pelos comentários do coronel, sua caminhada valeu apenas. Com a liberdade dada pelo coronel o capitão começou a fazer perguntas e gracejos.

- Com muito prazer coronel, mas bebo pouco afinal como dizia meu pai.

“A cachaça é moca branca.

Filha de pardo trigueiro.

Quem bebe muita cachaça

Não pode juntar dinheiro “,

NOTA. A expressão matar o bicho é muito antiga e ainda hoje usada pelas pessoas que tem o hábito de beber cachaça. Havia a crença de que a cachaça tinha a virtude de matar os vermes e, por isso, era muitas vezes bebida em jejum.

Deu uma gaitada rindo da própria prosa mais como não foi acompanhado do coronel ficou sério e perguntou.

Então coronel como estão as plantações e a produção de cachaça e rapadura.

- Não, não vamos falar daqui, me fale de Pernambuco! Como se encontra meu grande amigo Coronel Epitácio! Fale-me das negras, da viagem.

Enquanto Manuel comentava a viagem para o coronel, dona Matilde não esquecia as feições da escrava Melissa e foi até o casebre dos escravos. Ao chegar percebeu que dos escravos novos todos estavam acorrentados inclusive Melissa e Jurema que tinham acabado de fazer a refeição, um pirão de farinha de mandioca com água quente, conhecida como massapê e comida com pimenta malagueta. Os capangas do coronel brincavam na hora que os negros iam comer dizendo:

“Se for pirão de água pura”,

Não me chame pra comer;

Que eu morro e não me acostumo

Com esse tal de massapê,

Eu não sou negro d’angola Que engole tudo que vê!”⁴⁴.

Os negros já eram acostumados com aquelas humilhações e não ligavam afinal o pirão era para eles uma ambrósia apesar de muitos após consumir o pirão ter bradpepsia.

Quando dona Matilde chega ao casebre onde se encontram os novos escravos se dirige a Melissa e lhe fala.

- Você parece muito cansada, você está bem?

- Não se preocupe conosco sinhazinha, somos acostumadas a esta vida, estamos bem sim. Apontou para Jurema e Mariano e disse. – Esta é Jurema minha

prima e aquele jovem meio carrancudo é meu irmão, mas não se deixe enganar pela sua aparência ele tem um bom coração, esta assim porque há pouco tempo perdemos nossos pais.

Mesmo falando daquela tragédia Melissa mantinha a delicadeza e ingenuidade.

- Sinto muito pelos seus pais, gostei muito de vocês e vou solicitar ao coronel suas idas à casa grande para me ajudar, lá a vida é mais digna, infelizmente não posso levar todas, no entanto me esforço o bastante.

- Percebi que a senhora tem um bom coração. Disse Melissa sorrindo.

Muito bem, tenho que ir.

A sinhá olhou em volta e viu muita escrava com filhos de peito a sofrer por não ter leite de peito, alguma tinha até amazia. O casebre era uma meleira geral. Dona Matilde sempre fazia o possível para ajudar, mas se o coronel percebesse proibiria a sinhá de visitá-los. Antes de sair dona Matilde fez mais um comentário.

- Nesta região que é habitada por índios existe uma lenda de uma deusa de olhos verdes que irá salvar os silvícolas do cativeiro, pelo crédito deles você se parece muito com a Esmeralda como eles chamam a deusa por ter os olhos tão verdes como os seus.

Melissa sem entender apenas sorriu. Dona Matilde sem perceber comentou com a escrava Melissa o que seria um fato posterior

Logo ao sair do casebre dona Matilde vai ao socorro de Melissa e solicita ao coronel sua ida à casa grande.

O coronel após diversos tragos de cachaça dava gargalhado das histórias de Manuel, estava num estado ebrifectivo. Nisto entra dona Matilde.

- Frederico posso lhe falar um momento.

-Sim Mulher diga.

-Os escravos estão cansados, mesmo assim continuam acorrentados inclusive às mulheres, tenha dó homem, se eles forem maltratados produziram menos e não valeram o dinheiro neles empregado.

Coronel olha pra Manoel e comenta.

- Mulheres com seus dons de caridades! Parou pensou um pouco e continuou. Sabe que você tem razão preciso cuidar melhor destes animais para trabalharem mais. Tudo bem! Mandarei retirar as embiras das mulheres, mas não dos homens, não confio em negros.

- Tenho outro pedido a fazer.

- Diga mulher, aproveite meu bom humor.

- Veio duas escravas que tenho certeza me ajudaram muito na cozinha, são novas e aprenderam rápido.

- São todas iguais leve-as, tantas quanto forem precisas, mas se forem necessárias no campo também farão estes trabalhos principalmente agora que finda o inverno.

Matilde não se importava com o comentário do marido sabia que este era o melhor momento para lhe pedir algo, pois sua personalidade mudava quando bebia. Retornou ao casebre e ordenou aos homens soltarem Melissa e a outra escrava. A morena dos olhos verdes olhou para Mariano fez um gesto para socorrê-lo, mas o jovem interveio.

-Vá!A sinhá tirando você daqui já esta me ajudando!

-Te amo meu irmão. Tenha fé nós venceremos!

Dos olhos de Melissa saiu uma lágrima, deu um sorriso sem graça e partiu.

Ao chegarem à casa grande as duas meninas estavam felizes por serem desacorrentadas, mas demonstravam um certo temor e Melissa lembrava-se do irmão que dependia dela para tudo apesar de ser mais velho, porém quando as escravas se despediram dele a reação

do rapaz foi diferente, demonstrou felicidade quando viu sua irmã e prima irem para um local melhor.

AS NOVAS CRIADAS

Quando as novas criadas chegaram à casa grande dona Matilde fez de tudo para elas se sentirem bem, até JB se ofereceu para ajudar na cortesia com as mocas.

- Hei ta mulatas bonitas do diacho! Deixe-me ajudar, vou levar vocês ao quarto.

-Sai pra lá gabiru! Ô moleque enxerido! Era Maricota reclamando do JB e já avisando as criadas para não dá cabimento às peripécias do moleque cara chata. As duas possuem uma beleza fenomenal, Melissa tem os cabelos negros e longos, seus olhos são verdes como a sua esperança de liberdade, estatura média e um corpo escultural, seus seios parecem duas pês, seu sorriso traz felicidade, beleza e paz. Nariz bem torneado, os lábios carnudos e uma pele cor de canela. Veste uma roupa rasgada e transparente que mostra mais ainda a sua perfeição. Jurema é idêntica a Melissa apenas diferenciava na cor dos olhos que são castanhos, as duas são primas proveniente das bandas de Pernambuco. Matilde as observava e estava feliz por tê-las consigo, são exatamente as criadas que sempre quis ter. Meigamente falou.

- Melissa e Jurema meu nome é Matilde, a partir de hoje vocês serão minhas criadas portanto as quero próximas a mim, sei que estão com medo, mas acreditem quero ser sua amiga, desde de que me obedçam se não o coronel as levará de volta ao casebre e nada poderei fazer por vocês, sei que vocês não mais possuem família, no entanto de hoje em diante me

considerem assim. Agora Maricota mostrará seus locais de dormir e as tarefas de amanhã. Vão.

Dona Matilde estava considerando as duas meninas como se fossem as filhas que ela nunca pode ter.

Na casa já havia sete escravas de confiança de dona Matilde e a mais atuante é Maricota mulher de setenta anos que acompanha a família do coronel desde o tempo de seus pais, quase não podia andar com seus cento e dez quilos de gordura, era de fato uma atoucinhada. Maricota deu um sorriso de boas vindas para as mulatas e as levou a um quarto da casa que abrigava todas as criadas.

-É um quarto simpres, mas é mior que lá fora, aqui os home não vão querer furniar com vossimiçês. Mostrou as camas e continuou.

- Eu tava cocorando e gostei do vosso nome como é mermo?

-Melissa!

Maricota não teve coragem de repetir e apenas falou.

-É muito bunito mermo!

O amanhecer na fazenda é esplendoroso, antes do cantar do galo o movimento é intenso com dezenas de escravos se dirigindo às plantações, ao engenho e a cuidar dos animais. O som dos carros de boi a transportar a cana de açúcar e a lenha é a música matinal constante no dia a dia. Na cozinha o cheiro do café desperta dona Matilde que ordena as criadas seus afazeres cotidianos. Melissa e Jurema têm diversas tarefas a cumprir, uma delas é a de lavar as roupas no rio o que fazem com prazer, pois nas horas de folga tomam banho como duas meninas sapecas a pular dos galhos das ingazeiras e dos paus dárcos.

Em um dia comum aos demais Jurema foi destinada a levar água para os escravos e Melissa teve que fazer a

obrigação das duas no rio, mas quando JB escapulia do coronel adorava fazer companhia às morenas, principalmente a Melissa que ria das brincadeiras do moleque.

-Mulata Melissa você tem namorado?

- Porque pergunta JB? Quer namorar comigo? Disse Melissa brincando.

O moleque meio sem jeito, riu deu umas gargalhadas e disse.

– Quem sou eu mulata Melissa um dia você vai encontrar um príncipe e será lembrada nestas terras por muitos séculos.

JB falava e estendia as roupas já lavadas pela criada. Melissa continuando seu trabalho perguntou.

–Você sempre sonha em melhores dias num é JB?

O moleque coçou a cabeça e respondeu.

– E num é de sonhar! Nós vivemos num pesadelo. Parou um pouco se assuou, passou as mãos nos olhos e comentou.

– Você sabe como minha mãe morreu? Foi no tronco depois de receber cinqüenta chicotadas a mando do coronel, eu faço de conta que esqueci e aparento gostar do velho, mas um dia eu mesmo vou matá-lo.

Melissa se espantou daquela conversa e perguntou.

-E o coronel é ruim assim?

- Vexe Maria! é o diabo em pessoa, mata qualquer um que desobedecer. Uma vez quando fugiram seis escravos capturaram e fuzilaram todos no tronco pra nós vê.

Melissa ficou a pensar em seu irmão, afinal ele era respondão e corria perigo de ir ao tronco. Então Melissa percebeu que JB poderia lhe ajudar com o irmão.

-JB se eu lhe pedir uma coisa você faz?

- Ixe Maria dona Melissa! Qualquer coisa! Pode pedir.

- Eu queria que você de vez em quando levasse algum alimento pra Mariano.

- Há, aquele rapaz carrancudo? Mal encarado? Enjoado? E...

Antes de terminar Melissa interrompe.

-É o jeito dele JB, mas ele é um bom rapaz, é meu irmão.

-Cruz credo! Seu irmão? Mas como pode alguém...

Melissa já conhecia que JB falava muito e o interrompeu.

- JB você vai fazer o que estou lhe pedindo?

- Mas é claro que eu vou fazer.

- Pois muito bem, vá agora, pois Jurema já preparou algo para ele, mas tenha cuidado.

- Deixe comigo!

O moleque saiu às carreiras e a mulata ficou rindo de suas maneiras ingênuas.

CAPÍTULO VII

O ENCONTRO DE MELISSA E IACORUMA

Melissa encontrava-se à beira do rio seminua quando repentinamente ouviu um trote de cavalos, era o coronel e dois capangas, JB já havia saído por pedido da mulata, pois ela queria banhar-se e o moleque tinha grande apreço pela criada e atendia seus pedidos mesmo que sua vontade fosse ficara atrás dos arbustos vendo a mulata tomar banho. A chegada do coronel foi brusca e não deu tempo para Melissa vestir suas roupas por completo e o coronel se deparou com a beleza pura da pequena escrava. Com um pedaço de pano a rapariga tentou esconder a nudez, o coronel com um sorriso sarcástico perguntou a um de seus capangas.

- Mas que menina bonita, não tinha reparado em tamanha beleza é uma das escravas trazidas por Manuel?

- É sim coronel, o nome dela é Melissa e trabalha com a patroa.

- Você. Venha cá.

Melissa tremia as pernas com medo do coronel, mas tinha que obedecer, nunca tinha chegado próxima do velho por ordem de dona Matilde ou ele a possuiria como fazia com a maioria das mulatas.

- Sim meu senhor.

O coronel em todos estes anos nunca tinha visto tamanha beleza em uma mulata. Fixou seu olhar de cima a baixo em Melissa e se admirou do corpo escultural da rapariga, quando ela se aproximou o coronel pergunta.

- Como te chamas rapariga?

- Melissa meu senhor.

- É muito bonita Melissa. E teu nome é diferente e não de escrava, como adquiriu tal nome.

- Foram meus antigos donos que me homenagearam com um nome de uma princesa africana.

- Ora mais que família criativa, afinal tens um jeito de princesa, mas sabes que não passas de uma escrava, não é mesmo?

- Sim meu senhor!

- É nunca em minha vida tinha visto tanta beleza em uma mulher, teus olhos parecem duas pedras verdes e teu jeito é de mulata trepadeira.

O velho tirou o chapéu, limpou o suor com a mão e continuou.

- Como você sabe aqui tenho escravos só para a reprodução, você seria uma boa complementação da tua espécie, mas pensando bem seria uma boa amante pra mim, nunca mais peguei nuas tetas tão bonitas e duras como essas.

O coronel parou seus comentários e ordenou.

– vire-se mulata, quero ver tua bunda! Retire esse pano pra que eu possa ver tudo!

O coronel ficou abismado com tanta beleza.

-Por tudo que existe, como és bonita!

Os capangas que acompanhavam o coronel estavam abismados, pois nunca tinham visto o coronel tão calmo e diferente. Até mesmo Frederico da Costa se espantou com o seu comportamento e antes de continuar mudou repentinamente, pois não gostava do que estava sentindo.

- Volte para os seus afazeres escrava.

- Sim meu senhor.

O coronel partiu com seus capangas e Melissa ficou ainda em estado de espanto com o coração quase saindo pela boca pelo que acabara de passar, suas pernas

continuavam a tremer ao lembrar de como o coronel olhava para ela. Sentou-se um momento para se refazer chorou pela humilhação que acabara de passar, lembrou-se dos tempos dos seus antigos donos que a tratavam como filha, mas se refez e continuou seu trabalho, porém se espantava com qualquer barulho.

A CARNAUBA

Na continuidade de suas andanças o coronel se deparou com alguns escravos malhando rigidamente as palhas de carnaúba com cacetes para se desprender o pó. Desceu do cavalo, retirou um pouco de poeira da roupa, parou por um momento e lembrou-se da mulata Melissa, suas feições não lhe saíam do pensamento, mas uma vez ficou com raiva, pois estava sentindo algo que há muito tempo não sentia, sabia que poderia ter a escrava na hora que bem entendesse, mas aquilo era diferente e por ser assim não gostava. Para poder esquecer da mulata o coronel observou o trabalho dos escravos com a carnaúba e comentou com Jeremias, um dos seus capatazes.

- Vim para estas terras por muitas razões, mas a principal é esta planta a qual chamam de carnaúba, plantas estas eretas, agradáveis, isolada da paisagem a se firmar solene no solo geralmente com húmus, solidária e rica de favores esta garbosa palmeira oferece de tudo desde as palhas que cobrem as casas, ao estipe que se fazem caibros e ripas, os currais são fabricados com o seu lenho grosso, cortado em longas toras. Dos pecíolos das folhas, das quais é extraída a cera, é aproveitado para se fazer grajaus de transportar galinhas e outras mercadorias.

Difícilmente o coronel ria, mas continuando os seus comentários da palmeira deu uma gargalhada e continuou.

-Até brinquedos para os moleques que sonham em ser vaqueiros esta planta oferece. Uma carnaúba vale mais que dez negros destes. Dos frutos tira-se uma substância que lavada em mais de uma água serve para alimentar estes animais. –

O coronel se referia aos escravos. Jeremias ouvia pacientemente o coronel que era interrompido às vezes apenas pelo som dos cacetes a baterem nas palhas de carnaúba.

Não muito longe dali Melissa acabava sua tarefa e como era de costume foi banhar-se no rio. Cantava uma música enquanto lavava seus longos cabelos, seus movimentos jogavam a água como se as gotas disputassem a percorrer o seu corpo, os peixes tocavam ligeiramente seus quadris como se ganhassem a cada toque um pouco da beleza da mulata, o sol intensificava seu brilho em busca de um reflexo daqueles olhos esverdeados, os pássaros silenciavam para ouvir a voz da rapariga e as matas se fechavam tentando esconder dos curiosos a criação perfeita de Deus.

A uns dez metros dali se encontrava um jovem que caçava nambus, mas foi interrompido ao ouvir uma canção tão diferente numa voz tão aconchegante. Com seu arco e flecha em punhos se dirigiu ao local do cântico. Ao chegar deparou-se com Melissa que percebendo sua chegada deu um grito de espanto, colocou suas mãos cobrindo os seios e agachou-se deixando a água esconder toda a beleza de seu corpo. O jovem recém chegado é Iacoruma filho do chefe dos Potiguaras, jovem de bela feição, com dezessete anos mais aparentando vinte pelo porte do seu corpo de homem já formado. Cabelos longos até os

ombros, olhos castanhos, nariz fino e bem torneado, usava apenas uma tanga, trazia consigo um aió uma bolsa de caça feitas de fibras de caruá onde colocava os animais abatidos. Em sua cabeça tem uma fita larga e colorida contendo apenas uma pena de pavão. Iacoruma, Ubaúna seu pai e Acajuí o feiticeiro eram os únicos Potiguaras que não eram escravos do coronel devido às leis da tribo. Iacoruma fitou Melissa e como todos os homens estava estarecido com tamanha beleza, mas a mulata também estava a admirar o jovem guerreiro que era bastante airoso. Iacoruma estava entre as folhagens de uma ingazeira, afastou as folhas vagarosamente e perguntou.

- Tu és a deusa que meu povo espera para nos libertar? Melissa, continuando a permitir que as águas cobrissem seu corpo responde amavelmente.

- Não! Sou apenas uma criada da sinhá Matilde, uma escrava do coronel, estais a mim confundir com outra pessoa.

Mas Iacoruma continuava a duvidar que aquela visão fosse apenas uma mulher e continuou.

- Meus ancestrais através de pai para filho nos disseram que um dia irá aparecer uma deusa com os olhos da cor do mato e com pele da cor de canela que seria a nossa libertadora!

Melissa continuava a não entender o jovem índio, pois não se lembrava das palavras de dona Matilde lá no casebre. Deu um mergulho e quando retornou não mais viu Iacoruma. O jovem índio saiu correndo pelas matas em direção à sua tribo. Melissa ficou inculcada com a ação daquele belo jovem, seus pensamentos eram perguntas sem nexos, será que o veria novamente? Porque ele fizera aquelas perguntas? Porque sumiu de repente? Em seus pensamentos confusos recolheu as

roupas lavadas, colocou no cesto vestiu sua roupa e retornou à fazenda.

A CRENÇA

Iacoruma ao chegar na tribo se dirigiu à tenda maior onde se encontrava Ubaúna o chefe dos Potiguaras, aflito Iacoruma saudou o pai e falou.

- Pai tive uma visão da deusa dos nossos ancestrais, ela banhava-se no rio e seu sorriso mostrou que podemos ter a liberdade tão sonhada pelo nosso povo. Seus olhos são como duas esmeraldas, seus cabelos misturavam-se com a água como se fizesse parte do rio, sua pele é cor da canela, é a mulher que sempre apareceu em meus sonhos e combina com nosso credo. O velho chefe sabe que existe uma crença dos pais de seus pais que um dia a liberdade dos potiguaras seria alcançada com a vinda de uma deusa em forma de mulher e nunca duvidaria de seu filho, apesar dele viver sonhando com a liberdade dia e noite. O chefe na sua experiência manda chamar Acajuí, para que ele com seus poderes de feiticeiro fale da visão de Iacoruma. Ubaúna é um velho meditado apenas a espera da morte, já com noventa e dois anos pedia aos seus deuses pela liberdade dos filhos da terra que estavam sendo massacrados pelo homem branco pela sua ambição e covardia.

O feiticeiro também em idade avançada é trazido à tenda do chefe por duas índias, o pajé traz nas mãos um aguaim, espécie de maracá, entra na tenda do chefe, observou o velho deitado em uma rede e seu filho que estava com uma áurea percebida pelo feiticeiro. Acajuí era completamente caxinxa não

possuía um único dente. Deu uma cuspidada no chão, olhou ao redor e comentou.

-Vejo que o futuro chefe tem a benção dos deuses, o brilho nos seus olhos clareia a tenda de Ubaúna.

Era verdade, Iacoruma transmitia uma energia positiva como a muito não se observava no povo Potiguara. O filho do chefe saltou do seu banco feito de carnaúba e falou ao feiticeiro.

- È verdade, guia dos Potiguaras, os sonhos que eu tinha quando criança se realizou hoje á margem do rio, a promessa dos nossos ancestrais está sendo cumprida. Iacoruma continuava pensando que Melissa era apenas uma visão ou um sonho enviado pelos seus ancestrais para a liberdade do seu povo, pois eles cultuavam uma deusa e acreditavam que ela retornaria para dar a liberdade aos Potiguaras. O velho feiticeiro com seu sorriso sem dentes se aproximou da rede do chefe, se acocorou e retirou de um saco alguns ossos e os jogou no chão ficando a observar por alguns minutos, depois fez o seguinte relato.

-Você não teve uma visão, filho do grande chefe, mas uma imagem real da promessa de nossos ancestrais, a deusa dos olhos verdes tão chamada pelos nossos pais de Esmeralda é a mulher da tua visão, em médio tempo estas terras se livraram do diabo branco.

O feiticeiro se referia ao coronel. Após alguns minutos o feiticeiro jogou novamente os ossos deu uma expiada, fez alguns gestos, retornou a cuspir o seu fumo que mascava com prazer e disse.

- Mas tem um porem, a liberdade do nosso povo terá um custo muito caro pra você jovem Iacoruma.

-Não entendi, como pode ser cara a liberdade? Pois que assim seja, o importante é que estas terras se livrem do cão maldito!

-Às vezes meu filho é mais válido sermos prisioneiros de guerra do que do coração ou da falta de perspectivas do futuro.

Assim relatou Ubaúna pai de Iacoruma. Mas o jovem guerreiro não concordava, seu sonho de liberdade era vivenciado todos os dias até nos sonhos e ele considerava que não ter perspectivas era ser escravo de um cão branco.

- Não! Perdoem-me meus mestres, mas não compreendo algo que seja mais valioso do que a liberdade.

O velho feiticeiro observou o jovem e disse amavelmente.

-O futuro pertence aos deuses e o destino dos homens já está escrito, rogue que a energia do universo esteja com você e se apegue ao Deus dos jesuítas, pois você no futuro ira precisar.

Dizendo isto o velho feiticeiro se retira da tenda deixando pai e filho sem entender a mensagem, mas Iacoruma comentou.

- Não entendi o que Acajuí falou, mas farei qualquer sacrifício pela a libertação do meu povo.

Depois a imagem de Melissa não lhe saía do pensamento e começou a lembrar-se dela com o nome de Esmeralda devido aos seus olhos verdes que pareciam duas pedras preciosas o que encaixava bem na crença de seus antepassados. Melissa chegou na fazenda quase ao meio dia colocou as roupas no varal e saiu às pressas para contar a Jurema o encontro parcial com o jovem guerreiro. Ao encontrar Jurema esta percebeu em Melissa um sorriso maroto de quem conheceu seu príncipe encantado, antes de comentar algo Jurema intercedeu.

- O que aconteceu? Parece que viu um fantasma.

Melissa empolgada falou.

- Sim, sim. Conheci o homem mais belo deste mundo ele é um verdadeiro mocetão. Forte, musculoso, pardo, bonito e intrigante.

- Intrigante? Porque?

- Não sei explicar, ele possui algo misterioso, me fez perguntas que não entendi, me observou por um tempo a tomar banho e depois sumiu nas matas.

-Ele viu você nua?

-Não, as águas me cobriram o corpo.

Com aquele comentário, de repente Melissa ficou com o semblante triste. Jurema sem entender perguntou.

-E agora o que foi?

- O coronel também esteve por lá. Disse-me coisa que me fizeram tremer de medo.

- Meu Deus do céu! Dona Matilde precisa saber, você estará perdida se o coronel lhe quiser como mulher.

- Não Jurema, não conte a ninguém afinal ele nada fez comigo e se quiser nós pertencemos a ele.

- Mas você não ouviu, dona Matilde disse que nunca deixaria o coronel nos fazer mal.

- Está bem, se ele tentar novamente direi a nossa protetora.

Melissa continuou a descrever seu encontro como o jovem guerreiro.

CAPÍTULO VIII

A EMBOSCADA

O tempo passou, todos os dias Iacoruma ia esperar sua deusa à beira do rio, mas era em vão, ele começava a acreditar que tudo aquilo não tinha passado de uma visão, demonstrava decepção e desgosto, mas não desistiria iria naquele local até que sua crença se tornasse verdade, no entanto após dezoito dias, ela apareceu, vinha com uma roupa simples, mas a beleza de seu corpo dava brilho aos molambos que usava. Vivia o tempo a cantar e era acompanhada pelos pássaros das matas. Após observar Melissa Iacoruma não se conteve de alegria e se apresentou.

- Vejo que o céu tomou lugar na terra e se tornou morada das deusas.

Melissa se espantou, mas seu coração se alegrou ao perceber a presença do jovem índio e comentou.

- Vejo que a natureza lhe presenteou com galanteios da corte sem nem mesma conhecê-la.

-Esmeralda, muito me alegra ver que não és uma visão e nem tão pouco magia, mas uma mulher que conceberá a liberdade do meu povo.

Melissa continuava encafifada com os comentários do jovem índio.

-Esmeralda? Esse não é o meu nome vejo que estais me confundindo com alguém afinal dizes palavras que não entendo.

-Perdoe-me a chamo assim pelos seus olhos. Sou Iacoruma da tribo dos potiguaras.

Apesar de ser escrava Melissa tinha o dom da palavra e o conhecimento da escrita, antes de vir a esta região ela

era escrava da família dos Barbosa, que tratavam seus escravos como se fossem da família e Melissa era muito estimada, pois tinha nascido na fazenda dos Barbosa e seu presente de batismo tinha sido a liberdade já que seus antigos donos foram seus padrinhos e escolheram até seu nome. A família foi dizimada por coronéis antiabolicionistas que consideravam um perigo a relação dos Barbosa com os negros. Os pais de Melissa foram mortos e ela e seu irmão vendidos. Iacoruma sorriu com a meiguice de Melissa e não respondendo suas perguntas formulou outra.

- Posso lhe chamar de Esmeralda?

- Esmeralda? Porque Esmeralda?

Iacoruma contou a Melissa à história de sua tribo.

Quando nossos pais vieram pra essas terras foi com o objetivo de ajudar os jesuítas na catequização das outras nações que o povo branco considerava selvagem, mas após terem conseguido tal objetivo nos abandonaram ao esmo e assim ficamos frágeis o que facilitou ao cão branco escravizar o meu povo. Melissa interrompeu.

-Quem é o cão branco?

Antes de responder Iacoruma convida Melissa para se sentar próximo a ele sob uma pedra.

– Se aproxime, vou lhe contar toda a estória.

Melissa sentou perto do guerreiro e sentiu seu cheiro que se confundia com o cheiro da mata. Iacoruma continuou.

- Respondendo sua pergunta cão branco é o homem malvado que todos chamam de coronel. Então colocamos o buru.

Antes que Melissa perguntasse o que significava buru Iacoruma explicou.

– Buru é um mensageiro que traz as mensagens dos nossos deuses através do nosso guia e na dança do

torem, o mensageiro falou que o nosso cativo só acabaria quando aparecesse uma mulher em forma de deusa que tenha cabelos como rabo de cavalo, olhos da cor da mais bela pedra preciosa e a pele aparentando o mel.

Mais uma vez Melissa interrompeu.

-Mas Iacoruma sou apenas uma escrava, como poderia salvar sua tribo das garras de dezenas de capangas do coronel?

-Você num conhece o Deus dos jesuítas?

-Claro! Respondeu Melissa

- Então ele num era apenas um carpinteiro e lutou contra reis e impérios!

-Eu sei mais é diferente! Não percebes que sou apenas uma escrava?

- E quem não é escravo nesta vida, uns são do amor, outros do trabalho, outros dos seus credos. Não Esmeralda, vejo nos teus olhos que es a mais liberta de todas, pois não te prendes aos prazeres terrenos. Desde que a vi pela primeira vez que não paro de pensar em você, sonho todas as noites com sua canção, com seu sorriso e com suas feições. Perdoe-me pela ousadia, mas tenho que dizer o que meu coração pede.

Melissa parecia uma criança a sorrir por cada palavra do jovem guerreiro e perguntou.

- Pensas em mim pelo credo da tua tribo?

- Não, penso em você pelo que sinto no coração, o que torna realidade o credo da minha tribo.

Esmeralda havia se lembrado das palavras de dona Matilde ao relatar a crença dos índios e assim aceitou o pedido do jovem guerreiro.

- Muito bem, farei o que pedes, permitirei que me chames de Esmeralda, mas se você me considerar apenas uma escrava e não a salvadora de seu povo.

-Será difícil, mas tentarei cumprir. Respondeu Iacoruma.

Pararam um pouco ficaram a observa o rio se olharam e Melissa sem dizer uma palavra cai nos braços de Iacoruma, por um longo tempo seus lábios se encontram num beijo fervoroso, parecia que se conheciam e se amavam há muito tempo, seus corpos se encaixaram entre o côncavo e o convexo. Os jovens foram passear pelas margens do rio, falaram de suas raízes, dos seus sonhos e da razão maior dos dois que é a liberdade do seu povo. Desde aquele dia o encontro dos dois era constante, quando Jurema vinha com Esmeralda fazia questão de executar as tarefas para deixar os dois a caminhar pelas matas e cachoeiras. Ninguém com exceção de Jurema, JB e dona Matilde sabiam do amor dos dois jovens, mas isso não durou muito tempo, numa manhã o capitão Manuel Teodoro passava pelas margens do rio e percebeu o que vinha acontecendo, de longe sem ser notado viu a escrava e o índio aos beijos, com inveja e ódio foi rapidamente contar ao coronel. O velho que se apaixonara pela escrava mungiu de ódio e sem acreditar perguntou pela terceira vez a seu capataz.

- Capitão você tem certeza do que ta me falando?

- ô xente coronel! Vi com esses olhos que a terra a de comer!

O velho que se encontrava na varanda da casa grande levantou-se da cadeira, pegou um chicote começou a bater vagarosamente em suas próprias mãos, mas sua raiva era tanta que não percebeu que quase saía sangue e andando de um lado para o outro perguntou.

- Onde estão esses vagabundos? Vamos agora mesmo enterrar os dois.

Mas antes de prosseguir o capitão deu um conselho.

- Coronel me perdoe, mas o índio estava quase de saída e tudo indica que não pegaremos os dois juntos, mas esse fato acontece todos os dias e amanhã será fácil atocaiá-los.

O coronel pensou um pouco e concordou com seu capataz.

-Tem razão Manuel a paciência é uma virtude, amanhã faremos uma tocaia a esses malditos.

A TOCAIA

O encontro dos jovens sempre era pela manhã no momento das tarefas no rio, o coronel juntou oito capangas e ficou à espera dos dois. Em uma manhã de muito sol, a água estava calma como se esperasse uma tempestade, não se ouvia um canto de pássaro, nem tão pouco barulho de outro animal. O Coronel e seus capangas deixaram os cavalos à distância, esconderam-se atrás de uns ipês e esperaram os acontecimentos. Após uns quinze minutos os dois jovens apareceram e já era notória a sua intimidade pela prosas e graças que tinham os dois. Esmeralda de mãos dadas com o jovem índio não aparentava ser escrava e sim uma princesa. Quando os dois estavam a fazer muxoxo o coronel salta do mato com seus capangas.

- Mas que história é essa sua vagabunda.

Partiu já com um chambrié na mão dando uma chicotada no rosto de Esmeralda que o sangue desceu. Iacoruma tentou revidar, mas foi alvo de um tiro que o fez cambalear ao chão, Esmeralda deu um grito, mas já estava sendo acorrentada pelos homens do coronel. Os pássaros começaram a atitar como se defendesse a bela escrava. O velho parecia ter incorporado o demônio,

seus olhos estavam vermelhos de ódio, olhou para a escrava e disse amargamente.

- Quem você pensa que é sua vagabunda, tu me pertences, não serás de ninguém, nem um homem colocará as mãos em ti, prefiro ti ver morta. Manuel leve esta negra para o tronco dei-lhe cinquenta chicotadas para servir de lição.

Esmeralda estava aos prantos ao ver Iacoruma debruçado no chão com sangue pela testa, Jeremias observou e disse.

- Coronel este aqui ainda está vivo.

Jeremias se referia a Iacoruma.

- Joguem no rio, servirá ao menos para alimentar os peixes.

Os capangas pegaram o corpo do jovem índio e arremessaram no rio. Esmeralda deu um grito de desespero, o corpo inerte do jovem desapareceu rio abaixo boiando. Quando iam saindo, um dos capangas traz pelos braços a escrava Jurema que se escondia vendo tudo.

- Coronel. Encontrei essa escrava escondida no mato, é a companheira da outra e sabia de tudo e vi o negro cara achatada bater pernas na bunda a desaparecer no mato.

- Negro filho de uma puta! Tava debochando de mim é por isso que escravo só na chibata, mas deixe logo mando dá uma surra naquele vagabundo e jogo sal no corpo até ver o negro morrer.

O capanga perguntou novamente.

-E quanto à escrava coronel.

O coronel sem pensar, disse.

-Mate-a.

Quando o capanga ia deferir um golpe na garganta de Jurema, Esmeralda intercedeu.

- Não! Não, meu senhor piedade! Não mate Jurema ela de nada tem culpa, castigue a mim, fui eu quem pecou contra vós. Faça tudo que o senhor mandar, mas não a mate!

O coronel fazendo um gesto mandou o capanga esperar e se aproximando de Esmeralda perguntou.

-Fazes tudo que eu quiser de bom gosto!

- No desespero Esmeralda respondeu.

-Tudo! Tudo que o senhor ordenar!

Era tudo que o coronel queria ouvir, pois Esmeralda o pertencia, mas se não fizesse com gosto o que ele pretendia não teria o mesmo sabor. Mandou soltar Jurema, mas ordenou também cinquenta chicotadas. Antes de partir o coronel sussurrou para Esmeralda.

- Você deveria está contente, terá os maiores prazeres que um homem poderá lhe dar e uma vida de princesa e saiba que no dia que você olhar pra mim sem um sorriso no rosto, sua amiga e todos da tua raça serão executados na tua frente, lembre-se que negros são comprados no mercado e tenho dinheiro pra comprar tanto quanto for preciso, até quando seu sorriso for permanente pra mim não correrá perigo, mas ao contrário você e os seus sofrerão as conseqüências e se você comentar com sua patroa será chicoteada.

-Não se preocupe meu senhor vou obedecer cegamente.

-Isso é bom para você e principalmente pra seu irmão ou você acha que não descobri tudo de você antes de vim pra cá? a razão dessa sua grandeza é devido os costumes que tinha com a família dos Barbosa, mas lembre-se que você foi vendida e eu lhe comprei, é simples você me pertence! A partir de hoje você será minha mumbanda.

Esmeralda ficou mais espantada, pois se preocupava muito com seu irmão, ficou de joelhos e suplicou ao coronel.

-Por tudo que é sagrado coronel não faça mal a meu irmão.

O coronel disse com um sorriso irônico.

- Isso vai depender de você meu bem, primeiro por que sagrado para mim só o dinheiro, segundo que você fazendo o que quero de bom gosto tudo terminara bem.

Duas lágrimas escorreram dos olhos de Esmeralda, mas no íntimo estava contente por ter salvado Jurema, no momento sua preocupação era a vida de Iacoruma, seu temor é dele está morto. Esmeralda e Jurema foram levadas à fazenda para o cumprimento da sentença.

OS ÍNDIOS TABAJARAS

O corpo do jovem índio continuava a descer rio abaixo, numa das voltas do rio seu corpo ficou preso num galho de ingazeira, por ali passavam alguns índios Tabajaras, um dos guerreiros se afastou dos outros e viu o corpo e chamou os demais.

- Mandu! Venha até aqui.

Os outros se dirigiram ao local e um dos guerreiros falou. – É o filho do chefe dos potiguaras Iacoruma, vamos desçam dos cavalos e vamos ver se está vivo.

Retiraram seu corpo da água e cuidaram dos seus ferimentos. Os índios tabajaras não eram escravizados, tinham sua liberdade garantida pelo conselho ultramarino, na serra da Ibiapaba somente os Potiguaras estavam à messe da maldade do coronel Frederico da Costa. A confederação dos índios já vinha denunciando as maldades do coronel com os índios Potiguaras e já formavam uma comissão para fiscalizar. Os tabajaras

eram cerca de cinco jovens em busca de dois adolescentes que haviam saído de sua aldeia para caçar. Os índios tabajaras providenciaram uma esteira com dois paus, colocaram Iacoruma e o levaram para a tribo. Ao chegar o Pajé Acajuí foi cuidar dos ferimentos de Iacoruma, a bala pegou de raspão em sua cabeça, não corria perigo de vida, mas seu corpo estava bastante abolido pelas batidas nas pedras do rio, continuava desacordado. Suas irmãs continuaram o tratamento do jovem índio. Os tabajaras foram ver o velho Ubaúna, entraram em sua oca e o saudaram.

- Grande chefe da nação potiguara, os tabajaras saúdam a ti e a teu povo!

O velho chefe fica feliz em ver os irmãos tabajaras, levanta a mão num gesto de boas vindas e os manda sentar. Foi formado um círculo, onde se sentaram os guerreiros tabajaras e alguns velhos da tribo potiguara, ao lado a uns dois metros na mesma tenda estava Iacoruma em uma rede sendo tratado por suas duas irmãs, pois tinha pegado acropatia. Ubaúna mandou sua filha mais velha servir tapioca aos visitantes e após se alimentarem o velho falou.

- Muito me alegra ter os irmãos tabajaras junto ao meu povo.

Fez uma pausa para respirar com dificuldade e prosseguiu.

- Os tempos estão difíceis para os potiguaras.

O velho chefe tossia mostrando aos irmãos que estava muito doente. Nesse momento Mandu que era o responsável pelos guerreiros impediu Ubaúna de falar como se fosse em socorro pela falta de ar do velho guerreiro.

- Fique calmo chefe dos potiguaras, já percebi que a tribo dos nossos irmãos parece está abandonada, vejo

nos seus olhos a tristeza da falta de batalha, porque o irmão não conta a Mandu o que se passa em seu coração?

Dos olhos cansados e sem brilho do velho caíram duas lágrimas, não queria parecer fraco, mas se sentia impotente ao ver seus guerreiros longe da tribo e acorrentados como animais. Parou um pouco, levantou a cabeça e falou com segurança.

- Mandú, meu irmão, os deuses nos abandonaram, chegou às essas terras um demônio em forma de homem e destruiu a tribo dos potiguaras. Até hoje agradecemos aos valentes tabajaras por ter nos concedido estas terras para nos servirmos na pesca e na caça, mas o demônio é valente possui muitos paus de fogo e durante meses atacou nossa tribo e escravizou os filhos dos potiguaras.

Mas uma vez Mandu interrompeu o velho.

- Grande chefe, os tabajaras já ouviram falar deste demônio e o grande chefe dos tabajaras reuniu o conselho e oferece cinqüenta guerreiros para expulsar o homem branco das terras dos potiguaras que foi um presente dos irmãos tabajaras. O que presenciamos hoje a Iacoruma é ação do maldito, precisamos combatê-lo.

Mandu pediu permissão para se retirar com seus guerreiros e disse.

- Estamos em uma missão, pois dois dos nossos jovens saíram na lua cheia e não mais voltaram, achamos que se encontram nas terras dos potiguaras e viemos procurá-los, pois sabemos do perigo que correm devido aos cães do demônio.

Dizendo assim Mandu se referia aos capangas do coronel. Deu um forte abraço no velho e partiu em sua missão.

Ubauna agradeceu aos tabajaras por salvar a vida do jovem Iacoruma. Os índios se despediram e partiram para a sua jornada.

O CASTIGO

Naquele momento Esmeralda e Jurema chegavam à fazenda, sabendo do ocorrido dona Matilde tentou interceder pelas escravas, mas o coronel permanecia intransigente.

-Não me aborreça mais do que já estou Matilde, só espero que você não esteja sabendo o que estava acontecendo com essas desgraçadas, Capitão cumpra sua ordem imediatamente!

-Sim coronel!

Antes de começar as cinqüentas chicotadas, todos foram chamados para presenciar o poder do coronel. Frederico da Costa se pôs na varanda para acompanhar a sentença das negras ser cumprida. O capitão Manoel Teodoro se sentia feliz a cada chicotada que dava nas mulatas.

- Uma pele macia desta dá gosto chicotear!

A cada chicotada dona Matilde se contorcia como se fosse nela, não agüentou e foi para a cozinha onde estava somente Maricota.

- Eu não sei o que tem no lugar do coração de Frederico parece que ele se sente bem maltratando os outros.

- E aquele capitão sinhá é filho do diabo! Complementou Maricota.

- Ele tem um problema que só Frederico conhece. Será o que é?

Indagou dona Matilde.

- Só o coronel e todas as mulatas que ele saiu.

-Como assim Maricota?

-Ele não dá conta do recado! Maricota disse e deu umas gargalhadas.

Dona Matilde colocou a mão na boca como se não quisesse acreditar.

-Vale me Deus e ã?

- Com certeza Sinhazinha!

Após o castigo, as escravas foram levadas para o casebre e dona Matilde mandou cuidar dos ferimentos. São tempos difíceis. O inverno está findando, é o mês de junho de 1735 a produção será boa e o coronel ganhará mais riquezas e poder.

CAPÍTULO IX

O ATAQUE DAS ONÇAS

No dia seguinte pela manhã foram encontrados dois escravos mortos, estavam dilacerados por algum animal, não havia braços, nem pernas e parte do intestino, é algo grotesco de se ver. O capitão Manuel ao observar os corpos comentou.

-Foram onças vermelhas, duas pelas marcas deixadas ontem à noite e isto significa que a caça de veados e outros animais estão se acabando significa que os índios estão exagerando com as caças e as onças vêm até a fazenda em busca de alimentos.

Dirigindo a um capanga ordenou.

-Jeremias vá até o coronel e comunique o fato.

_ Sim senhor.

Logo mais chega o coronel, sem descer do cavalo, ao ver os homens mortos comenta.

-Ainda bem que não foram carneiros ou bois, mande outros negros enterrarem esses animais.

Fez uma pausa e continuou.

- Porque esses negros estavam fora da fazenda?

- Acredito que estavam em fuga coronel.

- E você me diz isso na maior simplicidade! Ta ficando frouxo homem, como é que dois cabundás tentam fugir e você só descobre no outro dia e ainda por cima porque foram mortos por sei lá o que.

- Ontem a noite era responsabilidade do...

Antes de finalizar o coronel interrompe.

- Responsabilidade sua seu corno! Seu filho de uma égua!

O coronel ficou bravo, mas continuou a conversa não dando mais importância aos negros.

-Capitão Manuel a que deve ser essa miséria?

O capitão retirou o chapéu, coçou a cabeça e disse.

- Coronel é difícil nesta época do ano isso acontecer, mas já disse que deve ser por falta de animais tipo veado ou paca, afinal os índios caçam todos os dias.

-Esses índios é uma praga destroem tudo, imagina se permito a liberdade deles acabava todo esse vale e depois partiam pra outras terras.

O coronel franzindo a testa ordenou.

-A partir de hoje a caça está proibida, qualquer índio que for pego com animal deve ser morto.

O capitão interferiu.

-Até os moleques?

- Capitão você tá ficando gaga ou doido, eu disse todos os índios ou os outros são teus filhos?

Era difícil o capitão se chatear com o coronel, mas quando tocava na sua masculinidade ele ficava uma fera, mas se calou e ficou a ouvir as ordens do coronel.

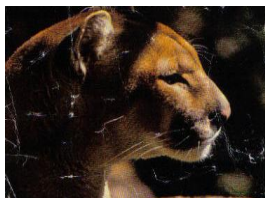
-Capitão hoje a noite junte vinte homens bem armados com bastante cachorro de caça, procure esses animais e os mate, pegue o coro e faça duas mantas para a sela do meu cavalo.

Dizendo assim o coronel se retirou. À noite a caçada foi fervorosa homens com cavalos e cachorros passaram toda a madrugada a tocar as onças, era um barulho estarrecedor, os negros com pedaços de ferro batiam em latas atocaiando as onças. Quando chegaram nos campos das lauráceas que tinha sido batizado pelo Frei Josué de Baixa do Cedro elas não tiveram como fugir, entraram em uma loca. O capitão Teodoro coordenando os trabalhos ordena.

- Ninguém dá um tiro! Quero tirar o coro destas desgraçadas no punhal! Jeremias! Leve dois homens e três escravos e matem esse bicho a pauladas.

Jeremias num gostou da ordem, mas obedeceu, afinal os escravos iam à frente. Uma das onças sai da toca e ataca um escravo abocanhando sua perna direita foi então que recebeu uma paulada e ficou se contorcendo no chão, os homens aproveitaram e massacraram o animal. O outro foi mais difícil, pois deu dois golpes em dois homens tirando instantaneamente suas vidas. Mesmo assim o capitão não permitiu que atirassem na onça, pois estragaria o coro, era melhor entregar a pele do animal intacta para o coronel do que a vida de dois ou três escravos.

- Vamos cambadas de frouxos tirem essa onça do buraco, toquem fogo que a desgraçada sai.



Assim procederam, pegaram duas tochas das que traziam para iluminar a noite e atearam fogo na toca da fera, a onça saiu atacando um dos capangas do coronel que teve o mesmo fim dos outros dois escravos, na confusão conseguiram atingir o bicho na cabeça e completaram o trabalho, mas o capitão não ficou muito satisfeito, pois perdera um homem dos seus, mas o objetivo final tinha sido alcançado as onças estavam mortas com o coro intacto. Pegaram as onças colocaram em dois paus grandes e levaram pra fazenda pra mostrar ao coronel. Quanto aos mortos simplesmente foram enterrados no próprio local que era conhecido como baixa do cedro por ser um campo inundado e repleto de plantas das lauráceas, meliáceas e pináceas, nome este batizado por um jesuíta daquela localidade.

OS JOVENS GUERREIROS

O tempo passava, terminava o inverno, o rio volta ao seu leito normal, mas os Potiguaras continuaram no mesmo local, a fome começa a assolar a tribo, pois a caça era sua maior fonte de renda e sem ela as crianças morriam desnutridas. Iacoruma e os pequenos guerreiros sempre caçava as escondidas para saciar a fome do seu povo. A mocororó uma bebida afermentada feita de caju ainda era o maior sustento para a aldeia, mas nesta época não se tinha a safra do caju. Era uma tarde de segunda-feira, os capangas do coronel pegaram dois jovens índios caçando e os prenderam para serem fuzilados na fazenda, eram apenas adolescentes em busca de caças para suas famílias, mas para o coronel eram índios nojentos que estavam desafiando suas ordens, portanto é preciso dar o bom exemplo. Os dois jovens chegaram à fazenda arrastados pela uma corda no pescoço com os capangas do coronel em cavalos. Em frente estava o capitão Manuel com seus gritos de urra acompanhado pelos demais homens. Na varanda sai o coronel e em seguida dona Matilde que implorou para soltarem os índios.

- Frederico pelo amor de Deus solte estes jovens são apenas garotos com fome.

Mas o coronel na imposição de sua autoridade passa a mão pelo queixo olha os garotos maltrapilhos e com um olhar ordena a Manuel que coloque os índios no tronco. O coronel vestia uma roupa toda em branco, inclusive um chapéu de massa, apenas o cinto e as botas eram a cor natural do couro. Observando o pedido da mulher o coronel replicou fervorosamente.

- Matilde, um dia você deixará de defender esses animais, saiba que qualquer um destes é capaz de lhe cortar a garganta por traição. Eles não são gente, é animal fedorento e o pior teimoso, preciso ensinar obediência. Pelo que vejo você defende índios e negros, tenta tirar minha autoridade e isso nunca permitirei. Volte aos seus afazeres e não me interrompa nas minhas atividades. Vocês mulheres servem apenas para os desejos do homem na cama e na cozinha.

Os índios foram amarrados no tronco à espera do cumprimento de sua sentença. O que o coronel não sabia era que aqueles dois índios eram da tribo dos tabajaras e com isto ele declarava guerra com todas as tribos da região. Os negros do engenho faziam de conta que nada estava acontecendo e os índios das plantações apenas mantinham o ódio, mas nada podiam fazer, pois eram vigiados dia e noite. Quando tudo parecia consumado ao longe se percebe vultos em direção a fazenda, são os cinco índios tabajaras que tinham salvado Iacoruma, estavam por estas terras exatamente em busca dos dois jovens que haviam se perdidos. O coronel já ia se retirando da varanda quando seu capataz Jeremias o chamou.

-Coronel está se aproximando uma tropa de índios.

O coronel sem pestanejar voltou se sentou na cadeira de balanço a esperar os acontecimentos. Os capangas se armaram e ficaram em pontos estratégicos. Naquele momento um dos índios que parecia comandar os demais se aproximou da casa e falou.

- Saudações dos índios Tabajaras!

Os dois índios que estavam no tronco começaram a gritar.

- Mandu! Mandu! Nos salve!

O jovem tabajara que acabara de chegar pergunta espantado ao coronel.

- Porque os filhos do grande espírito estão presos como cachorros, grande homem branco? Que mal fizeram para serem punidos como animais?

O jovem índio falava e ficava de um lado para outro como se fizesse uma demonstração de seu lindo corcel preto, que relinchava como se acompanhasse seu dono na reclamação. A feição do índio tabajara valia pelos demais, esperou um pouco e indagou novamente.

-Vejo que o homem branco tem raiva dos filhos da terra! Nós somos de uma aldeia livre como deve ser todos da nação indígena, solte os meus irmãos.

O coronel dando uma baforada em seu charuto replicou.

- Se é de uma aldeia distante o que fazem por estas bandas?

- Consideramos estas terras dos nossos irmãos potiguaras e temos caminho livre.

Respondeu Mandu. Mandu é o mais valioso guerreiro da tribo dos tabajaras, jovem de porte atlético comandava os guerreiros na luta contra o inimigo.

O coronel conhecia o valor dos guerreiros tabajaras, mas não podia se rebaixar a um punhado de cinco índios e deixar que suas ordens fossem desobedecidas, porém devia agir com calma, não queria complicação com mais tribos já que os jesuítas estavam constantemente exigindo da vila de Aracati a liberdade total dos indígenas. Confiando nas armas dos seus capangas e observando que os guerreiros tinham somente lanças, deu um passo a frente e continuou.

-Jovem guerreiro, não quero confusão com seu povo, leve seus irmãos daqui, mas vou avisar se um de seus índios for pego mais uma vez caçando nesta região não haverá mais perdão.

Mandu ficou espantado com tal comentário e replicou em seguida.

- Sua decisão foi saiba homem branco, mas nunca um guerreiro tabajara tinha ouvido tamanha ousadia, tu sabes que os filhos da terra sobrevivem da caça e da pesca, isto foi dado por tupã e nenhum homem tomará dos guerreiros tabajaras o direito da pesca e caca.

O Clima é tenso, naquele momento dois outros índios descem dos cavalos e vão desamarrar seus companheiros. Os adolescentes cambaleiam nos braços de seus amigos e os guerreiros partem rumo ao norte dando gritos de guerra, mas adiante Mandu parou e gritou.

-Velho branco você ainda vai ouvir falar de Mandu. E partiu em disparada.

O RETORNO A CASA GRANDE

O coronel dispensou a todos sentou na cadeira e ficou absorto, os índios até o momento só tinham lhe trazido desgraças e prejuízo e sabia que se não desse fim naquele punhado de Potiguaras eles se ajuntariam com outras tribos e seria difícil combatê-los, mandaria o capitão Manuel Teodoro contratar mais homens para destruir de vez a tribo, mas teria tempo, a maioria estava no cativeiro, na aldeia somente velhos e crianças o que não o preocupava tanto. O chefe estava à beira da morte, seu filho Iacoruma morreu, portanto teria tempo para planejar a destruição dos Potiguaras sem chamar atenção dos jesuítas ou de outras tribos. Levantou-se andou na varanda por um instante e repentinamente se dirigiu para o casebre dos escravos, lá chegando Poe um lenço no nariz, chama dois capangas e entra. De fato o cheiro é ruim, alguns escravos que ficam

acorrentados por dias são obrigados a urinar nos próprios molambos. O choro de criança é medonho, pois mais de dez são maltratados pela fome, pois as escravas estavam com ablactação. O coronel dirige-se a onde se encontra Esmeralda e como se nada tivesse acontecendo ordena.

- Tire as correntes da rapariga! Leve-na a casa grande e a deixe sob os cuidados de Matilde.

Olhou pra Melissa e falou

.- Você vai pra casa grande cuidar dos afazeres domésticos com Matilde, mas será vigiada dia e noite, se tentar escapuli já sabe o que espera a seu irmão.

Esmeralda não deu uma palavra apenas seguiu ordem conforme prometera. O medo de Melissa era do coronel fazer algum mal a seu irmão ou a Jurema, de qualquer forma tinha que fazer a vontade do velho. Já era noite, a lua prateada era escondida por nuvens negras, as estrelas pareciam perder o brilho naquelas terras. Os escravos comentavam que na lua nova o coronel se transformava em lobisomem e devorava os negros. Dona Matilde passara deitada durante todo o dia no seu quarto, estava com abulia, apenas José Maria e Maricota entravam. Maricota andava preocupada com o estado de sua senhora, sabia que não era doença e sim desgosto das atitudes do coronel, o velho além de não procurá-la maritalmente vivia com as mulatas em outro quarto da fazenda. Somente quando na porta apareceu Melissa que dona Matilde deu um pulo da cama vindo abraçá-la com gosto.

- Minha filha como estais pálidas! O que te fizeram? Melissa sabia da amizade de dona Matilde, mas nunca esperava que tal amizade se transformasse em amor. De fato Melissa estava pálida, triste pela morte de Iacuruma, mas feliz por está junto de tão boa mulher.

Abraçando sem jeito sua senhora, Melissa disse amavelmente.

- Não fique triste sinhazinha, tudo vai melhorar, agora se deite tome o chá que Maricota lhe fez.

Solicitou Melissa. Duas lágrimas desceram de seus lindos olhos verdes, mas ela disfarçou e começou a cantar até que sua sinhá adormeceu. Naquela noite o coronel começou a tomar uns goles de cachaça com dois de seus capangas, davam gargalhadas e palmadas nas bundas das mulatas que lhe serviam. Tinha a Severina que já possuía dois filhos do coronel apenas com dezenove anos e Tiá que agora que criava peitos, eram duas negras fogosas, o capitão e o coronel brincavam com as cunhãs que simplesmente adoravam ser fornicada, mas naquele momento o coronel só tinha pensamento em Melissa, os olhos da mulata não saiam do seu pensamento. Depois de já está bastante embriagado o coronel se dirige ao quarto das criadas expulsando todas, inclusive Jurema para ficar a sós com a escrava dos olhos de pedras preciosas, dona Matilde queria intervir, mas conhecia o coronel quando está bêbado, ele é capaz de matar qualquer um para conseguir o seu objetivo, no entanto sabia das suas pretensões e tinha que defender sua criada. O coronel entrou no quarto de Melissa, é um quarto, escuro, abafado. O coronel tirando suas roupas gritou!

-Melissa! Ela calmamente falou. Sim coronel. A voz veio de uma cama do canto, o coronel sem esperar caí na cama a dizer palavras desconexas. O bafo de cachaça tomou conta do quarto. O velho rasgou as vestes de Melissa. O que ele nunca imaginaria é que a mulata que está na cama não é Melissa e sim Tiá a negra que gosta do coronel, isto foi uma tática de dona Matilde, tinha medo de não dá certo, mas era única opção, Melissa

tinha ficado ao lado com sua voz para o coronel não desconfiar. Tudo ocorreu bem, pois com a embriagues do coronel e a escuridão, o velho não desconfiou. Assim foi durante diversas noites, sempre antes do encontro, as mulatas faziam de tudo para o coronel se embriagar.

CAPÍTULO X

A RESPOSTA DE IACORUMA

A noite passava, Iacoruma acordava de um sono profundo, a primeira lembrança foi a de Esmeralda tomando uma chicotada no rosto, seu ódio do coronel é tanto que mesmo fraco se levantou e começou a se pintar com urucu para desafiar o coronel e seu bando. Alguns moleques que sempre acompanhavam Iacoruma repetiram a ação do jovem guerreiro, se armaram colocaram as mantas nos cavalos e iam se dirigindo a casa grande, mas suas irmãs percebendo a loucura que o guerreiro ia cometer correram para a taba e o denunciaram ao seu pai. O velho chefe encontrou forças, levantou e foi ao encontro do filho. Iacoruma já estava no cavalo junto com mais doze jovens que tinham em média de doze a treze anos. Ubauna com um gesto calmo de um guerreiro experiente falou a seu filho.

- A onde vais?

Indagou o chefe.

Alvorçado e como se não quisesse dar explicações, Iacoruma deu uma resposta simples e direta.

- Vingar o meu povo! Irei destruir o anhangá!

Mas o chefe dos Potiguaras na sua paciência ordenou que Iacoruma descesse do cavalo e viesse à sua taba. O jovem não queria atender, mas tinha grande obediência ao seu pai, a contragosto desceu e chamou os seus pequenos guerreiros. O velho seguindo em frente ordenou para as suas filhas que conclamassem todos os índios da aldeia, velhos, mulheres e crianças. Quando

todos se reuniram na taba o velho fez um risco no chão com seus dedos calejados e falou.

-A nação Potiguara é uma divisão de muitas nações irmãs que habitam nesta região, éramos um povo livre e feliz nestas terras do grande senhor, mas veio o homem branco que é mal e destrói nossas raízes e nosso credo. E se dirigindo a Iacoruma continuou.

– Sei que meu filho quer a vingança dos que perderam a vida lutando por nossa liberdade, mas é preciso ter prudência igual a um animal que vai beber num rio cheio de jacarés.

Pegando o cocar entrega ao filho e diz.

- Iacoruma hoje eu passarei a você a chefia dos Potiguaras, mas antes lhe dou um conselho, não leve para toca dos leões os seus irmãos, se você atacar o homem branco estará determinando o destino destes jovens guerreiros e dando ao homem branco razão para vir destruir nossa aldeia. Portanto cumpra a minha última ordem como chefe, vá às terras do norte repasse a nossa situação aos irmãos tabajaras e procure os homens brancos de coração leve, eles nos permitem viver em nossas terras e não apagam os nossos cânticos. Iacoruma aceitou de bom agrado os conselhos de seu pai e ficou feliz pela confiança antecipada da chefia dos Potiguaras. Reuniu os jovens e partiu à procura dos irmãos tabajaras. Já era quase de manhã, o sol expulsava do ar a névoa branca que escondia à distância as matas da serra. Iacoruma não esquecia um só instante da feição de medo de Esmeralda ao ver o coronel, se o velho tocasse na mulata ele mesmo tiraria seu escalpo e jogaria seu corpo para consumo dos urubus.

A VISITA AOS TABAJARAS

Quando os jovens Potiguaras encontraram a aldeia de seus irmãos tabajaras foram recebidos com festa. Mandú expiava o jovem guerreiro montado num corcel parecendo de fato um grande chefe. Iacoruma observava a tribo dos tabajaras, dava gosto de se ver, havia muitos guerreiros, mulheres e crianças todos numa grande alegria, afinal eram homens livres e donos de suas terras. Iacoruma salda o jovem amigo.

- Que o Deus dos jesuítas abençoe a tribo dos irmãos tabajaras.

- Sua visita a esta casa já é uma benção Iacoruma, se apeie e venha à maloca do grande chefe Morubixaba que tenho certeza terá a honra de receber o jovem irmão potiguara.

A tribo se perdia de vista quando numa visão ampla se ver as ocas, os animais e a quantidade de guerreiros a fazerem as tarefas cotidianas como caca, pesca e o cultivo da mandioca e feijão. Os tabajaras ficavam a cochichar quando observavam os potiguaras que eram apenas meninos grandes com aparência de guerreiros a desfilar em seus cavalos. Quando Iacoruma desce juntamente com seus irmãos são levados à tenda do grande chefe, lá é saudado por Morubixaba comentando sobre o cocar que estava na cabeça de Iacoruma.

- Muito me honra ter em minha tribo um chefe tão apreciado pelo meu filho Mandu. Sente-se filho de Ubauna que o Deus dos jesuítas esteja com você e seus companheiros.

A tenda do grande chefe dos tabajaras era ampla, algum objeto feito de argila misturado com cestos e peneiras ornamentava a oca, Iacoruma senta-se no chão em local

indicado por Mandu e é acompanhado pelos demais. É formado um círculo e o chefe dos tabajaras iniciou a reunião do conselho.

- Mandu esteve relatando a situação dos irmãos potiguaras e muito me entristece ver os guerreiros a mercê de um cão branco que hostiliza os filhos da terra, pois no momento que ele desrespeita uma nação indígena magoa todos os indígenas. Quando você chegou Iacoruma percebi que seu pai lhe confiou o destino da nação potiguara e muito me alegrou sua vinda as nossas terras.

Iacoruma parecia confiante sentava-se ao lado dos maiores guerreiros tabajaras e se comportava como tal. Iacoruma num gesto de chefe levantou a mão e falou.

- Os irmãos tabajaras sempre ajudaram e confiaram nos potiguaras, meu pai os considera nossos mestres ao nos permitirem morar em suas terras, mas veio um demônio vestido de homem e sugou de nosso povo a liberdade concedida pela natureza, a nossa vinda à aldeia dos tabajaras tem por objetivo solicitar guerreiros para expulsarmos o cão branco de nossa terra.

O grande chefe dos tabajaras relatou.

- Todos os guerreiros disponíveis iram com você Iacoruma, estarão no comando de Mandu que é a força dos tabajaras na guerra.

Mandu complementou.

-É uma honra lutar ao lado dos potiguaras e não sairemos de lá até que o último cão branco perca seu escalpo.

O conselho perdurou por muito tempo e foi proposto que Mandu levaria cinquenta guerreiros para atacar a casa grande, mas teriam que bolar um plano, o primeiro passo seria recuar a tribo pela madrugada a um lugar chamado de Pinga, onde tem uma pedra com água o

ano inteiro e por lá o coronel não conhecia as trilhas, o segundo momento seria à noite matar os homens de plantão e libertar negros e índios. Iacoruma queria procurar os jesuítas, mas Mandú não permitiu, pois seria uma luta de muito sangue. Depois de libertarem os presos da fazenda os levariam para o Pinga para retornar e tomar de vez a fazenda e as terras pertencentes ao coronel. Depois de bolarem o plano, os guerreiros potiguaras e tabajaras retornaram as terras invadidas pelo coronel. Ao chegarem na tribo foram recebidos com alegria, mas mantendo cuidados para que sua surpresa ao coronel não fosse descoberta. Todos os guerreiros se alojaram em tendas que haviam trazidos da aldeia dos tabajaras inclusive muitas caças e cereais o que saciou a fome das crianças da aldeia potiguar. Há muito não se via a aldeia com tanto movimento razão esta porque os guerreiros tabajaras foram para as matas para não transparecer suas intenções. Teriam que atacar logo, pois o coronel poderia desconfiar e isto seria o fim de tudo. Ao anoitecer a casa grande estava como de costume, alguns capangas de vigília, mas sem nunca imaginar que próximo dali tinha mais de setenta guerreiros todos pintados e prontos para a luta, mas Iacoruma e Mandú nos seus planos não queriam fazer zoada para não por em perigo a vida dos índios, dos escravos e de Esmeralda. Apenas com vozes de animais iam se aproximando da fazenda. A noite estava escura o que melhorava para os índios a tática do ataque. Jeremias ao ouvir barulho de coiotes e corujas reclamou aos céus.

-Malditas corujas e coiotes parecem está agourando a morte! Vão para o inferno suas pestes!

Em uma noite normal ficava Jeremias e mais oito homens a vigiar a fazenda, todos em pontos

estratégicos, mas já conhecido pelos índios. No silêncio da noite se ouvia apenas um gemido sufocado que era tragado pela escuridão. Eram os índios no comando de Iacoruma e Mandú que cortavam a garganta dos capangas do coronel, um a um foi morto pelas navalhas dos filhos da terra. Quando não mais havia um vigia em pé, os índios entraram no casebre e soltaram os índios e escravos. Neste ínterim Iacoruma se dirigiu à casa grande entrou nos quartos um a um como um fantasma até descobrir onde estava Esmeralda. Já tinha um roteiro, pois o negro JB tinha posto algumas dicas que dava até o quarto da mulata. Ao entrar no quarto das criadas Esmeralda quis dá um grito pelo espanto, mas o jovem guerreiro Poe a mão em sua boca e disse amavelmente.

- Sou eu Esmeralda! Não tenhas medo!

Maricota dormia como uma baleia, barulho algum a acordaria. Esmeralda e Iacoruma saíram da casa sem serem vistos. Sua intenção era de procurar o coronel e cortar-lhe a garganta, mas isto poderia por todo o plano a baixo e colocaria muitas vidas em perigo. Ao chegar no engenho todos já se dirigiam rumos à liberdade, mulheres, crianças, negros e índios. Na sua experiência de caçador de negros o capitão Manuel, despertou desconfiando daquele silêncio intrigante, mas já era tarde, os índios haviam roubado todos os cavalos deixando a fazenda à mercê dos capangas que ainda dormiam. O capitão como se descobrisse o acontecido pegou suas armas saiu do seu cômodo e viu que suas dúvidas eram verdadeiras, começou a atirar e acordar o resto dos capangas. Ao longe em sua caminhada os guerreiros ouvem os tiros e Iacoruma ordena.

- Apressem os passos, pois fomos descobertos.

Todos mesmos os doentes encontraram forças para prosseguir viagem.

O coronel assustado saiu da casa grande feito louco.

- Mas que diabos aconteceu Capitão?

- Os escravos fugiram coronel, todos! Mulheres, crianças, todos! O capitão dizia aquilo demonstrando decepção nos seus afazeres. O coronel sem entender pergunta mais uma vez.

- Mas como? Onde estavam os seus homens, desgraçado?

- Os que estavam de vigias estão todos mortos coronel. E pelo corte em suas gargantas foram os índios.

-Junte todos os homens, vamos atrás destes merdas e matar a todos, mulheres, crianças. Não quero um só vivo!

O capitão mais uma vez decepcionava o coronel.

- Sinto muito patrão, mas levaram todos os cavalos!

-Malditos! Malditos! . O coronel bracejava de ódio, não importava o dinheiro perdido pelo pagamento dos negros, seu ódio era saber que sua autoridade tinha sido mexida e ele era capaz de matar a todos para provar que quem manda é ele. Com um rifle na mão se sentou no chão da varanda, levantou a cabeça e disse com ódio.

-Não me chamarei coronel Frederico da Costa se cada índio ou negro que hoje fugiu estiver em sete palmos de terra, farei deles estrumo pras canas de açúcar e beberei a cachaça destas canas dia a dia me lembrando do desespero de cada um deles. Foi apenas uma batalha, pois a guerra agora que começa!

Ao retornar para casa encontra dona Matilde, José Maria e Maricota. O coronel ainda sem saber da fuga de Esmeralda, pergunta com espanto.

- A escrava Melissa? Onde está Melissa? Diga sua negra safada!.

Dirigindo-se a Maricota.

-Não sei coroné!

Respondeu a escrava apavorada de medo.

O coronel não conhecia a historia da tribo e nem tão pouco que melissa era conhecida pela maioria por Esmeralda. O coronel enlouqueceu de vez ao descobrir que Melissa fugira, se dirigiu mais uma vez para a negra Maricota que era responsável pelas criadas e gritou.

-Sua negra desgraçada cadê a escrava Melissa?

Sem saber responder Maricota entra em pânico, o coronel em sua loucura aponta a arma para a escrava e atira, mas a bala atinge dona Matilde que com um gesto de tentar salvar a escrava se Poe na frente de Maricota. José Maria aos prantos segura sua mãe de criação nos braços que expirou com algumas palavras.

- Frederico Morro hoje feliz, porque todos os escravos tiveram a sua liberdade e eu a minha, você nunca terá o amor de Esmeralda, ela espera um filho de Iacoruma.

Aquelas frases foram como punhaladas no coronel

Dona Matilde morreu nos braços de José Maria. O coronel fica abismado, primeiro porque não sabia quem era Esmeralda e segundo porque não tinha intenções de matar a sinhá, mas diante da situação e pelas palavras de dona Matilde o velho não demonstrou arrependimento. Maricota tinha fugido as pressas sem destino com medo do coronel, com o velho apenas José Maria que após colocar sua mãe no chão tenta matar o coronel.

- Ora quem diria que a florzinha deu graças da coragem! Dizendo assim o coronel toma o punhal de seu filho dando-lhe uma bofetada que o fez cair ao chão próximo ao corpo inerte de sua mãe de criação. José Maria apenas ficou em soluços sem mais nenhuma

reação. Maricota tinha sumido com medo da loucura de seu patrão, mas foi presa pelos capangas e acorrentada no casebre. O coronel subiu ao seu quarto procurou seu escrínio retirou 8\$000 mil réis e levou para o capitão, eram moedas de ouro e prata. Então ordenou.

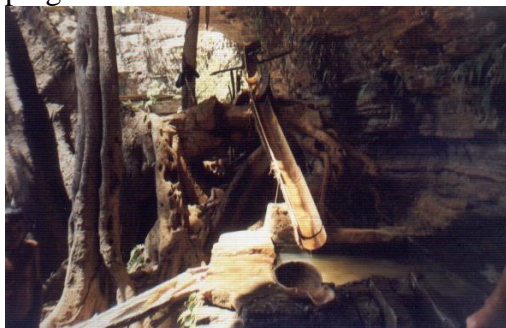
-Parta imediatamente para a vila contrate o maior número possível de homens, compre cavalos, armas, leve apenas oito capangas, o resto continuará vigiando, não acredito no retorno destes malditos, mas é melhor precatar. Diga a todos que os índios nos atacaram, mataram cavalos, homens e a mulher do coronel. Antes de partir ordene que enterrem os mortos, inclusive a Matilde, prenda o florzinha e a negra velha, não quero mais aborrecimentos.

Assim dizendo o coronel subiu as escadas deixando o corpo de sua mulher entregue aos seus homens. José Maria foi acorrentado junto com Maricota, os dois choravam pela perda da sinhazinha.

CAPÍTULO XI

FUGA PARA O PINGA

Já era quase noite, a viagem tinha sido demorada devido a muitos escravos estarem cansados e muitas crianças estavam doentes, era preciso quase de dois em dois quilômetros acampar, primeiro para conhecerem as terras e procurarem uma que não faltasse água, até que encontraram o local o qual já era conhecido como pinga.



Os índios e negros acabavam de chegar ao pinga, terra a ser desbravada por possuir muitos jamaracaú, vinham a maioria a pé, nos cavalos apenas as crianças e mulheres, principalmente as grávidas, todos desmontaram e começaram a abarracar as tendas, estavam exaustos, mas não se importavam, o que contava no momento era a realização do sonho de liberdade, se via nos olhos brilhantes e nos sorrisos dos negros a satisfação de não mais receber ordens dos capangas do coronel, como também a certeza de não ir mais para o tronco. Os potiguaras deram o nome àquela localidade de pinga, porque existe uma pedra em forma de loca onde a água pinga o ano inteiro. Enquanto

homens e mulheres cuidavam dos trabalhos, os meninos brincavam despreocupados como se nada tivesse acontecido. É uma região de carrasco, mas a caca é boa, não falta água e a terra dá pra plantar. A alegria de todos era medonha, mas nada se comparava com a de Ubaúna que com grande alegria recebe a todos, era um matusalém. Com seu cajado de lado, olha pra seus guerreiros e diz com entusiasmo.

- Agora posso morrer em paz ao ver meu povo em liberdade! Uma águia sem voar, um homem sem fé e um povo sem liberdade não existirá lenda ou historia no seu futuro. Vendo ao longe Iacoruma apressa-se e abraça fortemente

- Meu filho tu és o maior de todos os guerreiros. E observando Melissa falou alegremente. - Nunca duvidei de meu filho quando acreditava na liberdade de nosso povo, mas um homem para vencer as batalhas precisa ter fé e você minha filha trouxe isso a Iacoruma. Vejo nos teus olhos a cor que acalentava o meu coração e ela hoje está se concretizando. A promessa dos meus ancestrais era verdadeira, tu, Esmeralda és a razão deste acontecimento.

Melissa sorrindo agradeceu ao velho, mas disse humildemente.

- A liberdade dos potiguaras deve-se a todos que acreditam em justiça e combatem homens maus como o coronel.

Naquele momento chega Mandu, o guerreiro abraçou o chefe dos potiguaras e disse se sentir feliz por contribuir com a liberdade de seus irmãos. Alguns guerreiros saíram para a caça, pois muitos estavam fracos pela fome, principalmente as crianças de colo, pois a muito não se alimentavam devido às negras não terem leite. Mas tudo era festa, nada era capaz de tirar a

tranqüilidade daquele povo numa mistura de credos e costumes. Depois que todos montaram suas tendas ou fizeram camas do próprio mato, providenciaram uma grande fogueira e começaram os cânticos dos seus pais. Iacoruma e Esmeralda afastaram-se um pouco da nova aldeia e ficaram a observar as novas terras, estava um céu estrelado e a lua se mantinha nova como se oferecesse às boas vindas à nova vida daquele povo. De mãos dadas Iacoruma e Melissa se sentaram num tronco de ipê e ficaram a conversar. Melissa, com seu jeito meigo fala.

- Passei dias tristes quando achava que você tinha morrido, mas dona Matilde me contou que você estava vivo, pois uma índia passou a ela essa informação.

Naquele momento Melissa sentiu uma tristeza, pois temia não mais ver dona Matilde, Iacoruma percebendo comenta.

-Aquela senhora gosta muito de você.

- É ela gosta de todos nós, não admite as brutalidades do coronel, mas tenho certeza que ela está muito feliz com a nossa liberdade, por vezes dona Matilde nos chamou para fugirmos do coronel, mas a vigilância era grande o que impossibilitava nossa fuga, já que não queríamos deixar ninguém.

Esmeralda olha para a lua e a mesma é refletida em seus olhos, pensa um pouco e quase sussurrando diz.

- Vou ter um filho seu!

Foram apenas quatro frases, mas que despertaram em Iacoruma uma alegria jamais narrada, levantou do tronco puxou Esmeralda pelos braços e gritou tão alto que toda a tribo ouviu.

-Grande Tupã, eu serei pai!

E com Melissa nos braços saiu gritando repetindo que seria pai a todos dando conhecimento. As danças que já

tinham muitos motivos para acontecerem foram de noite adentro até o crepúsculo. Mesmo com as danças muitos guerreiros ficaram de vigias, afinal o coronel era astucioso e ninguém poderia confiar nele. Com o passar das horas alguns guerreiros trazem caças, eram dois veados grandes, um tamanduá e uma onça vermelha, dava para saciar a fome de todos. É visto a alegria nos olhos famintos dos negros. No dia seguinte é formado um conselho dos mais bravos guerreiros e dos anciãos das duas tribos, era comandado por Iacoruma. O jovem guerreiro preocupado com a situação fala a todos.

- Grandes guerreiros potiguaras e tabajaras, aproveito a reunião do conselho e agradeço pelo meu povo a grandiosa ajuda dos tabajaras na liberdade da nação potiguaras.

Parou um momento, observou todos os índios que formavam o círculo do conselho e continuou.

- Mas é preciso retorna as terras que nos foram roubadas pelo coronel, pois entre os filhos da terra e o povo da pele escura são mais de duzentas pessoas e como já percebemos estas terras produzem somente no inverno, a caca é boa, mas não dará pra alimentar a todos por muito tempo. Colocarei para decisão dos sábios anciãos a nossa próxima tática.

Um dos Anciãos, um velho sábio da nação potiguaras levantou-se e disse.

- Neste momento o demônio está despreparado e temeroso.

Dizendo assim se referia ao coronel.

- E' preciso atacar o mais rápido possível, tirar do cão branco o pão para os nossos filhos, dizimar por completo suas forcas, ou ele logo se restabelecerá

tornando a batalha complicada trazendo morte a muitos arcos.

Os mais velhos relacionavam as perdas dos arcos com a vida dos filhos da terra. Depois que Caititu falou o conselho decidiu que naquela noite retornaria as terras da fazenda, tomariam seu gado, matariam o coronel com o resto dos capangas, deixando somente a fazenda para dona Matilde. Ao falarem em deixar a sinhá e os seus vivos, muitos foram contra, mas Iacoruma defendeu a senhora mostrando a todos que ela era vítima das malvadezas do coronel tanto quanto negros e índios. Naquele momento ninguém sabia da morte da velha senhora. Assim ficou decidido, para tanto era necessário fazer um plano e isto ficou a cargo de Iacoruma e Mandu. Alguns guerreiros foram treinar nas carabinas tomadas dos capangas do coronel, outros foram em busca de desvenda outras terras e há dez quilômetros dali descobriram um coqueiral o qual nomearam de cocal, neste local havia um grande vale o qual foi denominado de talhadão. Os coqueiros eram nativos, mas foi um grande achado, pois servirá para a recuperação dos mais fracos, os potiguaras com as suas habilidades retiraram centenas de cocos e os levaram para o novo acampamento.

CAPITULO XII

O RETORNA A FAZENDA

O tempo passava, o dia seguinte na fazenda era de lamentar, pois tudo estava parado, desde o engenho as plantações de açúcar, mandioca e milho. Não se ouvia a zoadá dos carros de boi, nem tão pouco o barulho do engenho, mas o que mais fazia falta era a maneira de dona Matilde chamar seus perus e capotes, não se sentia nem o cheiro do café de Maricota, mas havia movimento na cozinha, pois Tiá, Severina e outras duas cunhas ficaram por conta própria e faziam os serviços caseiros. Para cuidar do gado e das coisas mais urgentes havia ainda vinte e quatro capangas todos armados e prontos para defender a fazenda de um novo ataque, mas o coronel sabia que os índios eram auspiciosos e em maior número, estava à mercê de seu amigo capitão Manuel Teodoro, mas o mesmo só retornaria com os homens num prazo de quinze a vinte dias. O que mais preocupava é que oito homens tinham ido com o capitão para reparar o dinheiro que levava, oito estavam cuidando do gado, quatro tentavam descobrir as pistas dos fugitivos, portanto a fazenda estava desguarnecida, um ataque dos índios seria fatal, então o coronel na sua sapiência resolveu se esconder em outras terras para se livrar da morte, pois tinha certeza que a qualquer momento os índios atacariam a fazenda. Rumou para uma localidade que dona Matilde tinha batizado de Junco quando andou lá percebendo grande quantidade de plantas da família das juncáceas, plantas essas delgadas, lisas e flexíveis que vegetam em terrenos úmidos. O velho chamou dez dos seus capangas deixando na fazenda apenas oito.

Josisberto que estava no comando ficou pasmo ao ver a decisão do coronel e perguntou.

- Coronel se ficar apenas oito homens na fazenda num dará nem pra começar se os índios nos atacarem.

O velho passou a mão na barba, olhou para o capanga e disse com ironia.

- Tu és muito besta! Cabra safado! E se ficar esses outros dez, tu achas que não morreram também? Tô indo pra banda ignorada fique aqui com os demais e trate de defender a fazenda.

O coronel não disse pra Josisberto aonde irá com medo do capanga delatar seu paradeiro. Chama outro homem e manda selar os animais restantes que estavam no campo e não tinham sido levado pelos potiguaras. O coronel mandou as criadas juntarem seus trapos, pegou a carroça de dona Matilde, reuniu os homens e partiu rumo ao junco. Logo após um quilometro mandou os homens pararem e ordenou.

- Pedro junte mais um cabra de sua confiança e vá ao encontro de Manuel Teodoro, diga ao capitão que ao vir com os homens vá pras terras do junco, lá nós veremos como extinguir esses malditos índios e negros.

- Sua ordem será dada meu coronel. Vamos Rufino!

Os dois saíram em busca do capitão.

Naquele momento o capataz Josisberto percebia que o coronel tinha certeza do ataque dos índios e eles tinham ficado como cobaias. Parou pensou um pouco e chamou os outros sete capangas.

- Cambada eu não sei de vocês, mas to me arribando pras bandas do Maranhão, se os índios nos atacarem seremos todos trucidados, não sobrar um dedo pra fazer remédio, quem quiser ir comigo vambora!

Um dos capangas entreve.

- Mas como se os últimos cavalos o coronel levou.

- Não me importa, vou de qualquer jeito, aqui é que não fico.

- E quanto àqueles dois que estão no casebre?

Um dos capangas se referia a Maricota e José Maria que estavam acorrentados.

- Solte-os!

- E os oitos que estão vigiando o gado?

- E' tarde demais pra eles, de qualquer maneira eles tem cavalos dá pra fugir se não forem idiotas.

O capanga de nome Juraci foi até o casebre para soltar os presos.

Maricota estava doente, se percebia só olhando pra negra, mas se alegrou quando percebeu que sairia daquele inferno.

- O Josisberto mandou soltar vocês, estamos indo embora pras bandas do Maranhão, quanto a vocês vão pra onde quiserem.

Dizendo assim o capanga saiu do casebre e correu para acompanhar os demais que já tomavam distancia. Maricota e José Maria ficaram sem destino, a velha negra com sua gordura exagerada chorava como criança ao ver a fazenda abandonada. Andou um pouco e ao perceber o túmulo da sinhá correu e se debruçou junto com José Maria e ficaram aos prantos.

Era quase noite, um vento suave assobiava como se denunciasse à terra abandonada, José Maria pegou Maricota pelos braços e a chamou.

- Vamos Maricota, temos que encontra guarida, afinal se o coronel aparecer novamente mandará nos matar.

- Mais praonde nós vai meu filho. Perguntou a negra.

- Não sei, mas temos que nos afastar daqui.

E saíram os dois sem destino algum.

Iam por uma estrada de carroça levando apenas um pouco de água e carne seca que Juraci havia dado.

Na tribo já estava tudo preparado para o ataque á fazenda, eram oitenta índios e noventa e dois escravos, todos motivados pela vingança ao coronel. Não tinha cavalos para todos, mas isso não importava, o plano era que os que estavam a cavalos iriam primeiro tomar o gado que ficava próximo à cachoeira do véu de noiva, isso era exatamente o tempo que dava para os que estavam a pé chegassem na fazenda para fazer o ataque final. A cavalo tinha setenta e dois, na frente Iacoruma e Mandu em seus cavalos brancos. O cavalo de Iacoruma chamava-se galardão que significa glória.

A macha foi tranqüila, os de cavalos vieram por um caminho, enquanto os a pé cortaram veredas. Em trote rápido os filhos da terra chegaram na região da cachoeira do véu de noiva sem empecilho algum, no entanto antes de do ataque aos oito capangas do coronel, avistam a uns cem metros duas pessoas que logo foram reconhecidas por Iacoruma, era Maricota e José Maria.

Vinham exaustos pedindo socorro aos céus. Iacoruma para não chamar atenção dos capangas, pois estavam a vista, apontou para quatro índios potiguaras e com gestos os mandou socorrer aquela gente sofrida. Os índios imediatamente atenderam, pegaram os dois moribundos e os levaram rumo ao pinga, dos quatro índios um voltou e falou a Iacoruma.

- Estão com abasia, mas pediram para lhe passar uma mensagem – disse Saí, índio potiguaras.

- Fale então, Saí! Solicitou Iacoruma.

- Dizem que o coronel fugiu da fazenda e que a sinhá deles foi morta pelo marido e também disse que o capitão Manuel Teodoro foi à província em busca de muitos homens.

A mensagem foi um choque para o jovem chefe. Pensou. Será como Esmeralda irá receber essa notícia, pois ela logo saberia através de Maricota e José Maria. Mandou o guerreiro de volta para ajudar os demais no transporte com Maricota, pois ela era pesada e precisava ser carregada em uma esteira. Olhou para Mandu e disse.

- Já que a fazenda está abandonada precisaremos somente de vintes homens para queimá-la, pois o cão branco tentará voltar para planejar o ataque.

Mandu com a cabeça fez gestos concordando.

Todos os índios estavam em baixo das árvores e num só local, mas Mandu se dirigiu ao lado oposto com quarenta guerreiros não dando chances dos capangas escaparem para não os denunciarem ao coronel. Naquele momento Iacoruma deu um grito de guerra e todos partiram em conjunto em direção aos capangas, o gado tentou fugir, mas a tática dos índios era pra muitos guerreiros já ir juntando o gado e levando rumo ao pinga enquanto os outros davam conta dos capangas. Eram mais de duzentas cabeças de gado. A apreensão dos animais foi extremamente fácil, os homens foram mortos, o gado não deu trabalho pra juntar. A maioria dos guerreiros se dirigiu ao pinga com o gado e Mandu, Iacoruma e mais vinte guerreiros rumaram pra fazenda. Quando lá chegaram se deparam com tudo abandonado, apenas algumas cabras, poucas galinhas e dois cachorros, o restante tinha sido levado pelo coronel pras bandas do junco. Iacoruma mandou tocar fogo em tudo, após se abastar de alimentos e material para levar ao Pinga, até a capela foi destruída depois de ser retirada à imagem de Nossa Senhora Auxiliadora para entregar a Melissa.

- Queimem tudo! Não deixem uma só lembrança do sofrimento dos nossos irmãos!

O fogo consumia a fazenda, Iacoruma desceu de seu cavalo e se dirigiu a unas cruces que ficavam perto da fazenda, lá se ajoelhou analisando que seria o tumulto de dona Matilde dizendo baixinho.

- Minha senhora, a vi apenas uma vez, mas percebi que tinha um bom coração, mas tenho certeza que agora no outro lado a sinhá conseguiu a liberdade, obrigado pela contribuição para a liberdade do povo potiguaras.

Levantou-se e viu a fazenda se tornar uma nuvem negra enfeitada por labaredas vermelhas que lambiam o vento, parou por um estante ficou feliz pelo que estava acontecendo e gritou novamente.

-Queimem tudo! Salvem apenas o que for de utilidade para o nosso povo!

Depois de tudo consumado os guerreiros partem rumo ao Pinga para planejar outra estratégia para derrotar o coronel, afinal teriam que descobrir o seu paradeiro.

CAPÍTULO XIII

O JUNCO

Quando o coronel ia chegando na localidade de junco, ao longe avistou o capitão Raimundo Almeida das Flores que é o encarregado dele naquela região, o homem se apressou para vir ao encontro do patrão.

- Coronel, mas que surpresa! Há muito tempo o senhor não andava por estas bandas, seja bem vindo patrão!

O coronel se mostrava carrancudo e logo o capitão percebeu, mas continuou com sua recepção.

- Amanha eu ia a fazenda pra....

Antes de terminar foi interrompido pelo coronel.

- Capitão, deixe esses assuntos pra depois e pare com essa adulação mande sua mulher fazer comida pro meus homens e ajeitar meu quarto, pois tudo indica que nossa permanência aqui será por muitos dias.

- Com muito prazer coronel. Respondeu o capitão já chegando na casa.

A casa era simples, mas comportava todos, tem quatro quartos uma sala grande e uma varanda que circulava todo o prédio onde os capangas armaram suas redes. Naquela região quase não existiam grandes benfeitorias, apenas um curral que abrigava doze vacas leiteiras, uma criação de galinhas, um alabão e uma plantação de cajueiros. O que se observava era muitos cachorros que ali conviviam com os moradores servindo apenas para latirem com os visitantes, pois eram jaguarapebas. A razão da construção dessa casa era para o controle das terras do coronel evitando assim posseiros vindo de outras regiões. No local vivia o capitão Raimundo Almeida das Flores, sua mulher dona

Maria das Graças e quatro filhos, sendo duas raparigas e dois garotos com aproximadamente cinco e sete anos.

A visão que se tem do local é paradisíaca ao se observar da casa, dali se vê boa parte do rio com suas curvas permanentes rodeadas de coqueirais, mais adiante se localiza o morro dos ventos fortes e no lado oposto uma mata ainda nativa. O capitão sem esperar a visita do patrão se apressou em arrumar o quarto que sempre estava à espera do coronel. Tinha a patente de capitão por já ter sido grande servente do coronel na captura de escravos e índios, mas agora com seus setenta anos parecia mais com um agricultor a cuidar de milho e feijão, é um autentico veredeiro. É um sujeito forte de temperamento, mas fisicamente magro mostrando na face às feições esqueléticas. Após acomodar a todos inclusive colocar os cavalos nas cocheiras o capitão se dirige ao coronel

- Pronto coronel seu quarto está conforme o senhor gosta, as criadas já tão na cozinha ajudando Maria no jantar e os homens como o senhor vê já se instalaram na varanda.

O coronel continuava calado imaginando um plano para se vingar dos índios e escravos, sentou-se numa cadeira de balançar, passou a mão pela a barba e quando ia falar alguma coisa percebeu ao longe uma fumaça preta a subir no céu, logo teve a certeza que era no local da fazenda. Levantou rapidamente, deu um suspiro, contraiu suas mãos e gritou.

- Desgraçados! Malditos! Esses demônios vão me pagar caro!

O capitão continuava sem entender o que estava acontecendo, sem jeito pergunta.

- Meu patrão me perdoe à ousadia, mas o que está acontecendo, sei que o senhor tá furioso, mas sou de confiança como vossimice sabe. O que tá se passando?

O coronel acaba contando o que se passava.

- Sê tá vendo aquela fumaça preta? Pois é o que resta da fazenda.

O homem tira o chapéu se benze e diz.

- Vala meu Deus do céu! Mas quem faria tal loucura?

O coronel olha pro capanga e diz.

- Deus não vai valer nem de mim, nem de você capitão, queira Ele ou não vou matar todos esses desgraçados, não sobrar um menino pra contar a história.

Dizendo assim o coronel se dirige a seu quarto. Após uma hora que o velho estava lá, apareceu Regina uma das filhas do capitão. Era uma rapariga de grande formosura, cabelos louros como os raios do sol, era conhecida como lourinha, tem olhos azuis como a água do mar, corpo de moça já formada, meiga e aparentava dezesseis anos. Bate na porta e o coronel pergunta.

- Quem é?

A moça não fala, simplesmente abre a porta e entra. O coronel já entendendo o que se passava diz rispidamente.

- Não quero mulher, diga isso a seu pai.

A pobre garota retorna sem dizer uma palavra, mas intimamente estava feliz, pois estava sendo obrigada pelo pai a dormir com o coronel. O capitão imaginara que oferecendo sua filha o coronel esqueceria um pouco as decepções que estavam lhe afetando, mas o coronel só tinha pensamento para Melissa, naquele momento pensou.

- Desgraçada! É tudo culpa dela! Vai ter um filho daquele maldito, mas se eles pensam que serei destruído só, estão enganados, nem que seja a última

coisa que faço neste mundo, mas farei, vou destruir a
felicidade deles.

CAPÍTULO XIV

A MORTE DO GRANDE CHEFE

Quando os guerreiros retornaram a aldeia com o gado e a noticia da destruição da fazenda todos festejaram e ficaram mais seguros, pois ainda temia o retorno à escravidão. A tribo se tornou uma nação composta de índios e negros, todos com suas tarefas, pois agora teriam muito trabalho no manejo do gado e das plantações, pois antes de incendiar a fazenda Iacoruma aproveitou tudo desde as pecas do engenho ao material de beneficiamento da carnaúba. Os guerreiros que tinham ido a pé trouxeram esse material em carroças sabendo que era de grande valia para a sua sobrevivência. O coronel antes de sair pensou em destruir a fazenda para não deixar nada para os índios, mas temia o ataque a qualquer momento e por isso achou melhor preservar sua vida e sair o mais rápido da fazenda. Sabia que Iacoruma e Mandu eram inteligentes e aproveitariam tudo que pudessem dos equipamentos que havia na fazenda. Naquela noite o céu aplaudia o sucesso da tribo através das estrelas, o vento nesta época trazia grandes mensagens dos deuses através do mensageiro como assim era conhecido o boneco feito pelos potiguaras. Iacoruma se dirigia à tenda de seu pai, pois o velho encontrava-se a beira da morte, entrou e lá encontrou Acajuí, suas duas irmãs e Esmeralda já com a barriga dentro dos nove meses. O jovem guerreiro coloca sua carabina no chão, observa o velho sorrindo sem dentes e fica ao seu lado. Antes de falar com o velho não conseguiu deixar de observar a beleza de sua mulher, estava vestida como uma sinhá, usava

um vestido de dona Matilde que recebeu dos guerreiros que pegaram antes da casa grande ser incendiada, voltou a olhar para seu pai passou as mãos pelos seus longos cabelos brancos e disse.

- O grande chefe dos potiguares ainda verá muitas luas. O velho tornou a ri, apertou a mão de Iacoruma e disse quase sussurrando.

- Poucos homens iram para o outro lado com a felicidade que seu pai irá meu filho. Temos nossa terra e nossa liberdade de volta, você é um grande guerreiro, foi presenteado com a mulher dos sonhos de nossos ancestrais e hoje não mais somos um povo e sim uma nação com os nossos irmãos de cor escura. Vou para onde estão meus pais e meus deuses.

Iacoruma preocupado com a fragilidade do velho guerreiro pede.

- Pai não fale tanto, procure descansar.

O velho tossiu e diz amavelmente.

- Terei a eternidade para descansar no meu grande sono. Parou um pouco, tossiu e continuou.

-Iacoruma, hoje não mais somos simplesmente uma tribo, quando tudo se acalmar olhe para os irmãos de pele escura, até para os brancos afinal existem homens santos como o São Francisco.

O chefe se referia ao Frei Josué, pois em suas histórias contadas na tribo o frade relatou a vida de São Francisco de Assis e desde deste dia Ubauna chamava o Frei de São Francisco, pois o considerava igual ao santo. O velho guerreiro olhou pela ultima vez para seu filho e Esmeralda e disse quase sussurrando.

-Você foi abençoado pelo Deus dos jesuítas meu filho de ter ao seu lado uma grande mulher!

Deu um sorriso para Esmeralda e disse.

- Obrigado!

Esmeralda passava um pano úmido na testa do grande chefe que dando um suspiro morreu com um sorriso no rosto e com as mãos dadas a Iacoruma. O jovem se debruçou no corpo frágil do pai o abraçou fortemente, sentiu muito a perda do pai, mas estava feliz porque o velho guerreiro tinha partido feliz ao se despedir de seu povo com a liberdade alcançada, cobriu o corpo com um pano branco e foi anunciar a aldeia a partida do maior chefe dos guerreiros potiguaras. Todos ou a maioria já se encontrava na tribo, eram quase duzentas e cinqüenta pessoas entre negros e índios. Próximo à tribo tem um pequeno monte que dava pra ver as dezenas de tendas espalhadas naquele vale. Quando todos se agruparam Iacoruma junto a Esmeralda e Mandu anunciou a morte de Ubauna.

- Nação dos potiguaras, guerreiros tabajaras, povo negro irmão, hoje partiu para a morada dos deuses o maior de todos os potiguaras, o grande chefe Ubauna e sei que a felicidade que ele alcançou antes de partir se deve a todos os guerreiros que aqui se encontram. A partir de hoje à noite o grande chefe será velado por todos e no findar da madrugada seu corpo será purificado.

Ao dizer purificado Iacoruma se referia a um ritual que vinha desde do início dos potiguaras, o velho chefe seria colocado em uma cama feita de lenha e suspensa do chão por quatro forquilhas a dois metros, junto a ele era colocado todos os seus pertences e no primeiro raio do sol ele seria adurido. Não houve choro, pois o guerreiro continuara suas batalhas do outro lado da vida. Após o ritual os guerreiros a comando de Mandu treinavam se preparando para a grande batalha, pois os índios sabiam que os homens que o capitão Manuel

Teodoro tinha ido buscar na capitania estavam pra chegar.

CAPÍTULO XV

O NASCIMENTO DE CARAN

Cinco dias após a morte do grande chefe, a tribo continuava em seu ritmo normal, era como se a fazenda tivesse sido transferida para a localidade do pinga. Os índios caçavam, faziam seus trabalhos com as palhas de carnaúbas e usavam a mandioca que tinha sido tirado das terras do coronel, entoavam seus cânticos, suas danças e viviam como se em toda a vida tivessem liberdade. Quanto aos os negros tratavam dos animais e trabalhavam no moinho utilizando as sobras da cana de açúcar fazendo delas o chibé uma mistura de água com farinha e rapadura pra alimento de todos, produziam também muito carimã uma massa azeda de mandioca, mole reduzida a bolos secos ao sol. Era uma economia de subsistência tendo como única preocupação, a finalização do inverno, pois aquelas terras dependiam das chuvas por não haver nas proximidades um rio ou outra fonte de água, com exercício da pedra que chorava dia e noite assim como foi denominada pelos indígenas a pedra do pinga que servia apenas para beberem. Com pouca água não tinham como fazer novas plantações, mas já eram acostumados a serem nômades e já tinham em mente irem para as terras dos buritis e da cachoeira do véu das noivas, pois eles sabiam que a batalha final estava próxima e quando isso acontecesse, crente da vitória retornariam para as terras antigas. Alguns guerreiros sob o comando de Mandu se dirigiram para o morro dos ventos fortes, pois haviam descoberto o paradeiro do coronel, do morro dava pra observar o movimento da casa onde se encontrava o coronel e alguns dos seus capangas, parecia tudo normal apenas o

capitão e seus filhos tratavam da vacaria dando movimento àquele local. O coronel na varanda conversava com seus capangas como se bolasse um plano de ataque, mas era notório que os homens da província ainda não tinham chegado e na sua experiência aquele momento poderia decidir a batalha. . Mandu após observar o movimento chama seus guerreiros e retorna ao pinga. Quando chega a tribo repassa tudo a seu amigo Iacoruma e aconselha um ataque naquela noite.

- Iacoruma! Descobrimos o paradeiro do cão branco e o momento de atacar é hoje enquanto os homens da capitania não chegam, se nós destruímos a outra fazenda será o fim do demônio, quando o capitão chegar sua única opção será fugir ao ver o fim do coronel.

O jovem guerreiro sabia que Mandu tinha razão, mas naquela noite as dores do parto de Esmeralda se intensificaram e tudo mostrava que logo Iacoruma seria pai. Pensativo o chefe dos potiguares falou.

-Tem razão meu amigo, preciso reunir o conselho e fazer um plano de ataque ao cão branco, vamos convocar os guerreiros.

Mas quando o chefe dos potiguaras convocava os anciãos e guerreiros da tribo para formalizar um ataque e aniquilar o coronel sua irmã se aproxima.

- Meu irmão as dores de Esmeralda aumentaram, a mulher de cor escura acha que ela irá parir nos próximos minutos, mas ela está tendo problemas para ter o seu canjira.

A irmã de Iacoruma se referia à negra Maricota que prestava assistência junta com Jurema a Esmeralda. O jovem sinalizou para seu amigo que entendeu a situação e a reunião do conselho foi cancelada. Iacoruma

ordenou as suas irmãs que desse todo apoio necessário, mas Esmeralda tinha todos os cuidados precisos, pois Maricota tinha experiência nesse assunto e tinha Jurema que não saía de perto de sua companheira, Esmeralda se encontrava em sua tenda numa rede rodeada de mulheres a lhe prestar assistência, estava tendo uma hemorragia o que preocupava a todos. Iacoruma no lado de fora estava nervoso andando de um lado para outro, Mandu vendo a agitação do amigo diz.

- Tenha fé filho de Ubauna os deuses dos teus pais não iram te abandonar.

Antes de Mandu terminar se ouvi um choro proveniente da tenda, o filho de Esmeralda havia nascido, sem prestar atenção nas palavras do amigo, o jovem guerreiro entra na tenda e observa ao lado de Esmeralda uma bela criança, era um menino, olhos verdes e com um leve fechamento, cabelos negros e pele cor de canela, havia ganhado traços de Esmeralda e Iacoruma e isso explicava sua grande beleza, pesava mais ou menos três quilos e quatrocentas gramas, forte, corado tinha os traços das duas raças. Iacoruma o pega nos braços, levanta bem ao alto e proclama.

- Pelos séculos a história conhecerá o chefe dos potiguaras pelo nome de Caran.

Caran vem de carandazal que significa palmeiral de carnaúbas e tinha sido um pedido de Frei Josué que se sentiu muito honrado ao ser atendido. Todos vieram conhecer o filho de Esmeralda e traziam presentes, eram simples mais muito importante pela lembrança de todos. Frei Josué sabia das crenças dos indígenas, mas também que os mesmos eram cristãos pediu para batizá-lo. Logo após a morte da sinhá Matilde Frei Josué foi procurado pelo menino JB que lhe explicara tudo que havia acontecido, os dois passaram muitos

dias escondidos na Baixa do Cedro com medo dos capangas do coronel, mas com o passar do tempo encontraram alguns índios que lhe ensinaram como chegar ao pinga. O Frei ajudou na construção de uma nova capela no pinga para a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora a qual veio da fazenda e também com o objetivo de não deixar os índios e negros escaparem da fé católica. Naquele momento tão especial não poderia deixar de abençoar o filho de Esmeralda, entrou na tenda e falou.

-Me perdoe minha filha não trouxe um grande presente mais aqui está minha lembrança.

Retirou de uma pequena bolsa de couro um cordão de ouro com uma medalha de São Bernardo e colocou no pescoço do pequeno índio.

Esmeralda com um sorriso de felicidade disse meigamente.

-Para ele basta sua oração meu santo!

E olhando para o cordão complementou.

-Meus Deus! Mais como é lindo! Obrigada Frei Josué.

-Eu sou quem agradece por ter aceitado o nome que indiquei para o jovem Caran.

-É lindo o nome Frei Josué e mais importante a mensagem, pois nesta região é repleta de carnaúbas e elas são a razão desta terra.

-Vou orar com os demais por você e o jovem Caran e agora quero batizar o jovem.

-Claro Frei Josué, combinei com Iacoruma, Mandu e Jurema serão os padrinhos, mas será no morro dos ventos fortes junto com a cerimônia indígena.

O Frei sem querer explicar ou sem poder dizer suas reais intenções solicita humildemente.

-Por tudo que é sagrado minha doçura me deixe batizá-lo agora.

Esmeralda se espantou com tal solicitação, principalmente porque o tom do pedido era como se algo muito ruim fosse acontecer.

-Não posso Frei Josué! Quero algo bonito para meu filho, mas agora fiquei preocupada com esse seu pedido, porque tão rápido assim?

O Frei Josué não queria falar, mas se sentiu na obrigação afinal só se batiza rápido assim quando as crianças estão moribundas.

-Está bem minha filha, mas não quero que mais ninguém saiba, ou em vez de ajudar acabaram atrapalhando minha missão.

-Está bem Frei, mas do que se trata?

-Há muito tempo venho tendo contato com meus superiores na província solicitando ajuda para derrotar o coronel, isso era um pedido da minha querida sinhá. Parou um instante orou por dona Matilde e continuou.

-Agora através de um mercador obtive uma mensagem do conselho ultramarino que o governo decidiu enviar uma tropa para ajudar os guerreiros potiguaras, no entanto eles pedem segredo e eu tenho urgência para ir a capitania e mostrar o quadro que se encontra esta região ou será tarde demais.

O frei parecia cansado após relatar suas idéias e Esmeralda sorriu demonstrando tranqüilidade e dizendo meigamente.

-Nunca menti para Iacoruma, mas se é para o bem de todos vou chamá-lo e dizer que hoje é o dia mais propício para batizarmos Caran e assim você fará sua viagem tranqüila.

-Obrigado minha princesa! Eu sabia que você ia entender.

Assim aconteceu, naquela mesma noite foi realizado o batizado de Caran, Iacoruma nem sequer perguntou

porque o batizado estava sendo antecipado, o importante para ele era a felicidade de Esmeralda, após a cerimônia que foi simples e rápida Frei Josué chamou JB e partiram em dois burricos rumo a Aquiraz.

O MORRO DOS VENTOS FORTES

No dia seguinte como era de costume eles teriam que fazer a festa do torem no morro dos ventos fortes, Iacoruma convocou todos os guerreiros tabajaras e potiguaras para proclamarem Caran como príncipe dos potiguaras. Nenhum escravo poderia participar, somente Esmeralda que a partir daquele momento se tornaria uma potiguara. O ritual era obrigatório acontecer no morro dos ventos fortes porque seria feito um boneco para receber as mensagens relativas ao futuro do filho de Iacoruma. Foi algo grandioso, setenta guerreiros em cavalos todos com tochas nas mãos se dirigiram ao morro dos ventos fortes, Iacoruma Esmeralda e o pajé da tribo iam à frente, o boneco já feito ia ao meio como sendo uma das peças principais do ritual, era noitinha, o céu estava estrelado como nunca, a lua dava graças como se fosse obrigada a participar daquele movimento. Ao longe se percebia as tochas subindo o morro como se fossem iluminar o futuro de Caran. O coronel de sua casa observou o movimento.

- Aqueles malditos estão fazendo culto ao demônio para agraciá-lo, mas logo verão a fúria do coronel Frederico da Costa.

- O que fazem naquele morro com aquelas tochas? Indagou o capitão.

-Burrice! Credito em besteiras, enquanto oram pro inferno vamos continuar com nosso plano, pois Manoel Teodoro deve está chegando. De fato após duas horas do comentário do coronel, o capitão Teodoro chega ao junco com oitenta cabras bem armados e prontos pra luta, eram verdadeiros corsários. O coronel Frederico da Costa os recebe com um sorriso no rosto, era fácil perceber que estava acoroçado.

-Teodoro você nunca me decepcionou.

E indo ao encontro do capitão lhe dá um abraço de boa vinda complementando.

-Porque a demora capitão? Já temia que fosse tarde demais, se os animais resolvessem nos atacar seria o nosso fim, mas como já sabemos que eles são burros e acham que nos destruíram isso será o fim deles.

O capitão vinha preocupado com o coronel, pois já sabia da destruição da fazenda.

-Pois é meu coronel, passei dias sem dormir quando soube do acontecido na fazenda, temia que o meu patrão estivesse morto.

O coronel deu uma gargalhada e comentou.

-Que é isso Teodoro você parece que não me conhece! Uma batalha perdida não significa o fim da guerra.

E olhando para os homens que desmontavam dos cavalos, puxou o capitão para um lado ficando a sós e continuou.

-Estes homens valeram a pena o dinheiro gasto?

-Há coronel são homens valentes acostumados a capturarem índios e escravos fugitivos, são bons na bala e na faca.

O coronel olhou em direção ao morro dos ventos fortes apontou para as tochas e mostrou ao capitão.

-Você ta vendo aquelas tochas capitão.

-Sim coronel é o local onde os índios fazem seus cultos.
Respondeu o capitão.

-Isso mesmo! Sei que você está cansado, mas não vamos perder tempo, ordene que quatro cabras dos seus para acossarmos aqueles malditos, vá até as proximidades, com cuidado é claro e siga os malditos para descobrirmos seus paradeiros, depois seguiremos com um plano que bolei nesses dias.

O velho suspirou e disse.

– A visita desses veados ao morro veio a calhar, agora descobriremos a onde se escondem e assim vou massacrá-los.

Logo saiu quatro capangas em direção ao morro dos ventos fortes para vigiar e descobrir o local a onde estava vivendo os negros e escravos. O coronel ordenou ao capitão Raimundo Almeida das Flores que providenciasse comida e dormida pra todos os capangas. O capitão sem muita opção acabou matando duas vacas leiteiras e diversas galinhas. De Aracati Teodoro tinha trazido muita carne seca e farinha para os homens se alimentarem naqueles dias de batalha. Naquele momento findava a dança do torem oferecida a Caran e as mensagens do boneco traziam grandes promessas ao filho de Esmeralda conforme interpretação do feiticeiro, enquanto o jovem Iacoruma se preocupava com sua mulher e filho como era o natural, Mandu não se esquecia da chance de ataque ao coronel antes da chegada dos homens da província, mas quando já estavam retornando ao pinga um dos vigilantes chega a Mandu e lhe fala.

-Os homens do coronel chegaram!

-Grande Deus dos jesuítas. Espantou-se Mandu e perguntou.

-Quantos?

-Estava escuro, mas pelo trote dos cavalos mais de cem.
-Peste! Perdemos a chance de acabar com o velho!
Estavam armados com pau de fogo?

- Todos com armas e muita bagagem já que vinham três carros de bois.

Mandu não queria atrapalhar o companheiro nas suas comemorações, mas se era verdade que tinha mais de cem homens bem armados, um ataque ao pinga seria um desastre, pois tinham poucas armas. Não teve outra opção era obrigado comunicar a Iacoruma ou seria tarde demais. Os índios já desciam o morro quando Mandu acompanhou seu amigo e o chamou para se distanciarem um pouco para os outros não tomarem conhecimento. Iacoruma que vinha com seu filho nos braços entrega a Esmeralda e acompanha Mandu.

-O que esta acontecendo irmão?

-Os homens do cão branco chegaram e meus vigias disseram que são muitos e trazem muitas armas.

Iacoruma se espantou e disse.

- Por cristo! Quando foi isso?

-Agora! Enquanto a dança do torem era praticada eu enviei homens para vigiar a fazenda onde está o coronel e no momento que eles estavam lá os malditos chegaram.

-Isso significa que ele teve ter visto nosso movimento e ter colocado homens na nossa pista.

-Com certeza grande guerreiro, vou colocar dez homens para partirem somente meia hora depois da nossa ida isso dará tempo pra perceber se estamos sendo seguidos.

-Ótimo! Quando chegarmos ao pinga faremos a reunião do conselho. Iacoruma parou um pouco e disse ao amigo.

–Eu devia ter ouvido você, nós devíamos ter atacado ontem!

Mas o amigo retalhou.

– Você fez uma promessa aos deuses de nossos pais pela vida do seu filho e sua mulher e eles lhe atenderam, você tinha que cumprir a dança do torem, nada justificaria se a promessa fosse quebrada.

-Obrigado irmão! Agradeceu Iacoruma.

Seguiram para o pinga, só os chefes sabiam do perigo que estavam passando, mas foram tranquilos ate a tribo onde lá iriam bolar um plano de ataque. Dez guerreiros ficaram para ver se os capangas do coronel não os perseguia. Já nas proximidades do pinga os guerreiros descobriram e mataram dois capangas do coronel, mas eram quatro que havia se dividido em duas duplas e só uma fora pega. Os outros dois homens conseguiram fugir sem os índios perceberem.

CAPÍTULO XVI

A RESPOSTA DA CAPITANIA

Os maltrato do coronel com os índios já era do conhecimento da província de Pernambuco, e por solicitação do Frei Josué que se dirigiu àquela localidade após saber da brutalidade do coronel ao matar sua tão querida sinhá e por perceber que os índios e negros sem armas seriam derrotados facilmente pelos homens do coronel solicitou através de seus companheiros a ajuda armada da capitania, levou provas das maldades do coronel e relatou o que estava acontecendo na região sul da Ibiapaba. O governo providenciou confiscar todos os bens do coronel para dar aos índios potiguaras como forma de reparar os danos causados aquela tribo. O capitão-mor Domingos Simão Jordão ordenou em 22 de outubro de 1735 a formação de uma cavalaria de duzentos homens e cinquenta índios para travarem batalha com os capangas do coronel e arcabuzar com todos. Como o relato de Frei Josué era de urgência os homens se prepararam para partir imediatamente.

Naquele Momento chega ao Junco os dois capangas que perseguiram os potiguaras.

- Coronel! Descobrimos o paradeiro dos índios!

- Desembucha homem onde estão?

-Numa região seca pras bandas do por de sol, nossa parada foi curta porque os índios já desconfiavam, pois mataram os outros dois homens que nos acompanhavam.

-Malditos! E vocês eles deram fé?

-Claro que não coronel se assim fosse nós não estaríamos aqui pra contar a estória.

-Muito bem, fizeram um bom trabalho, vão descansar.

O coronel se virou para o capitão Teodoro e pergunta.

-O que acha da situação capitão?

O velho cocando a cabeça faz uma moganga e responde.

- Como Joaquim falou patrão os fugitivos têm pouca água e alimento, mas nós também estamos em situação difícil, afinal são mais de cem caboclos para dar de comer e quanto mais cedo nós derrotarmos esses malditos melhor para o senhor.

-Tem razão capitão vamos atacar nestes três dias.

Naquele momento na tribo o conselho de guerra fazia sua reunião, estavam os guerreiros potiguaras e tabajaras, no comando Iacoruma e Mandu, por parte dos negros Mariano comandava sendo assim um orgulho para Esmeralda.

-Grandes guerreiros a batalha final se aproxima e o que ta nos preocupando é que além dos dois capangas que foram mortos vieram mais dois pelas pegadas dos cavalos descobertas pelo vigilante o que significa que o cão branco já sabe do nosso paradeiro e nos atacara o mais breve possível.

Dizendo assim Iacoruma demonstrava preocupação com as crianças, mulheres e velhos, pois sabia que o coronel não teria dó de ninguém estava com um mau augúrio. Mandu completa a conversa.

-Complementando o que Iacoruma esta dizendo é que precisamos montar uma barreira humana na várzea dos carnaubais, pois lá nós teremos mais chance de derrotar os capangas do coronel com seus paus de fogo.

Um dos acácios observando a preocupação dos dois jovens chefes pergunta.

- E a aldeia quem ficara vigiando?

-Apenas alguns negros e guerreiros potiguaras, afinal eles iram precisar assim como nós de todos os homens na batalha.

Respondeu Mandu.

E assim o conselho decidiu mandar alguns guerreiros pro morro dos ventos fortes pra ver o movimento da fazenda do coronel Frederico e todos ficariam de prontidão pra qualquer eventualidade. No dia seguinte apesar da normalidade das tarefas de negros e índios havia uma tensão no ar como se fosse predestinado acontecer algo de ruim. Iacoruma ao acordar é sondado Por Esmeralda.

-Você esta muito preocupado não é?

-Nunca mentiria pra você Esmeralda, mas existe dentro de mim uma tristeza muito grande como se algo muito triste vá acontecer.

Esmeralda passa as mãos no rosto do esposo e comenta.

-O que tiver que acontecer acontecerá isto ta escrito nas estrelas e nós somos muitos pequenos pra entendermos os desígnios de Deus.

Observou Iacoruma vendo seu filho e continuou.

– O importante é que nosso filho tenha liberdade e que os filhos dele contem a estória do grande Iacoruma.

Quando Iacoruma ia saindo de sua tenda chega dois dos guerreiros que estavam de vigia no morro dos ventos fortes e se dirige a ele.

-Grande chefe pelo que notamos na fazenda do demônio eles se prepara pra nos atacar hoje.

-Porque diz isso?

- Todos os cavalos e armas estão sendo preparados.

Naquele momento chegava Mandu ouviu a conversa e falou a Iacoruma.

-Não temos mais tempo precisamos coordenar nosso povo para retalhar o ataque.

Urgentemente todos se reuniram e após alguns minutos a tática de guerra era planejada, pois muito tempo estava sendo discutida. Cada negro e índio já sabia de suas funções e dariam a vida para defender a liberdade de seus filhos.

CAPÍTULO XVII

A GRANDE BATALHA

Naquele momento na fazenda do coronel.

-Coronel o senhor sabe mesmo o que ta fazendo?
Perguntou o capitão Teodoro.

-Tu és besta capitão, já participei de dezenas de batalhas contra os espanhóis e num será um bando de pé rapado que iram me destruir.

-Me perdoe coronel, mas do jeito que os homens estão se preparando é certo que os índios estão sabendo do ataque, afinal todos sabemos que eles estão de vigia no morro dos ventos fortes.

-Você sabe porque eu sou coronel e não um simples capitão?

Teodoro não respondeu, então o coronel continuou.

-Claro que eu sei que os pés rapados estão nos observando e pelo que eu conheço de guerra eles nunca deixariam nós chegarmos a aldeia, tentarão nos atocaiar no caminho e esse é o meu objetivo.

-Mas coronel nós ficaremos a descoberta.

-Pois se cuide capitão essa é a sua missão, não me importo se todos os negros, índios e esse bando de capangas morrerem no campo de batalha, eu quero é a escrava e custe o que custar, eu vou conseguir.

O coronel saiu e o capitão ficou a pensar.

-Esse velho enlouqueceu de vez.

Ao passar do tempo os homens sob ordem do coronel rumaram em direção a aldeia dos índios potiguaras, era mais de cem homens com o objetivo de massacrar homens, mulheres e crianças, pela ordem do coronel não era pra ficar um vivo com exerçam de Esmeralda.

O trote dos cavalos deixava no caminho uma poeira fina, os índios já estavam no caminho para interromper a viagem dos capangas. Naquele momento Joaquim que é o vigia do capitão Teodoro retorna das terras dos potiguaras e relata os acontecimentos.

-Coronel, os índios deixaram a aldeia e estão atocaiados no caminho a espera dos nossos homens para travarem a batalha.

Era isto que o coronel esperava.

-Quanto à tribo como ficou sendo vigiada?

-Poucos guerreiros no máximo dez.

O coronel deu uma risada e falou.

-Capitão leve os homens para o confronto procure um local mais Catanduva, pois assim a batalha se dará à vista. Eu e mais quinze iremos pelas costas do morro dos ventos fortes surpreender a aldeia e aniquilar com os que ficaram lá.

Nesse momento o capitão entendeu o plano do coronel, sabia que ele tinha esmado todo o plano. No confronto oitenta homens armados derrotariam os índios e negros com muita facilidade, pois eles tinham poucas armas de fogo, enquanto o coronel atacaria a aldeia e destruiria tudo e todos, pois lá estava a deriva. Assim o plano foi colocado em prática. Quando os índios avistaram os capangas foram surpreendidos com a ordem do capitão de se esconderem o que significava que sabiam onde se encontravam os índios.

-Malditos! Eles sabem que estamos aqui. Comentou Iacoruma.

-Ficou mais difícil combatê-los Iacoruma, apesar de sermos em maior numero eles tem muitas carabinas o que Poe em risco a vida dos nossos guerreiros.

Mas já era tarde demais para bolar outro plano, a única opção era enfrentar os capangas do coronel para evitar sua ida a aldeia. Mandu comentou.

-Não estou gostando Iacoruma não vejo o cão branco e isso é mau sinal.

Enquanto a batalha não dava sinal de começar, o coronel chegava nas proximidades da aldeia, desceu do cavalo e fica a observar um amontoado de casebres dos negros e dezenas de ocas dos potiguaras e tabajaras. Observou que a maioria eram crianças, mulheres e velhos, dava pra notar apenas algum guerreiro em pontos estratégicos, olhou por alguns minutos e ordenou.

- Joaquim leve alguns homens e elimine os vigilantes.

- Certo coronel. Pedro chame mais seis e vamos.

Um por um dos guerreiros que estavam de vigia foram mortos, quando Joaquim sinaliza para o coronel que a aldeia estava pronta pra ser atacada. O velho chama Joaquim com os capangas e passa o plano.

- Prestem atenção no primeiro momento não quero matar ninguém a não ser algum que tentar revidar, mas o primeiro tiro será meu.

Os Quinze homens desceram o morro e de longe foram vistos pelo povo da aldeia. Houve um alvoroço de correria, Esmeralda percebeu que era o coronel e prontamente colocou seu filho nos braços de Jurema.

- Segure meu filho Jurema, sob nenhuma hipótese o coronel deve saber que ele é filho de Iacoruma.

- Meu Deus ele vai matar a todos.

Mas Esmeralda destinava as intenções do coronel, sabia que seu plano era pra vir buscá-la.

- Ninguém vai morrer Jurema se acalme.

Não houve um só tiro afinal todos os guerreiros estavam na batalha da várzea. O coronel se aproxima e

é recebido por Esmeralda que não demonstrou medo algum. O coronel mostrava seus dentes num ar de vitória, montado em seu cavalo e rodeado de peões, então falou pra rapariga.

-Ora mais que surpresa! Há muito tempo espero este dia, bolei este plano por noites adentro e sonhei entra nesta maldita aldeia sem dar um tiro, apenas mostrando a este punhado de vermes que quem manda aqui sou eu. O velho parecia um rei com seu cavalo majestoso e a segurança de ter vencido a batalha. Olhou mais uma vez para a aldeia, para o vale e disse ironicamente.

- É não conhecia estas terras, mas já dá pra perceber que são boas para a criação de gado, pois as arvores são poucas e como me consideram um dendrófobo as terras são ótimas e como o gado já se encontram aqui então será meu novo ponto de criação.

Depois de acender um charuto deu uma baforada e continuou.

-Você sabe quais são as minhas intenções não é mesmo? Mais uma vez vou lhe deputar o direito de salvar a vida desses imundos e é simples você apenas vem comigo abandona seu filho e o maldito índio que nesse momento deve estar morto.

Esmeralda gelou por duas vezes, primeiro porque achava que o coronel não tinha conhecimento de seu filho e segundo porque mais uma vez achava que Iacoruma estava morto. Pensou um pouco e falou.

-Não precisa matar nenhum inocente coronel eu irei com o senhor pra onde quiser.

O coronel comentou com o olhar sábio.

- Eu já sabia disto, afinal se você não fosse seria responsável pela morte de dezenas de índios e negros, como também desta vez não ira fugir, pois iremos pra longe destas terras.

Naquele momento um velho índio tenta golpear o coronel.

- Morra maldito!

Mas antes de golpeá-lo é impedido pelos capangas que atiram matando-o instantaneamente.

-Não! Pelo amor de Deus, Não! Solicitou Esmeralda.

O coronel deu uma gargalhada e falou.

- Ora mais que coragem, tentando defender a rainha dos potiguaras. Olhou ao redor e conclamou.

-Mais algum herói que queira defender sua rainha?

Esmeralda suplicou.

-Pare coronel! Você terá o que quer, deixe-os em paz!

Esmeralda apenas solicitou se despedir de seu filho e o coronel permitiram comentando.

-Vá mais seja rápida! O povo me condena como má pessoa e não percebem que hoje eu salvei a vida de muitos!

Deu uma gargalha.

Naquele momento a batalha na várzea dava inicio, de um lado centenas de índios e negros a maioria a cavalos e de outro dezenas de homens do coronel todos trazendo esmerilhão, o campo da batalha era aberto e o confronto seria frontal, apenas algumas carnaúbas estavam intervindo na batalha. De um lado partiu os homens em gritos entéricos e do outro o grito de guerra dos tabajaras e potiguaras, ao longe se ouvia o barulho das patas dos cavalos indicando que seria uma batalha de morte. Iacoruma e Mandu iam à frente conduzindo os seus para a corrida da liberdade. Ao longe Iacoruma viu o Capitão Teodoro e foi ao seu encontro para travar luta, pois sabia que muito sofrimento havia sido causado pelo capitão. A guerra foi sangrenta, muitos índios tombavam aferidos pelos tiros das carabinas e muitos capangas do coronel cambaleavam com flechas

certeiras em seus corações. Ao se encontrarem travaram lutas individuais através de punhais ou espadas, numa destas lutas Iacoruma acertou o peito do capitão Teodoro lhe tirando a vida. Mas a luta dava sinal de vitória aos homens do coronel que eram mais experientes nas batalhas apesar dos índios usarem o bororé em suas flechas, mesmo que Mandu e Iacoruma derrubassem muitos homens os índios pareciam cair ao chão com mais facilidade. Quando parecia tudo perdido ao longe se ouviu um barulho de centenas de cavalos chegando na várzea, eram os homens da capitania com o frei Josué à frente. Naquele momento os capangas do coronel morriam aos montes e os outros fugiram sendo perseguidos pela cavalaria, mesmo assim a batalha durou mais uma hora. Mandu e Iacoruma se alegraram com a vitória. O frei Josué apresenta aos dois chefes o comandante da cavalaria.

-Senhores da terra este é o capitão-mor Domingos Simão enviado pela capitania para ajudá-los a derrotar o coronel.

- Bendita ajuda Senhor, sem os vossos cavaleiros seria impossível derrotar os homens do coronel.

Disse Iacoruma e Mandu completou.

-Sabemos que podemos conviver com o homem branco com exerçam de canalhas como o coronel, muito prazer capitão sou Mandu da tribo dos tabajaras e este que vos falou é Iacoruma chefe dos potiguaras.

Iacoruma nada disse, mas percebeu ao lado do Frei Josué o negro JB, agora entendia porque o moleque tinha sumido, estava morando com o Frei e ficou feliz com o destino do negrinho.

O capitão Domingos Simão é um homem de aparência forte e confiante, com a farda das cores da coroa de

Portugal se apresentava impecável e era muito simpático.

- É uma honra trabalhar junto aos senhores, já me falaram muito das suas batalhas, principalmente pelo nosso amigo Frei Josué. Há muito tempo que a capitania devia ter mandado capturar e prender o coronel Frederico Feitosa, afinal seus irmãos no Alto Jaguaribe foram presos, pois desobedeciam as ordens da coroa e viviam em guerra com a família do Monte. Naquele momento os feridos eram ajudados pelos homens da cavalaria e os mortos eram enterrados se fossem negros ou cremados se fossem índios conforme a crença de cada um. Muitos arcos foram perdidos, mas todos se sentiam orgulhosos, pois a vitória fora completa. Neste ínterim Mandu retorna a falar com Iacoruma de sua preocupação com a ausência do coronel.

- Meu irmão Iacoruma estou com um mau pressentimento, o cão branco não apareceu na batalha deve ta planejando algo ruim.

Imediatamente Iacoruma lembrou-se de Esmeralda e da aldeia.

-Esmeralda!

Pegou seu cavalo e partiu a galope rumo ao Pinga sendo seguido por todos os cavaleiros inclusive os da capitania. Quando lá chegaram tiveram a grande decepção de não encontrar Esmeralda. Jurema aos prantos explica a Iacoruma o acontecido.

-Iacoruma o demônio esteve aqui! Levou Esmeralda!

As palavras de Jurema foram como punhaladas no coração do jovem chefe que perguntou apressadamente.

-Caran! Cadê Caran!

Jurema explicou que a criança estava aos seus cuidados. Iacoruma feito louco e sem querer planejar nada pega

sua machadinha e ruma a procura do coronel. Mandu e o comandante da cavalaria dividem os homens em turmas de quarenta e ordenam que sigam em diversas direções em busca do cão branco. Os feridos foram ser cuidados pelas mulheres da tribo.

O DESTINO

Naquele momento o coronel que tinha evitado a batalha prosseguia rumo as terras do norte. Esmeralda sem dizer uma palavra seguia junta. Joaquim retorna do local da batalha e comunica ao coronel.

- Coronel está tudo terminado! A batalha foi nossa! Não sobreviveu um índio ou negro, todos estão mortos inclusive os dois chefes.

Joaquim não tinha ido ao local aquilo era outro plano pra mostrar a Esmeralda que tudo havia terminado e que sua única opção era seguir com o coronel. O velho olhou pra Esmeralda e comentou.

- Esta vendo Esmeralda tudo terminou se você e o índio não tivessem inventado esse namorico nada disso tinha acontecido.

Dos olhos de Esmeralda corriam lágrimas e ela pensava, como viver com um homem tão ególatra, como viver longe de Caran? Os seus pensamentos foram interrompidos pela ordem do coronel que mesmo sem saber do resultado da batalha acreditava piamente que tinha vencido. Ordenou que acampassem esperando o capitão Teodoro e seus homens.

-Joaquim ordene os homens para apearem aqui pra esperarmos o restante dos capangas.

E assim foi feito, no fundo o coronel acreditava na vitória, afinal não tinha como ser diferente, os índios não tinham a capacidade com seus arcos de enfrentar

mais de cem homens bem armados. Eles se encontravam após o morro dos ventos fortes, o coronel se distanciou um pouco dos demais e começou a refletir. Teria que ordenar o retorno dos capangas a aldeia e matar a todos, mais uma vez chama o capanga Joaquim.

-Joaquim retorne ao encontro dos demais, leve-os a aldeia e mate a todos não deixem um só vivo, a não ser o filho de Esmeralda traga-o!

Esmeralda mesmo distante ouviu a ordem do coronel e se desesperou.

-Não!Seu desgraçado você prometeu! Seu maldito!

-Estou sendo bom deixando seu filho vivo, era pra você desde o início ter trazido, pois sua mente ainda está lá! Pare ou será pior!

Esmeralda bofeteava o coronel

Na luta entre os dois Esmeralda pegou uma pedra e deferiu um golpe na cabeça do coronel que cambaleou ao chão desacordado. Esmeralda sem pena pula em cima do coronel e quando ia deferir outro golpe é alvejada por uma bala que atravessa seu peito, Esmeralda cai quase sem vida, o coronel continuava em coma, Joaquim e seus capangas amarram Esmeralda num tronco de carnaúba e passam uma corda em seu pescoço fazendo dois cortes nos punhos da morena, o coronel ao acordar ver sua amada sangrando e pergunta quem foi que fez tal desgraça. Joaquim achando que tinha agido correto se pronunciou.

- Fui eu coronel! A desgraçada ia matá-lo!

O coronel saca sua arma e descarrega no seu capanga.

- Filho de uma égua! Cachorro! Você destruiu todo o meu plano!

Olhou para o corpo da mulata e se ajoelhou dizendo palavras desconexas.

- Meu amor! Maldita! Não me amou por um segundo!
Preferiu morrer! Desgraçada!

Quando os capangas começavam a selar seus cavalos para prosseguir viagem foram surpreendidos por Iacoruma que com sua machadinha matando um a um. Iacoruma desce do cavalo e ver o coronel, puxa seu punhal, o coronel ao velo levanta-se e brami.

- Maldito a culpa é sua! Você destruiu tudo que era meu, agora vai para o inferno!

Iacoruma nada dizia apenas se preparava para a luta, o coronel partiu rumo ao guerreiro e a luta foi travada através dos punhais, mas rapidamente Iacoruma acerta o coração do velho deixando-o acurvilhado, o velho foi cambaleando vagarosamente segurando com força nas mãos de seu opositor que desferi outro golpe em sua garganta.

- Isso é pelos filhos da terra canalha! E isso é por Esmeralda!

Dizendo assim corta os dois pulsos do coronel abandonando-o no chão.

CAPÍTULO XVIII

A DESPEDIDA

O ódio em Iacoruma é imenso, olha pra Esmeralda quase sem vida, tira as cordas de seu pescoço e do corpo e a deita numa grama, Esmeralda ainda respirava, seus olhos mesmo naquele momento brilhavam. Com voz pausada e baixa diz.

- Meu guerreiro! Meu amor!

Iacoruma chorava como criança, mas solicita a amada.

-Não fale! Vou levá-la pra tribo e você vai se recuperar.

Esmeralda dá um sorriso e fala.

-Não! Você sabe que estou de partida e quero lhe pedir algo, quero que você me prometa.

-Não! Você não pode me deixar!

Naquele momento chegavam os outros guerreiros com Mandu, o Frei Josué e os comandantes da cavalaria, mas apenas observaram o que estava acontecendo nada mais poderiam fazer para evitar o inevitável. .Mais uma vez Esmeralda pede a seu amado.

-Iacoruma! Me prometa que serei enterrada no vale dos carnaubais, que a partir de hoje você irá lutar por esta terra, que nosso filho será lembrado no futuro pelos que aqui viverem! Me prometa!

Iacoruma não queria aceitar o inevitável, mas acabou concordando.

- Eu prometo!

- Me prometa erguer uma capela para Nossa Senhora Auxiliadora e que todas as terras serão distribuídas para todos os escravos! Console Jurema, Mariano e outros, por favor! Eu estou indo pra perto do Deus dos jesuítas

e não quero tristezas quando foi conseguida a liberdade de nosso povo! Prometa!

- Eu prometo!

-Me prometa que não guardara rancor nem ódio de ninguém!

- Não posso Esmeralda perdoar o cão maldito!

- Faça um esforço pelo bem do nosso filho e por esta terra que tanto amamos!

- Prometo que farei tal esforço.

-Chame o Frei Josué!

Não foi preciso chamar, pois ele estava do lado.

-Diga minha filha!

-Frei Josué, ajude Iacoruma a dar liberdade a estas terras com justiça e paz.

-Eu farei isso minha filha.

Esmeralda olha pra Iacoruma que chora como criança e pedi.

- Vou esperá-lo meu amado, o outro lado é só uma passagem, a partir de hoje quando veres nos montes ou nos rios uma luz parecida com uma bola de fogo serei eu a olhar e defender estas terras que tanto amo. Iacoruma beije-me!

O jovem guerreiro beijou suavemente os lábios da morena que deu o último suspiro em seus braços. Iacoruma soltou um grito de desespero que ecoou nos quatro cantos daquela terra, sua ação era esquarterar o cão maldito, mas com o pedido de sua amada ele apenas o deixou como alimento para os urubus. Naquele momento ele entendeu as palavras do pajé da tribo quando falou que a liberdade do seu povo teria um preço muito grande. Enquanto Iacoruma observava sua amada Mandu e os outros guerreiros fizeram uma maca improvisada e dez guerreiros levantaram o corpo da mulata, naquele momento a tristeza era vista em cada

olhar, o valente guerreiro parecia um menino em busca de conforto para a alma. Seguiram para o vale dos carnaubais, Esmeralda irá ser enterrada conforme pedira como uma católica e não como uma potiguara onde os corpos eram queimados até as cinzas. No percurso mais guerreiros e cavaleiros se ajuntavam ao cortejo. O caminho para a várzea dos carnaubais ficou repleto de cavaleiros, índios e negros, eram num total de quatrocentos e trinta homens. O percurso foi difícil, mas necessário, ao longe se percebia uma caligem como se o céu reclamasse o ocorrido, mesmo naquela situação Iacoruma pede a Mandu que mandasse pegar os amigos mais chegados a Esmeralda na localidade do Pinga. Jurema, José Maria, Maricota, JB e principalmente seu filho Caran. O local a onde Esmeralda vai se enterrar é esplendoroso, um vale de carnaúbas com lagos cristalinos e enfeitados de rosas brancas. Do local onde houve o inevitável para o carnaubal era apenas um quilômetro, mas parecia uma eternidade de tempo e espaço. Ao chegarem ao local fizeram um túmulo simples e depositaram os restos mortais da libertadora dos potiguaras. Lá já estavam o restante da tribo que tinha vindo do pinga, mas antes que acontecesse o que Esmeralda temia e que pedira a Iacoruma este sobe a um monte que dava pra ver quase todos os companheiros e disse em voz alta.

- Meus irmãos e amigos, todos os dias de minha vida sonhei com a liberdade do nosso povo, acreditei cegamente na promessa dos nossos antepassados que um dia apareceria uma deusa em forma de mulher para nos dá forças para conseguirmos nos livrar do cativo, mas o destino é cruel nos deu a liberdade física, mas aprisionou o meu coração na dor, no entanto cada dia que eu viver vou cumprir o que prometi a Esmeralda,

em dejúrio prometo que esta terra nunca mais será de escravos e sim de homens livres de pensamento e fé. Suas ultimas palavras foram de amor, fé e paz. Suas ultimas palavras foram pedidos que comungo com todos vocês, nada de tristeza! Nada de amargura, pois Esmeralda deve ser lembrada por seu sorriso, sua meiguice, sua simplicidade.

Iacoruma parecia ter encontrado forças nas lembranças de Esmeralda, seu espírito trazia uma paz que emanava para todos, Jurema, Mariano e os outros encontravam conforto nas palavras de Iacoruma que estava um verdadeiro brandíloquo. Frei Josué que estava ao lado do tumulto de Esmeralda olhou para uns pés de sabiás mais adiante e por certo viu um vulto que parecia ser Esmeralda que dava um sorriso de felicidade, mas aquilo durou apenas alguns minutos e ele voltou a ouvir as palavras de Iacoruma.

- Cumprirei a minha amada todas as promessas que lhe fiz, tudo será dividido com todos e esta terra será sempre lembrada por nossos descendentes como uma terra de justiça, de paz e de humildade, que assim seja escrito e que assim se cumpra!

Iacoruma foi aplaudido por todos, naquele momento ele demonstrava maturidade e ações de um verdadeiro chefe dos filhos da terra.

Todos irão retornar ao Pinga, com exceção do capitão-mor Domingos Simão que pediu permissão para seguir viagem rumo a capitania de Iço.

- Senhor Iacoruma chefe dos potiguaras, o nosso objetivo nessas terras foi alcançado, portanto comunico que eu e meus homens iremos partir para a vila de Ico esperar novas ordens da capitania, quero apenas salientar que no meu relatório esta terra do sul da Ibiapaba será destinada aos potiguaras de comum

acordo com os índios tabajaras, no entanto, se alguns dos seus guerreiros quiserem terras demarcadas pras bandas dos inhamus terão todos os direitos que segue o conselho ultramarino.

Num aperto de mão o capitão se despediu dos guerreiros e ao falar com o Frei Josué dá um aperto demorado e diz.

- Há muito tempo tinha uma grande admiração pelo senhor, mas agora isso duplicou, obrigado meu velho amigo, cuide desses índios que tem bravura e são homens de verdade.

O capitão subiu em seu fioso corcel mandou o corneteiro dá o sinal da partida. Um som ecoou em todo o carrasco e os cavaleiros em fileira dupla seguiram em frente com a missão cumprida. Ao longe o capitão deu uma parada acenou um a deus e por trás das matas desapareceu com seus homens de luta. Iacoruma olhando para seus amigos comenta.

-Grande homem!

Mandu complementou.

- É verdade, pena que não pode ficar para nos ajudar na reconstrução das casas para os escravos, do engenho, das plantações, em fim de uma nova vida.

Iacoruma riu e falou.

-E de uma capela pra o Frei Josué!

-Muito bem meu filho, muito bem.

Iacoruma vai até Jurema que estava com seu filho, pega-o nos braços e percebendo as lágrimas no rosto da mulata diz.

- Vou precisar muito de você Jurema, quero que Caran tenha uma mãe e tenho certeza que Esmeralda escolheria você.

A mulata sem dizer nada apenas concordou com um gesto. Mariano é quem não saia de perto do tumulto de Esmeralda, percebendo Iacoruma vai ao seu encontro.

-Precisamos ir meu irmão, Esmeralda não mais se encontra ai, seu espírito já vaga nestas terras olhando e nos defendendo dos espíritos maus.

Mariano levanta a cabeça e diz com ódio no coração.

- Eu devia ter matado o velho! È minha culpa!

- Iacoruma sentiu dó do jovem, o pegou pelos braços ajudando a se levantar dizendo.

- Não é culpa de ninguém a não ser da ambição, inveja e falta de fé do coronel, mas precisamos prosseguir para cumprirmos as promessas feitas a Esmeralda e tornar essas terras mais justas e livres.

- Está bem.

. Respondeu Mariano.

CAPITULO XIX

A RECONSTRUÇÃO

Todos seguiram para o Pinga, muitos cansados e decepcionados pelo ocorrido, mas nada foi em vão, pois no final alcançaram o que mais alvejavam que é a liberdade. Os dias se passaram e muitos usavam arbim em homenagem a Esmeralda. A cada dia saía do pinga um aglomerado de negros e índios para as novas terras que Iacoruma estava dividindo, para todos era dado cavalos, gado e ferramentas para o trabalho, agiam em forma de mutirão, quando algumas famílias estavam estabelecidas partiam para ajudar outras. Com o tempo o próprio capitão Raimundo Almeida das Flores antigo meeiro do coronel que cuidava das terras do Junco foi atrás de Iacoruma. Chegou em um cavalo magro, sem jeito mais com um propósito, desceu do cavalo e foi ao encontro do grande guerreiro que ajudava a construir uma casa para Maricota e Mariano.

- Bom dia patrão! O senhor é o chefe!

- Atualmente um colaborador como todos, pois nos tornamos uma nação de brancos, negros e índios, o senhor é?

- Me desculpe não ter me apresentado sou capitão Raimundo Almeida antigo empregado do coronel, vim colocar a sua disposição às terras do Junco como também todos os animais e os meus préstimos se assim o senhor quiser.

Iacoruma se espantou com a ação do homem, mas sabia que as notícias corriam e quem não colaborasse tendo como objetivo um por todos e todos por um seria expulso das terras.

- Muito louvável sua ação capitão, vejo que os tempos mudaram. Entre a casa não esta terminada, mas já temos um bom café feito por Maricota, o senhor lembra dela?

- Claro que sim Maricota acompanhava o coronel por longa data.

Iacoruma percebeu no homem bons motivos para perdoá-lo, afinal era um pedido de Esmeralda esquecer o passado e trabalhar no presente esperando um futuro melhor.

- Muito bem, ontem alguns homens foram por aquelas bandas e perceberam que as terras são boas para o plantio já que possuem muitos olhos d'água inclusive batizaram uma localidade com este nome e fica próximo ao senhor.

- É eu os vi. Então resolvi procurar o senhor, pois admiro o seu trabalho.

-Muito bem sei que nas terras existe vacas leiteiras, porcos e outros animais, nós vamos distribuir com as famílias, o senhor continuara nas terras com uma parte dos animais e quanto ao futuro vai ficar a cargo de cada um, o sucesso dependerá do trabalho.

- Assim será meu senhor.

Como prometera Iacoruma distribuía as terras e os animais com bastante justiça, mas a partir daquele momento cada família ou grupo de famílias dependia de seu trabalho. Frei Josué no momento não queria saber de sua grande capela e sim de uma pequena que ele estava erguendo para Esmeralda no local onde se encontrava a cruz da bela escrava salvadora dos potiguaras. Com o tempo muitos diziam que ela havia sido enforcada, outros que sua morte deveu-se ao corte dos pulsos e outros que era da bala que atravessara seu peito, mas não faz mal o importante é que Esmeralda

prometeu que seu espírito irá vagar por estas terras em forma de uma bola de fogo aparecendo como aviso sempre quando por estas bandas tentasse chegar homens ambiciosos tipo o coronel. Os tabajaras continuaram ajudando os potiguaras na reconstrução da aldeia. Muito a zona sul deve aos tabajaras, com o tempo houve uma grande miscigenação entre índios e negros, como também de novos imigrantes que aqui chegaram. Depois de três meses após a liberdade os tabajaras procuraram Iacoruma para se despedir, antes de dizer uma palavra Iacoruma notou que se tratava de uma despedida.

- Sei que os guerreiros sentem saudades das suas famílias e pretendem partir.

Mandu meio brincalhão comentou.

- Não sei nem se vão me reconhecer após tanto tempo de ausência.

- Mandu meu irmão! Acredito muito em justiça e sei que um dia os futuros moradores destas terras saberão que Mandu um grande guerreiro tabajara foi o libertador do cativoiro.

De mãos dadas num forte abraço Mandu falou.

- Tudo começou com a vinda de Esmeralda que lhe deu crédito nas promessas de seus antepassados e tornou isso possível, não meu irmão o verdadeiro libertador deste povo foi você induzido pelo amor, pela confiança e pela fé. Lembre-se que os tabajaras só se tornaram como são devido às lutas dos jesuítas com a nação dos potiguares de catequizar nosso povo. Sou orgulhoso de ser seu amigo e mais orgulhoso ainda porque juntos combatemos a injustiça e o medo, você para mim é um abaetê.

Abraçaram-se demoradamente, um a um dos guerreiros vieram até Iacoruma para lhe dar um abraço e partiram.

CAPITULO XX

UMA NOVA VIDA

Em janeiro de 1736, Iacoruma vai ao encontro do Frei Josué, o eremita se encontrava no saco de São Bernardo, apesar de ter construído outra capela próxima a um pequeno aglomerado de casas que ficava a beira do rio nunca esquecerá sua capela no São Bernardo. Ao avistar Iacoruma foi ao seu encontro aos pulos e gritos acompanhado por JB.

- Iacoruma! Mas que surpresa boa, desça, desça! Fique bem à vontade. Olhou par JB e acrescentou.

-João Batista pegue café para o visitante menino.

- Com muito prazer Santo padre!

Antes de continuar com Iacoruma Frei Josué resmungava um pouco e fala baixinho pra Iacoruma.

- Ele ficou maluco! Só me chama de santo padre, se o nosso abade souber estarei excomungado.

Dizendo assim Frei Josué puxa um pequeno tamborete de madeira e manda o jovem guerreiro sentar. Iacoruma repele o Frei.

- Ele tem razão frei Josué o senhor é um santo ou nunca mais ninguém irá ser canonizado.

-Não brinque com essas coisas meu filho, sou um pecado igual aos demais.

O frei parou um pouco, olhou para o guerreiro e notou preocupação.

- Vejo você com muitas dúvidas meu garoto, o que se passa?

Iacoruma passa a mão pela cabeça, levanta-se um pouco, senta novamente e diz.

- Eu tenho sonhado muito com Esmeralda Frei Josué e.

Parou um pouco e foi ajudado por seu amigo.

- Eu sei, Iacoruma, desde criança você tem esse dom. É um dom de Deus meu filho, somente José teve como interpretá-los pela luz divina, mas se você esta sonhando com sua amada isso esta lhe maltratando?

-Não! Claro que não, ao contrario tem me ajudado muito na nova era desta terra, mas...

Parou um pouco porque JB entrou trazendo o café. O Frei percebendo solicita ao moleque.

- João Batista vá tirar leite da vaca, a vaca que Iacoruma nos deu.

O moleque sem entender diz.

- Santo padre a vaca só tem quatro peitos a pobre já deu leite hoje e ...

- JB vá!

Quando o frei chamava o moleque de JB era porque estava falando sério.

- Ta bom, ta bom, ele pensa que todo animal é santo como ele dá tudo pros outros.

JB saiu e os dois amigos ficaram a rir do moleque. Iacoruma continua.

- É que eu tenho sonhado muito com um pássaro voando e minha mente pede pra eu ir embora, o conselho ultramarino me ofereceu um trabalho na capitania e eu estou cheio de dúvidas sem querer abandonar esta terra que considero minha de coração e meus amigos que tanto confiaram em mim.

O velho frade riu, abraçou o amigo e disse meigamente.

- Meu amado filho, você precisa ir, você já fez muito por estas terras e por este povo, vá! Vá descansar o seu coração a sua alma, procure dar uma melhor vida a seu filho e deixe que todos já estão bem colocados e muitos outros cidadãos de competência chegarão por estes lados e darão continuidade ao seu trabalho com justiça,

bondade e amor, depois do seu trabalho teremos no futuro muitos mestiços e cafuzos nestas terras, Vá leve os seus consigo, afinal Esmeralda está do outro lado, aqui apenas seus restos mortais e deixe que enquanto eu viver sua capela será bem guardada.

Aquelas palavras pareceram ter tirado de Iacoruma uma tonelada de peso. Rindo Iacoruma falou.

-Obrigado santo frade! Eu vou! O senhor tem muita acrossofia.

Iacoruma retornou a aldeia que estava próxima ao rio, lá deu a notícia aos seus, muitos ficaram felizes e com ele iriam Mariano que a muito isso queria fazer, Maricota, Jurema, José Maria, suas duas irmãs e alguns guerreiros que eram inseparáveis do seu grande chefe. A aldeia se tornara pequena, pois muitos índios haviam recebido terras para suas famílias. A notícia correu toda a localidade desde a Baixa do cedro ao Buriti, desde o Pinga até o junco. Muitos pediram para o jovem índio não partir e outros em grande quantidade se juntaram ao mesmo para partir. E assim aconteceu Iacoruma partiu rumo aos inhamus deixando as terras por quem tanto lutou, mas em seu coração sabe que fez justiça e trouxe paz. Em seus sonhos obteve visões de que esse vale de carnaubais será no futuro uma grande metrópole com gente de bem e de paz e foi assim que nasceu o Berço de Ternura.

Fim

IBIAPABA. DATAS E ACONTECIMENTOS -

No ano de 1590 desembarcaram no Ceará os primeiros europeus. Foram os franceses sob o comando de Bombille. (Bombille foi encontrado estabelecido na Ibiapaba, ainda em 1604.).

Em 18 de janeiro de 1604, chega á foz do Camocim Pêro Coelho, donde, no dia seguinte, parte com sua comitiva para a Ibiapaba. Aí sustentou uma luta com os índios tabajaras, dirigidos por seus chefes Jurupariçu ou Diabo Grande e Irapuã ou Mel Redondo, amigos de Bombille, tomando este parte na luta com seus séqüitos. Naquele momento desfeito os tabajaras e presos os franceses, Pêro Coelho voltou a Camocim e continuou pela costa em direção ao Maranhão, mas voltou a Paraíba(Punaré), recolhendo-se a Nova Lisboa.

Em 20 de Janeiro de 1607, parte de Pernambuco a segunda turma de ocupadores do Ceará, com destino também a serra da Ibiapaba. Era dirigida pelos missionários Francisco Pinto e Luiz Figueira e eram acompanhados dos índios Potiguares, pois estes já disciplinados atraíam os selvagens para a catequese.

Em 11 de janeiro de 1608, os índios tucurijus matam na Ibiapaba o padre Francisco Pinto e seu companheiro Luiz Figueira foge do local que eles tinham fundado, o qual era conhecido por Ararenda.

Em 20 de abril de 1611, François Rosily, obtém da rinha Maria de Médici, despacho para fundar no Maranhão uma missão de padres franceses, dos quais foi chefe Claud d'Abuille que trabalhou também na Ibiapaba e escreveu interessantes memórias. Em 10 de setembro deste mesmo ano, por decreto, foram mandados por em liberdade os índios reduzidos a cativo por Pêro Coelho, como também os potiguares por sua missão terem terminado, o que deixou tais índios, vítimas da sorte.

Em 4 de setembro de 1706, Foi concedido ao sargento-mor dos índios da Ibiapaba, D. Simão de Vascellos, uma sesmaria de duas léguas com meia de largura em cada margem do rio Uberabucu, começando no lugar Itacolomy.

No ano de 1710, seguiram da Ibiapaba para o Mearim, no Maranhão, 600 índios flecheiros, destinados a baterem os selvagens dali.

No ano de 1713, os arerius levantaram-se contra os moradores do Acaraú, os quais com o missionário se foram abrigar na serra da Ibiapaba, onde os tabajaras se conservaram sob a direção do missionário jesuíta Ascenso gago.

Em 10 de janeiro d 1718, houve a concessão por solicitação do padre Francisco de Lyra, da companhia de Jesus, superior da missão da Ibiapaba, de sete léguas de terra, sendo três de D. Jacob de Souza Castro e toda a sua gente, duas ao mestre de campo José de Vasconcellos e duas finalmente ao capitão-mor D. Sebastião Saraiva e toda a sua gente, em consequência dos serviços prestados à catequese e civilização dos índios da Ibiapaba.

Em 10 de dezembro de 1720 a Provisão do Conselho Ultramarino, concedendo aos índios da Ibiapaba toda a terra que fica em cima dessa serra e ainda outra provisão proibindo sob pena severa, que os viajantes durmam nas aldeias indígenas, devendo recolher-se à casa dos Hóspedes, mandada preparar pelos missionários; isto, para evitar que tais viajantes seduzam e façam com eles fugir as mulheres e filhas dos índios.

Em 13 de agosto de 1721, provisão do Conselho Ultramarino, mandando que a aldeia da Ibiapaba ficasse, como dantes, na jurisdição da capitania do Ceará, revogada assim a resolução tomada para desanexar desta e reunir à do Piauí, conforme solicitava o governador do Maranhão. Esta aldeia, pelos anos de 1700 a 1720, constava de 4.000 casais de índios domesticados.

Em 26 de agosto de 1840 – Lei que transferi a Vila Nova de El-Rei (Campo Grande) para a povoação de Ipu.

Em 24 de setembro de 1843 – Lei criando a comarca de Granja, a qual fica anexada Vila-Viçosa, desmembrada.

Em 31 de agosto de 1848 – Lei criando a comarca do Ipu.

Pela lei n.527, de seis de fevereiro de 1850, foi criado o Distrito de São Benedito da Ibiapaba (Povoado) subordinado ao Município de Viçosa do Ceara.

Em 1872, a lei n. 470, de 18 de novembro, criava o município de São Benedito.

Em 20 de maio de 1883 – Alforramento em massa dos escravos de Fortaleza e Viçosa. Começo do serviço telefônico entre Fortaleza e Sobral.